
NARRATIVAS
DO BAIRRO
BELENZINHO



SORAYA FERREIRA ALVES

Audiodescrição da capa e da diagramação

A capa deste livro é da cor azul-céu. De tonalidade mais clara no topo, escurece gradativamente até a parte de baixo. O título do livro, "Narrativas do bairro Belenzinho", é de cor bege e encontra-se na parte de cima da capa. As letras são estilizadas e há duas faixas, uma fina e outra mais grossa, que margeiam o título em cima e embaixo.

Logo após o título, há a fotografia em preto e branco de uma moça, de 16 anos, com a mão direita levantada como a dar tchau. Essa moça é minha mãe. Ela é alta e magra. Tem os cabelos escuros até os ombros, olhos e boca pequenos. Veste uma saia rodada com listras claras e escuras na horizontal, que marca sua cintura fina. Usa também blusa e tamancos claros. Sorri ao posar para a foto. Ela está próximo a um portão que leva à rua. A foto, ligeiramente inclinada para a esquerda, tem moldurada cinza que parece estar gasta.

Após a foto, meu nome, Soraya Ferreira Alves, na cor azul-claro.

A diagramação do livro foi feita pela minha irmã, Adriana Ferreira Alves. As páginas são de tonalidade bege claro no topo e escurecem gradativamente até o final, dando a sensação de antiguidade. O sumário está em uma página com papel de fundo de uma colcha de retalhos em tonalidades de cinza. As letras são pretas. Embaixo dos títulos, consiste em uma linha azul como a capa. Uma linha ligeiramente curva, com dois riscos pequenos nas duas extremidades, o que dá a sensação de movimento, como o tempo que passa pelas várias narrativas. Todas as fotos estão emolduradas como a foto da capa, mas respeitam as molduras das próprias fotos que, em sua maioria, são brancas e lisas ou serrilhadas

NARRATIVAS DO BAIRRO BELENZINHO

Autoria: Soraya Ferreira Ales

Capa, arte e diagramação: Adriana Ferreira Alves

Fotos: Arquivo pessoal da autora

à minha mãe
ao meu pai

*"A vida está entre dois cagares:
o de mais e o de menos"*
Vó Urbana

PRÓLOGO

Já fazia algum tempo que eu queria escrever sobre as origens de nossa família. Tinha muitas ideias, mas não começava. Durante toda a minha vida escutei as histórias do meu avô, de minha mãe e do meu pai e sempre achei que um dia iria escrevê-las.

Durante a pandemia que assolou a humanidade, o tempo parecia não passar e então iniciei minha tarefa. A primeira história que escrevi foi “O retrato”, sobre meu primo Fernando.

Quando enviei o texto a ele, fiquei na expectativa de sua resposta.

Demorou algumas horas para me responder. Durante essas horas, pensei que pudesse ter achado uma invasão de minha parte. Comentei com minha filha: “Sofia, acho que ele não gostou do texto nem da minha iniciativa” .

Porém, ao final da noite sua resposta chega. Nem acreditei que ele não só tinha gostado como havia escrito vários complementos, como as condições da morte de seu irmão (pois a que eu sabia era uma versão menos violenta), de seus sentimentos com relação à sua vida e com a morte de sua mãe, usando palavras fortes que somente copiei e incluí no texto.

Agradeço imensamente a ele por ter se aberto e exposto o que sente. Foi bonito demais ver que Fernando, com sessenta e poucos anos, lembrava-se com carinho e delicadeza de brincadeiras de infância com minha mãe.

A partir daí, com empolgação, aos poucos fui desenterrando fotos antigas e me inspirando nelas para tecer as narrativas. Tive a ajuda de alguns familiares para me lembrarem de tantos fatos. Vou me referindo a eles nos textos que falam de si. Não foi fácil lembrar de tantas histórias, de tantas pessoas queridas para montar este álbum de família. Aqui a ambiguidade é proposital.

A primeira narrativa deste livro é sobre o quintal dos meus bisavós Urbana e José Joaquim, onde todos os seus 7 filhos que chegaram à idade adulta foram criados e moraram mesmo depois de casados, nos diversos apartamentos construídos ao longo do espaço. Todos os 7 irmãos já morreram. Alguns dos filhos desses também. Essa é a base do que conto aqui. Histórias de pessoas comuns que viveram no bairro do Belenzinho desde o início do século XX até a década de 70.

Ao todo são 14 narrativas com temas relacionados às minhas memórias, além das memórias de outros familiares, como meus primos Fernando, Eliana e Marlene; minha irmã Adriana e meu irmão Rogerio; meu pai, José; minha mãe, Walkiria; e Faustina, sua amiga.

Espero, com este álbum, preservar a memória dessa família que tanto me orgulho de fazer parte e inspirar novas gerações com histórias de luta, amor, amizade e perseverança.

Soraya Ferreira Alves, 2022

Apontamentos sobre fotografia

O que pretendo colocar aqui está longe de ser um curso sobre fotografia, mas algumas observações que podem auxiliar a pessoa com deficiência visual, ou mesmo enxergantes leigos, a apreciar essa arte. Para tal, tive a consultoria do fotógrafo Ruben Caeiro e da pesquisadora e audiodescritora consultora Viviane Queiroz, ela mesma pessoa com deficiência visual.

Começamos pela luz, que é um dos fatores mais importantes em fotografia. Ela é obtida a partir de certos mecanismos na câmera. Assim sendo, há um conjunto de definições presentes nas máquinas fotográficas semiprofissionais e profissionais que nos permite tirar uma boa fotografia, seja bem iluminada, com mais sombras, mais rápida, mais lenta, mais focada ou menos focada. Para isso, na hora de fotografar temos de escolher o modo manual da câmara, o que quer dizer que três mecanismos são totalmente definidos e personalizados pelo fotógrafo, de acordo com a técnica que queria usar. Esses 3 mecanismos fazem parte do Triângulo da Exposição e são eles: abertura (do diafragma), velocidade (do obturador) e ISO.

O obturador é o que controla o tempo de exposição do filme ou sensor da máquina fotográfica à luz, assim como a velocidade que uma fotografia é tirada. Dessa forma, podemos controlar a sensibilidade e rapidez da luz que entra na máquina na hora de tirar uma fotografia para que os motivos fiquem definidos. No entanto, as fotos podem ficar muito claras ou escuras, embaçadas, se esse dispositivo não for bem ajustado pelo fotógrafo. Penso que podemos fazer uma analogia com a sintonia de um rádio. Se há muito ruído, se as estações não são bem sintonizadas, não se entende o que está sendo falado ou cantado. É essa sintonia que o fotógrafo tem que alcançar para fazer uma boa foto.

Outro mecanismo é o diafragma, que controla a quantidade de luz captada pela câmera. Porém, ele faz isso de uma maneira um pouco diferente do obturador. O diafragma é um dispositivo composto por lâminas que aumentam ou diminuem a passagem de luz dentro das lentes da câmera. Assim, quanto mais aberto, mais luminosidade passa pela lente e, quanto mais fechado, menos luz. Podemos voltar à analogia com o rádio, mas agora, além da sintonia, o volume. Se ficar alto demais há uma perturbação do som, muito baixo não se entende. É preciso encontrar o volume que nos dê a compreensão, dependendo da vontade do ouvinte. Este pode, por exemplo, querer aumentar bastante o volume se quiser dançar, ou deixar bem baixinho, como um som distante, para dormir, sendo o som alto comparado a muita claridade, a ausência de som, ao preto e a gradação do som a escala de cinzas, ou seja, a mistura do branco e do preto

que cria contrastes entre claros e escuros e diferentes tonalidades, mas ainda assim há a ausência de cor. O mesmo acontece com o fotógrafo. É ele que vai controlar a luz de acordo com o efeito que quer provocar na imagem. Um ponto a ser considerado também, em se falando de luz, é o ISO, uma escala de sensibilidade de superfícies fotosensíveis, como o filme em câmeras analógicas, ou o sensor em câmeras digitais. Nas câmeras amadoras antigas o ISO era controlado pelos filmes que eram vendidos à época, ou seja, a pessoa escolhia o tipo de filme, se era um ISO menor para fotos à luz do dia ou ISO maior à noite e que variava, geralmente, entre 100 e 400. Estamos falando de fotos amadoras e não de estúdio, pois o fotógrafo profissional tinha mais recursos. Hoje, nas câmeras digitais, o ISO é controlado manualmente pelo fotógrafo, ou automaticamente pela câmera, e pode variar de 100 até valores bem altos, como 16.000 ou mais, dependendo da câmera.

Quanto maior o ISO maior a sensibilidade do sensor à luz ambiente. Portanto, em cenários escuros, tende-se a aumentar a sensibilidade ISO da câmera (para que a foto não fique escura) e em locais claros tende-se a diminuir o ISO para que a foto não fique superexposta ou “estourada”, ou seja, muito clara, sem a definição dos objetos fotografados. No entanto, o aumento do ISO pode fazer com que em certas máquinas em que o próprio sensor não é muito grande, as fotografias ganhem ruído, isto é, apareçam pequenos grãos na imagem. Este ruído pode adicionar um ponto de interesse à fotografia se for usado conscientemente, mas também pode fazer com que uma fotografia fique destruída e sem definição, já que temos que ter sempre em conta de que o ISO é como se fosse uma luz falsa que estamos a adicionar à fotografia.

Passemos agora ao foco. O foco é obtido por meio da relação entre a abertura e a velocidade do disparo. O resultado dessa relação determina quanto do objeto a ser fotografado está nítido ou não. Essa relação é gradativa e pode ser controlada tanto pelo fotógrafo, no modo manual da câmera, quanto no automático.

Talvez uma boa comparação com o foco seja a nitidez com que se lê em braile. Se o leitor passa seus dedos sobre um papel escrito em braile com uma boa impressão, esse seria um bom foco. Se a impressão não for boa e alguns sinais se perderem, o foco não estaria bem ajustado. Se um leitor de braile passa os dedos sobre uma superfície lisa, sem impressão em braile, essa seria uma falta total de foco.

A profundidade de campo é a área dentro do campo de visão onde teremos nitidez. Esta área pode ser curta, como nos casos em que o objeto mais perto da lente é enquadrado, como nos casos de um retrato do rosto de uma pessoa, ou longa, como nos casos em que tudo está enquadrado, desde o início até o campo de visão da lente, como por exemplo uma pessoa

e toda a paisagem atrás dela. Uma comparação que podemos fazer é da profundidade de campo com a ecolocalização, que pode reverberar de uma curta distância até um som infinito.

Temos ainda que falar do enquadramento. Há várias maneiras de enquadrar fotografias, isso vai depender se essas forem tiradas no sentido vertical, chamada de retrato ou na horizontal, chamada de paisagem. Um bom enquadramento não necessariamente é aquele que traz o objeto fotografado no centro do espaço da fotografia. Sem dúvida essa é uma maneira correta e alcança bons resultados. Pode-se também deixar o objeto mais relevante em um dos cantos e mostrar a paisagem ao seu redor. Fotos de pessoas olhando para o horizonte, em um dos cantos da imagem, são muito comuns.

Uma grande diferença entre o formato paisagem e retrato é que em paisagem a imagem parecerá mais espaçosa. O espaço criado pode dar à imagem uma sensação totalmente diferente. A mesma imagem tirada no modo retrato pode acentuar assuntos verticais, dando a estes maior importância. Isso vai depender do que o fotógrafo deseja que o espectador se concentre ao ver a imagem. Uma foto com mais espaço no fundo, no formato paisagem, pode fazer com que o assunto principal se torne uma peça de uma cena maior.

O enquadramento das figuras numa fotografia pode trazer àquele que a observa diferentes sensações. Sempre que utiliza uma câmara o fotógrafo tem que tomar decisões sobre o enquadramento, ou seja, como sua foto será composta. Muito provavelmente dois fotógrafos não enquadram a mesma cena da mesma forma. Isso porque cada fotógrafo tem um ponto de vista diferente. Mas, há algumas diretrizes que podem deixar a foto mais interessante.

Há a regra dos três terços. Podemos imaginar uma grelha com nove quadrados, formados por quatro linhas, duas na horizontal e duas na vertical, que dividem uma imagem. As câmeras modernas trazem a possibilidade de se olhar para a imagem dentro do visor já com a grelha. Um bom enquadramento seria aquele em que os quatro pontos de interseção se tocam. Porém, há modos de subverter essa regra, de acordo com o objetivo do fotógrafo.

Pode-se deixar o motivo principal em apenas um terço da imagem, e assim criar um espaço vazio à frente dele, que olha ou se direciona para esse espaço.

Falemos agora dos planos, que definem os limites do enquadramento. Como todas as fotos propostas nesse projeto são retratos de pessoas, pensemos então nas maneiras diferentes em que são enquadradas.

1- Plano geral: plano em que o corpo aparece por inteiro, dos pés à

- cabeça, e ainda pode dar maior informação sobre o cenário que compõe a cena, o ambiente, entre outras coisas. O mesmo se dá no caso da fotografia de uma paisagem. Tomemos por exemplo a foto de um vale, com casas e plantações, tirada do alto de uma montanha.
- 2- Plano americano: corta a(s) pessoa(s) na altura do joelho ou da coxa.
 - 3- Plano médio: a(s) pessoa(s) é(são) fotografada(s) da cintura para cima.
 - 4- Primeiro plano: é também conhecido como close-up e apanha o rosto e os ombros da(s) pessoa(s) fotografada(s).
 - 5- Primeiríssimo plano: este enquadramento aproxima-se da pessoa um pouco mais do que o anterior, capturando o rosto desde a testa até por baixo do queixo. Este plano consegue dar mais significado à fotografia, por vezes até mostrando intimidade e emoção.
 - 6- Plano detalhe: Este é o plano mais aproximado de todos, que capta uma pequena parte de um objeto ou do corpo. Tem uma alta capacidade expressiva, pois realça detalhes.
 - 7- Plongée e contra plongée: plongée é uma palavra francesa que significa mergulho. É como se a câmara mergulhasse de cima para baixo ou de baixo para cima. No primeiro caso, para dar a sensação de falta de poder, ou diminuição. E no segundo caso, para dar a sensação de poder, aumento de força ou crescimento.

Outro recurso seria constituir os motivos mais importantes da imagem a partir de linhas que direcionam o observador para uma zona específica da fotografia. Curvas também criam enquadramentos interessantes, pois seu objetivo é levar o olhar do observador a diferentes partes da imagem.

Os recursos das fotos que irei audiodescrever seguem padrões diferentes. Há várias fotos de estúdio, nas quais os recursos são melhores observados do que nas fotos amadoras. A começar pela qualidade do papel em que eram reveladas. As fotos de estúdio têm uma qualidade de papel melhor do que as amadoras. As primeiras são mais grossas, texturizadas, enquanto as outras são lisas e finas.

As fotos de estúdio são bem compostas, seguindo padrões estéticos predominantes na época. As pessoas não olham para a câmara, mesmo que fotografadas de frente. O olhar parece estar sempre acima do horizonte da câmara. O cenário pode ter detalhes, como plantas, mesas, cavalinhos ou charretinhas para as crianças, enfim, de acordo com a temática. Hoje em dia as fotos de estúdio ou tiradas em situação pelos fotógrafos, dispõem de muitos recursos.

Muitas fotos trazem a figura masculina como destaque ou em posição de evidenciar sua virilidade. Assim, os homens podem ser fotografados sentados, mas com a família ao seu redor, ou com as mãos na cintura, por

exemplo. As fotos de times de futebol apresentam sempre uma fileira inicial mais baixa.

As fotos de grupos, como escolares, são muito bem planejadas. Há como uma escadinha de tamanhos de alunos em uma escola, por exemplo. Os da frente estão sentados, de braços cruzados, os que vêm na segunda fila são um pouco maiores e os da fila de trás são ainda mais altos e em pé. As professoras ficam em pé nas extremidades das fileiras de alunos ou alunas.

Isso não difere muito das fotos de formatura de hoje. As alunas e os alunos continuam sendo posicionadas e posicionados da mesma maneira, mas já sem tanto rigor, tanto na pose como na escolha da roupa.

Até a década de 1960, as fotos tinham uma moldura branca e quase sempre serrilhada. Tanto as de estúdio como as amadoras. Essa característica foi se perdendo, e as fotos das décadas posteriores já não têm molduras; a não ser as fotos tiradas com câmeras Polaroid, de revelação automática. Essas têm uma moldura maior embaixo para que uma pessoa possa segurá-la enquanto a imagem é revelada.

As fotos de estúdio eram muitas vezes tiradas como objeto a ser ofertado a amigos e familiares e levavam escritos, na parte de trás, os motivos da celebração, como aniversários, batizados, primeira comunhão, ou até mesmo como prova de amizade. As pessoas vestiam suas melhores roupas, estavam bem penteadas. Crianças, ou amigas e amigos se vestiam iguais, se fantasiavam, enfim, a fotografia em estúdio era um evento que exigia produção.

Sem dúvida hoje há estúdios fotográficos com muito mais recursos, sem contar o grande número de fotos que são tiradas para posterior seleção. Porém, antigamente, os fotógrafos batiam uma ou duas chapas, pois o valor da revelação era muito alto.

É importante distinguirmos “poses” de “instantâneos”, pois estes últimos são tirados sem que se faça um arranjo especial, mas que são do interesse do fotógrafo documentar.

As fotografias do início do século XX podem variar entre preto e branco e sépia. As primeiras se misturam entre elas e geram a escala de cinzas. Assim, vários detalhes podem ser observados, mas não distintos pela cor, somente pela luz. As fotos em preto e branco mostram contrastes, ao invés de cores.

As fotos em sépia diferem-se por apresentarem um tom sutilmente amarelo avermelhado, terroso, dependendo do rolo de filme utilizado. É diferente de manchas do tempo, devido à má qualidade dos filmes e também à má conservação. Na pintura, muito antes da fotografia, o pigmento amarelo avermelhado era extraído de moluscos que possuem uma tinta que é usada para sua proteção. Essa tinta é expelida para afugentar predadores. O nome sépia deriva exatamente do nome desse

molusco. Esse recurso era bastante utilizado nas fotos antes dos anos 60. Hoje esse efeito pode ser usado tanto em rolos de filmes de câmeras analógicas, como em câmeras digitais, o que dá a impressão de antiguidade das fotos.

Algo comum em fotos de estúdio era a pintura sobre a foto. O fotógrafo revelava a foto e pintava as roupas das pessoas, o rosto, o cenário. Uma outra característica das fotos em estúdio era que podiam ter uma moldura ao redor da pessoa fotografada. Essa moldura era oval ou quadrada e feita de um papel cartão mais grosso do que a foto.

Na década de 1960, chega a fotografia a cores. Porém, não na mesma qualidade que se tem hoje, tanto nas câmeras digitais, como nos rolos de filmes para câmeras analógicas.

As tonalidades dessas cores não eram padrão. Podiam ser em tons pastéis, ou seja, bem claras, com pouca definição da imagem, como se houvesse uma neblina a envolver os objetos e os cenários. Podia também aparecer um granulado na foto, como um ruído que atrapalhasse a definição.

Outros tipos de rolos de filmes deixavam as fotos com coloração predominantemente roxa. As outras cores eram invadidas por essa coloração. Apesar da boa definição das imagens, o que se via era um tanto diferente do real. Essa era uma coloração típica dos rolos de filmes dos anos de 1960 e 1970.

Se, na hora da revelação do filme, por um descuido do fotógrafo, o rolo recebesse luz, a coloração podia também tender para o roxo. Esse efeito é replicado de propósito nas fotografias digitais de hoje em dia.

As cores também podem ser caracterizadas como frias ou quentes. Verde, azul e roxo são cores frias. Já o amarelo, o laranja e o vermelho são quentes. O fotógrafo, hoje, pode dar às suas fotos a coloração que quiser, pois, até nos celulares, há efeitos para que as fotos se pareçam com as fotos de antigamente, como o estilo vintage, que remete a tonalidades mais claras, dessaturadas, como as pastéis. Aqui podemos usar novamente à analogia com o rádio; os tons pastéis seriam o som não muito alto, mas bem sintonizado.

Uma foto de pessoas à praia, ou sob o sol, apesar de invocar o calor, se o cenário ou as roupas dessas pessoas forem predominantemente azuis, ou verdes, por exemplo, podem também dar a sensação de frio. O mesmo acontece com as cores que dão a sensação de calor.

As fotografias, até o evento da câmera digital, eram reveladas a partir de um rolo de filme usado em sua totalidade. Não era possível escolher quais fotos deveriam ser reveladas. Às vezes se perdiam algumas fotos ou até um

rolo inteiro de filme. As câmeras digitais já permitem que se escolha dentre um número imenso de fotos, as que serão impressas, guardadas em arquivo ou descartadas.

SUMÁRIO

<i>O Quintal dos Bisos</i>	15
<i>A Travessa</i>	28
<i>O Zé e o Dito</i>	34
<i>A Kombi</i>	49
<i>O Retrato</i>	58
<i>As Amantes</i>	75
<i>A Benzedeira</i>	79
<i>A Boneca Viva</i>	83
<i>A que (não) ri</i>	93
<i>A Guerreira</i>	96
<i>A Manicure</i>	102
<i>A Princesa</i>	109
<i>A Irmã Branca da Menina Preta ou a Irmã Preta da Menina Branca</i>	125
<i>A Mãe</i>	133

Urbana se casou muito jovem, com José Joaquim. No dia de conhecer o noivo arranjado pela família, subiu em uma árvore para fugir do noivado. Sua tentativa foi em vão. Teve que descer da árvore e conhecer o noivo, que só voltaria a ver no dia do casamento, poucos dias depois.

Em 1912, resolveram vir para o Brasil devido às más condições em que viviam. Moravam em Figueira de Castelo Rodrigo, no nordeste de Portugal. Minha bisavó dizia que na aldeia onde moravam havia 5 fogos. Nunca soubemos o que isso queria dizer, mas penso que seria uma região muito pequena. Na altura já tinham 3 filhos vivos, o primogênito Antônio, Francisco e Luzinda. Um filho havia morrido do “mal de sete dias”. Desembarcaram no porto de Santos e foram direcionados a uma fazenda, na qual trabalhariam. As passagens eram bancadas pelos donos das fazendas. As condições de trabalho também eram ruins. Tudo era descontado de seu salário pois cada vez mais acumulavam dívidas e assim ficavam sem receber.

A caçula, Luzinda, contraiu meningite, o que lhe acarretou uma deficiência cognitiva. Tomaram então uma decisão: iriam fugir. Combinaram tudo com outra família que tinha vindo com eles no navio. Arrumaram suas trouxas e fugiram na calada da noite para a capital.

A família de Urbana e José Joaquim se estabeleceu no bairro do Belenzinho, em uma casa que conseguiram graças ao dono, que deixou o casal comprar a moradia pagando um pouco por mês. Essa história é comovente. Os filhos do dono não queriam que o negócio fosse feito dessa forma. Então, o pai pagou aos filhos a parte de cada um e, em segredo, ajudou o casal.

A casa tinha um bom terreno para fazer uma horta. Urbana vendia as verduras que cultivavam. Essa atividade foi passada para sua outra filha, Palmira, devido aos muitos filhos que não parava de parir. Ao todo foram 12 filhos, dos quais 7 sobreviveram até idade avançada: Francisco, Luzinda, Palmira, Armando, Antônio (o segundo), Hilda e Maria Helena.

A foto abaixo mostra a família reunida em um estúdio. Maria Helena ainda não havia nascido. Urbana e José Joaquim estão sentados em um banco sobre um tapete de felpudo. O patriarca, na extremidade do banco, veste terno escuro com camisa clara e gravata listrada. Sustenta a mão esquerda sobre os joelhos. Seus cabelos são grisalhos e curtos. Urbana usa um vestido em tom de cinza comprido até os pés. Tem os cabelos presos. Hilda, com 3 anos, está de pé sobre o banco e apoia o bracinho no ombro direito da mãe. Seus cabelos são claros e curtos. Usa um vestidinho claro.

Ao lado delas, sentado em um banquinho mais baixo, está Armando, então com 12 anos, que é bem magro, tem cabelos escuros e curtos e veste terno claro. Antônio, ou Tuninho, deve ter uns 6 anos e está de pé entre José e Urbana. Usa bermuda, paletó e camisa claros. Seus cabelos são claros e curtos e suas bochechas bem fofinhas. Logo atrás de Hilda, do lado esquerdo, está Palmira, minha avó, com 19 anos. Ela tem o rosto redondo e cabelos escuros presos. Usa vestido claro até o meio das canelas, com gola adornada com um grande laço e pulseira. Ao lado de Palmira está Francisco, de 27 anos, o mais velho dos irmãos sobreviventes. Ele é bem mais alto que Palmira. Tem cabelos escuros e curtos e veste terno escuro com camisa clara. Ao lado dele está Isabel, sua mulher, de 26 anos. Ela também é alta. Seus cabelos escuros estão presos. Usa vestido claro com decote em U, além de brincos compridos. A última da fila de trás, bem atrás de José, é Luzinda, de 23 anos. Tem cabelos escuros presos atrás da cabeça e usa vestido claro. Tem uma leve protusão no queixo e olhos caídos. Todos estão sérios, como demandava o padrão fotográfico à época e olham para frente. A foto, em sépia, ou seja, em tom amarelado terroso, está revelada em papel texturizado e tem moldura branca lisa, com a parte de baixo bem maior, no lugar onde uma foto deveria ser segurada. Contudo, tanto a moldura como a imagem apresentam dobras e estão manchadas, parecem sujas e muito manuseadas.



A próxima foto já traz Maria Helena criança. Deve ter por volta de 7anos. Usa vestido claro na altura dos joelhos e meias e sapatos também claros. Na cabeça, um largo laço de fita clara adorna seus cabelos escuros e curtos. A seu lado está Hilda, com 11 anos, cabelos curtos e vestido claro na altura dos joelhos, com fita escura contornando as mangas curtas e o decote alto. Veste também meia soquete e sapatos também claros. Atrás de Maria Helena está Armando, alto, agora com 21 anos, e Tuninho, de estatura baixa, de 15. Ambos vestem ternos escuros com gravatas listradas e lenço no bolso do paletó. A foto tem moldura branca serrilhada. É impressa em papel texturizado e está bem preservada. Foi feita em estúdio. Todos estão sérios, como ditava a época, e olham para frente. A foto está bem composta. Traz a figura de Helena centralizada. Hilda à sua direita, e Tuninho à sua esquerda têm exatamente a mesma altura. Armando, bem mais alto, está atrás de Helena e descansa a mão direita sobre o ombro direito da menina.



Palmira percorria a vizinhança com seu cesto e com a graça inerente aos jovens. Foi assim que ela e meu avô se conheceram. Lembro dele contar que pensava: “Um dia vou casar com essa menina”. E casou mesmo. Tiveram Walkiria e Roberto.

A foto dos noivos Palmira e João é tirada por fotógrafo profissional. Vem em uma espécie de livrinho, com capa cinza escuro e papel de seda. Os noivos posam em uma posição clássica, ambos em pé, olhando para frente. João, um pouco atrás de Palmira, segura o braço da noiva, como se a protegesse. Palmira está deslumbrante com seu vestido branco de corte reto um pouco acima dos tornozelos. De sua grinalda, um tiara trabalhada com contas brancas, sai seu véu de tule também branco. Ele é bastante comprido e envolve os pés de ambos os noivos. Ela segura um grande buquê de flores brancas com folhagem que caem como uma cascata. Seu cabelo escuro, preso, contrasta com a brancura de seu traje. João é um pouco mais alto que Palmira. Já dá sinais de calvice, seu cabelo curto e claro saem do meio da cabeça. Usa um bigode fino, que manteve durante toda sua vida. Veste terno e gravata escuros. No bolsinho alto do paletó, um lençinho claro desponta. Eles estão sobre um tapete redondo claro e próximos a um banquinho de tecido também claro. A foto está em sépia, o tom amarelo terroso. A moldura da foto é branca lisa e o papel é texturizado.



Meu avô era filho de italianos. A foto abaixo o mostra em uniforme do exército. Interessante como a toalhinha da mesa, o meio das margaridas e o contorno das janelas estão coloridos artificialmente. Ele devia ter 19 anos.

Sua mãe, Josephina, e o pai, Orestes, vieram também para o Brasil para tentar uma vida melhor do que tinham na Itália. À época o Brasil era o sonho de muitos imigrantes. Josephina era do norte, de Verona, e Orestes da Calábria. Devem ter se conhecido em alguma viagem que meu bisavô fez à região. Estabeleceram-se, a princípio, em Pedreira, cidade do interior de São Paulo. Josephina teve 6 filhos. O marido morreu jovem, deixando a esposa sozinha para cuidar da horta e da família.

Quem cuidava das crianças era o cão fila Fido. Eles aprontavam na cidade e se refugiavam atrás do cão. Um dia Fido amanheceu morto. Fora envenenado. Josephina era alta e corpulenta. Uma vez foi tirar satisfações com um homem que havia batido em um de seus filhos. Pegou o cara pelos colarinhos e o imprensou na parede, avisando que ninguém mexia com filho seu. Logo depois se mudaram para a capital para o bairro do Belenzinho.

Lembro bem da casa dos bisos Urbana e José Joaquim. Encontrava-se onde é hoje a estação Belém do Metrô. Um portão verde de madeira abria-se para o longo quintal. Logo no início havia a casa com sala ampla, cozinha e 4 quartos. Dois deles separados por portas e os outros dois por cortinas de correr. Ao longo do quintal foram construídos alguns apartamentos nos quais seus filhos foram morar depois de casados.

O primogênito de Urbana e José Joaquim, Antônio, teve uma triste sina. Morreu aos 13 anos, na fábrica onde trabalhava, soterrado pelo teto que desabou sobre sua seção.

Francisco se casou com Isabel. Tiveram José, Carlos e Marlene. Temporona, era a bonequinha de minha mãe e da amiga Faustina.

A princípio, Francisco trabalhava no que aparecia. Foi cocheiro de 1 animal, com o qual fazia entregas; foi motorista de taxi e se vestia com aprumo, terno, luvas brancas e botas. Já casado, trabalhava para o Cotonifício Rodolfo Crespi, um dos maiores complexos industriais de São Paulo. Moraram numa casa na Quarta Parada e, depois, se estabeleceram em Itaquera, numa chácara. Teve também um mercadinho de secos e molhados, o qual se tornou um armazém. José Joaquim também trabalhava na chácara do filho, plantando flores e frutas, como jabuticaba, banana e castanha. Também criavam galinhas e coelhos. Parte dessa chácara estava onde se encontra, hoje, o Rodo Anel de São Paulo.

Com o tempo chegou a oportunidade de trabalhar na construção da Refinaria em Capuava (que depois se tornaria parte da Petrobrás), onde se aposentou, deixando o armazém aos cuidados do filho Carlos. O trabalho na Refinaria fez com que Francisco, Isabel e Marlene (então com 5 anos) morassem 2 anos dentro da Refinaria, junto com outras famílias. Após esse período, foram morar em Santo André. Tio Francisco também arrumou trabalho para meu tio Roberto e meu primo Fernando na Refinaria.

Quando criança, Carlos adorava cavalos. Um dia, adormeceu em um dos 3 degraus da frente do armazém do pai, que trazia um cavalo depois das entregas. Sem ver o filho, o pai conduziu o cavalo para cima dele, mas o cavalo não pisoteou o menino, desviou o passo enquanto Carlos permaneceu dormindo.

O filho mais velho, José, estudava e trabalhava em São Paulo. Morou um tempo na casa dos Bisos, enquanto a família morava em Itaquera. Um dia, no trem, a caminho de casa, dormiu e passou o ponto de descer. Teve que voltar para casa à pé, na chuva, pelos trilhos, que lhe serviam de caminho. Tio Francisco ficou muito preocupado e tratou com os pais para que o filho morasse com eles.

Isabel era filha de Maria da Luz e cresceu em Portugal. Sua mãe trabalhava por função, onde era necessária, como por exemplo matar um porco, separar as partes e tratar da carne; colher uvas. Morreu de uma picada de inseto e deixou Isabel e a irmã. O pai se casou de novo, mas a mulher morreu no parto. Mandou as filhas para o Brasil para ficarem com a tia, Maria da Piedade, irmã de sua mãe. Isabel tinha 9 anos. A irmã era um pouco mais velha. Na verdade, não se sabe ao certo suas idades. Muitos vinham para o Brasil sem documentos. Às vezes, no passaporte de uma pessoa da família vinham as informações também dos outros.

Quando chegaram no Brasil, ficaram alguns dias na casa de Urbana e José e conheceram Francisco, que também era criança. Anos depois, Francisco e Isabel se reencontrariam quando ele começou a paquerá-la na saída da fábrica onde trabalhava e se casaram.

Francisco se tornou o chefe da família. Tinha liderança nata. Era rígido, mas cuidadoso e de uma generosidade enorme. Se preocupava com detalhes, como mandar um buquê de rosas para sua neta Sandra quando esta menstruou pela primeira vez. Era um lorde! Isabel e Francisco tinham uma relação invejável. Respeitavam-se muito.

Uma vez, Isabel quis fazer um estrogofe para a família. Porém, confundiu as latas de creme de leite com as de leite condensado. Francisco comeu e elogiou, mas disse a Marlene que jogasse o que tinha no prato fora quando Isabel não estava olhando.

Isabel tinha muita dificuldade em aprender a ler e a escrever. Marlene tentou alfabetizá-la, mas foi em vão. Contudo, tinha ótima memória para fatos, datas e rotas. Isabel tinha algumas máximas, como só discutir assuntos delicados depois de uma refeição, com o estômago cheio tudo se acalmava (o que minha mãe adotou). Dizia à filha e às netas para não namorarem homens bonitos, porque davam muito trabalho. Ela mesma ficava de olho em Francisco e só falava mais alto “AGUILAR!” para ele já se compor. Aguilar é o sobrenome da família, mas todos chamavam Francisco pelo sobrenome.

Armando casou-se com Vilma e tiveram Edna e Elson. Armando consertava radios, televisores e eletrodomésticos. Foram morar em um dos apartamentos do quintal dos Bisos. Foram padrinhos do casamento civil de minha mãe e meu pai. A mãe de Tia Vilma, dona Amélia, morava com eles. Dona Amélia foi a pessoa mais serena que conheci. Ela era gorda e eu adorava abraçá-la. Seu abraço era fofo e sincero. Vilma, já mais velha, se tornou quase uma cópia da mãe. Eu adorava visitá-las. Meus primos eram muito simpáticos. Quando adolescente, fui ao casamento de Edna e José Roberto. Ela era singela como sua mãe e sua avó, mas bem magra. Seu vestido de noiva, por ser inverno, consistia em uma linda capa branca, com plumas ao redor do capuz e das mangas. Edna era tão branquinha quanto o vestido. Eu achei sua figura lindíssima.

Antônio (o segundo), ou Tuninho, como era chamado, casou-se com Aurora (Lola) e tiveram Claudio e Carlos. Depois ainda adotaram uma menina, Claudia. Tio Tuninho era espirituoso, engraçado. Vivia brincando e fazendo piadas de tudo. Lola e Vilma, quando moças, moravam numa casa no modelo da dos Bisos. Os irmãos Tuninho e Armando acabaram conhecendo as duas vizinhas. Na verdade, quase todos se casaram com vizinhos.

Tia Hilda e o marido, José, também foram morar em um dos apartamentos na casa dos Bisos. Abriram um armazém quase em frente. Depois foram morar atrás do armazém. Hilda vivenciou uma história muito triste. Seu primogênito, Fernando, morreu aos 2 anos, atropelado por um caminhão. Nomeou seu segundo filho também Fernando. José foi morto por um trem, na parada próxima à casa deles, dois meses depois do nascimento de Reinaldo, terceiro filho do casal, uma semana após seu batizado. Disseram que não prestou atenção ao atravessar a ferrovia. Hilda voltou para a casa dos pais depois do ocorrido e fechou o armazém. Nunca mais voltaria a casar-se. Cuidaria de seus pais até morrerem. Tempos depois, em um acordo entre familiares, sua casa, herança do marido, foi reformada e ela e a irmã Luzinda mudaram-se para lá. Hilda cuidou da irmã até que esta morreu de câncer. Viveria ainda vários anos nessa casa, até dar sinais de demência e ir

morar, primeiro, com Fernando, em Niterói, e depois em uma casa de repouso perto de Reinaldo, em Porto Alegre.

Tia Helena e Tio Armandinho também moraram um tempo na casa dos Bisavós. Tiveram Eliana e os gêmeos Magali e Maurício. Moraram em diversas casas diferentes, sempre de aluguel. Helena alimentava o sonho de ter casa própria. Um dia, com a ajuda dos filhos, compraram uma casa e tiveram a ajuda do meu pai para reformar. No entanto, Armandinho morreu logo depois, de câncer. Helena vendeu a casa e foi morar em um apartamento de propriedade de Maurício e depois em um outro, mais perto da casa de minha mãe. Lembro de sua alegria ao nos mostrar cada espaço.

Perto da casa dos Bisos havia um clube de bocha e malha, onde José Joaquim, Francisco, Armando, Tuninho e meu avô João frequentavam. Depois que meu Bisavô se aposentou, o clube deixou que ele fizesse uma horta nos fundos. Isso foi muito importante para ele, pois necessitava de trabalho em sua vida tão ativa.

Aos poucos todos foram se mudando, quando tiveram dinheiro para comprar, financiar ou alugar uma casa só deles. Os que restaram ainda na casa foram desapropriados pelas obras do Metrô. Hoje, no lugar da casa dos Bisos, está a estação Belém.

Pouco tempo depois da morte de minha mãe, minha irmã encontrou um texto seu chamado "Vivências". Foi uma sorte, porque minha mãe escreveu pouco no seu computador, mas algumas memórias bem contundentes. Um desses textos é sobre sua infância e de seu irmão, quando moravam na casa de seus avós. Segue o relato dela:

Há muito tempo eu venho protelando para escrever minhas lembranças. Pretendo colocar no papel fatos e casos da maneira conforme vão aparecendo na minha memória sem me preocupar com as épocas em que elas aconteceram. Hoje estou com muitas lembranças do Roberto, meu único e amado irmão que morreu há cinco anos. Sinto muito a sua falta, mas sempre de um jeito gostoso lembrando as peripécias de quando nós éramos crianças e ele fazia suas traquinagens.

Uma delas deixou toda família aflita. Um menino o qual era apelidado de Caculé chegou desesperado gritando que o Roberto havia caído no poço de uma chácara perto da nossa casa. Minhas tias, eu e minha avó saímos correndo para ver a gravidade do acontecido. Porém, ele já vinha ao nosso encontro todo enlameado dizendo que não tinha acontecido nada demais porque o poço era raso e ele foi se agarrando nas plantas até sair de lá sem se machucar. Meu irmão era o líder da turminha da rua, em todas as brincadeiras ele era sempre o maioral; dono de uma personalidade muito forte, conseguia que os outros fizessem tudo do modo dele. Se iam jogar bola, enquanto não fizesse mais gols do que os outros o jogo não terminava: apesar disso, ele era o mais querido.

Hoje estou lembrando da minha infância: nós morávamos no mesmo quintal dos meus avós. Minha infância foi muito feliz. Na parte da frente tinha a casa da minha avó, onde moravam meus avós, o tio Tuninho, o tio Armando e as tias Luzinda, Hilda e Maria Helena (que era chamada de Helena). Minha avó tinha mais dois filhos: minha mãe, Palmira, e o tio Francisco, que era chamado de Aguilar, o sobrenome deles todos. Quando eu nasci meu tio Aguilar tinha dois filhos: José e Carlos.

Como meus avós casaram-se muito novos, a diferença entre meus tios e nós, eu e meu irmão, era assim: nós tínhamos tios trinta anos mais velhos e a mais nova somente seis anos de diferença comigo. Na parte de trás morávamos meus pais, eu e meu irmão: João, Palmira, Walkiria e Roberto. Nossa vida era muito boa, todos vivíamos em paz e muito unidos.

Nunca esqueci das festas que meus avós faziam no quintal, que era bem largo. Meu tio Aguilar cobria tudo com um encerado que ele usava para cobrir o caminhão, no qual fazia transportes, inclusive levando mercadorias para o armazém onde ele e minha tia Isabel trabalhavam. Para fazer as comidas juntavam-se todas as mulheres da família (eu adorava aquilo tudo). Hoje quem reúne a família sou eu, e continuo adorando!!!!!!

A foto a seguir, em preto e branco, mostra Walkiria com 6 anos e Roberto com 3. Walkiria tem cabelos escuros adornados com um grande laço de fita clara. Seu rosto é ovalado. Usa um vestidinho claro com fitinha escura no decote e nas mangas curtas. Está sentada em um triciclo, com as mãos nos guidões. Ao seu lado está Roberto. Ele tem cabelos claros e curtos. Usa camisa clara com gravata e suspensórios. Dirige um carrinho com quatro rodas. Atrás deles, a uma certa distância, está Palmira, bem magra e com vestido florido. Apoia-se em um dos paus que seguram varais cheios de roupas estendidas. Estão no quintal dos bisos, em frente às colunas que separam a entrada da casa grande do restante dos apartamentos construídos para os filhos. Ao lado deles há vasos de plantas. Ao fundo, o portão de entrada. A foto em sépia está muito clara, dificultando a observação de muitos detalhes. A moldura é branca serrilhada.



Meu irmão e eu éramos as duas únicas crianças do quintal.

Nas festas vinham meus primos e a gente brincava muito, eu era muito mimada por ser a única menina até nascer a Marlene, a menina que a tia Isabel tanto queria. Eu já estava com nove anos e fiquei muito feliz; nessa época eu ainda brincava de casinha e a Marlene era a minha filha.

Hoje estou com 72 anos e a amizade continua não só com ela, mas com todos da família (ADORO).

A foto que ilustra o depoimento de minha mãe é da festa de seu aniversário de 16 anos, no mesmo quintal. Há uma grande mesa com refrigerantes, salgados e doces ainda intactos. A toalha e os pratinhos são claros. A foto foi tirada de um lugar um pouco mais alto e mostra a mesa em perspectiva, ou seja, do lugar do fotógrafo na ponta da mesa, até Walkiria, na outra extremidade. Assim, os convidados ao redor da mesa aparecem em maior detalhe do que a própria aniversariante, da qual temos uma visão bem menos nítida. Há muitos convidados, rapazes e moças da mesma idade. Os rapazes usam terno e as moças usam saias ou vestidos rodados bem marcados na cintura. Há apenas 3 crianças, espremidas entre os adultos. A aniversariante usa um vestido escuro com detalhes de renda clara em torno da gola em V. Sobre seu ombro, podemos ver somente a cabeça de seu irmão Roberto, que está sorridente. Consigo distinguir meus avós João e Palmira, pais de minha mãe, que estão atrás dela, nos poucos degraus que levam à porta de sua casa, nos fundos do quintal. A porta está aberta. Há vasinhos de plantas pendurados na parede lateral. Tias Hilda e Helena estão também bem juntas de minha mãe. José, marido de Hilda, está do outro lado da mesa. Não consigo distinguir mais ninguém. A festa parece ter sido bem animada. Há um detalhe interessante: apesar de o quintal dar lugar à festa, há várias roupas no varal, logo depois do final da mesa. Do muro baixo, pode-se ver, também, um barracão na casa ao lado. A foto tem moldura branca e foi revelada em papel liso. Está bem composta, mas os detalhes dos personagens principais não estão nítidos



Na rua onde morávamos tinha uma família muito diferente! Eram dez irmãos, a mãe morreu ao dar à luz a Alzira, que tinha a minha idade. Por ordem cronológica: Olga, Teresa, Mercedes, Nena, Maria, Nelo, Encarnação, Bina, Antonio e Alzira. Daí a três anos morreu o pai. Eles eram uma família exemplar, apenas a Encarnação e a Bina já estavam casadas e moravam perto num quintal onde moravam várias outras famílias, todas elas muito pobres. Todos se davam muito bem, uns ajudando os outros. O irmão mais velho trabalhava como garçom em um trem que fazia o percurso entre Rio e São Paulo; como as pessoas com quem ele trabalhava sabiam da situação da família, davam para Antonio os miúdos dos frangos que não eram consumidos no trem e essa era a base da alimentação deles. Às vezes, quando as meninas tinham alguma dúvida, iam pedir conselho para minha avó, mas nunca nenhum deles pediu nada para ninguém, eles viviam a vida deles com muita dignidade.

Naquela época (estou falando dos anos quarenta), era normal as crianças começarem a trabalhar bem novas e, sendo assim, os mais velhos já ganhavam para conseguirem levar a vida da melhor maneira possível. Como eles não podiam pagar um aluguel, foram morar em uma casa já em ruínas, mas sempre andavam bem vestidos e nunca se queixavam de nada. Para mim eles foram um exemplo. Todos casaram com muito respeito, que o irmão mais velho impunha, e todos obedeciam.

Na mesma rua morava outra família digna de ser lembrada. Eles vieram de Franca, uma cidade do interior de São Paulo. O chefe da família havia morrido e a mãe mudou-se, pois achava que na Capital ela teria mais chances de criar os filhos que eram cinco: Vicente, Santo, Izolina, Julio e Maria Faustina (que até hoje é a minha melhor amiga). Como eu era criança não tive muita convivência com a mãe da família, não consigo lembrar de como nos conhecemos, para mim é desde sempre. Tenho muitas lembranças alegres desses anos todos em que mantivemos essa amizade.

Quando éramos crianças, brincávamos na rua, a TV ainda não havia chegado ao Brasil, os adultos colocavam cadeiras nas calçadas e as crianças brincavam de pular corda, barra manteiga, esconde-esconde e várias outras brincadeiras. Havia um nosso vizinho, que viera do interior de SP, que gostava de contar histórias de saci, lobisomem, mula sem cabeça e outras lendas do nosso folclore, como se ele as tivesse vivido. A maneira como ele contava nos deixava com medo, mas a gente adorava, e assim os adultos ficavam relembando fatos pitorescos e o tempo passava lindamente até a hora em que íamos todos dormir. No dia seguinte começava tudo outra vez. Foi uma infância muito boa nessa fase.

Uma foto emblemática desta narrativa é a da família sob uma grande e frondosa árvore, cujos galhos podem ser associados aos diversos ramos que surgiram a partir de Urbana e José Joaquim. Do lado direito estão Urbana e José Joaquim, em pé. Ao lado deles consigo reconhecer Tia Isabel, Tia Helena, Tio Armando, Carlos, Luzinda, Tio Tuninho, deitado na grama à frente de todos, Tia Lola, alguns primos e primas que moravam na Patriarca e Tia Jandira, irmã do meu avô João, segurando minha mãe, então com 8 anos, que está sentada em um galho da árvore. Acima de minha mãe, trepado em outro galho, está Roberto e, acima deles, mais uma criança que não distingo.



A próxima foto, em preto e branco, tem moldura branca serrilhada. Está bem composta, com as figuras centralizadas. Nela estão minha mãe com 18 anos dando as mãos a suas primas Eliana, com 3 e Edna com 7. Elas estão no quintal. Atrás delas há uma parede escura mal pintada e o chão é de cimento. Sobre elas há um fio de varal com diversos pregadores. Walkiria usa saia clara armada de tule e uma blusa escura de crochê de manguinhas japonesas e sapatos de salto também escuros. Tem os cabelos arrumados na altura dos ombros. Está sorridente e enfeitada a foto com sua beleza marcante. Eliana usa vestidinho rodado de alças e sandalhinhas claras. Tem cabelinhos curtos e escuros com franjinha. Edna usa vestido claro e rodado com aplicações de babados e sapatinhos claros. Seu cabelo é claro, cacheado e de franjinha. As três parecem muito contentes, como se estivessem saindo para um passeio e enfrentando a vida com cara e coragem.

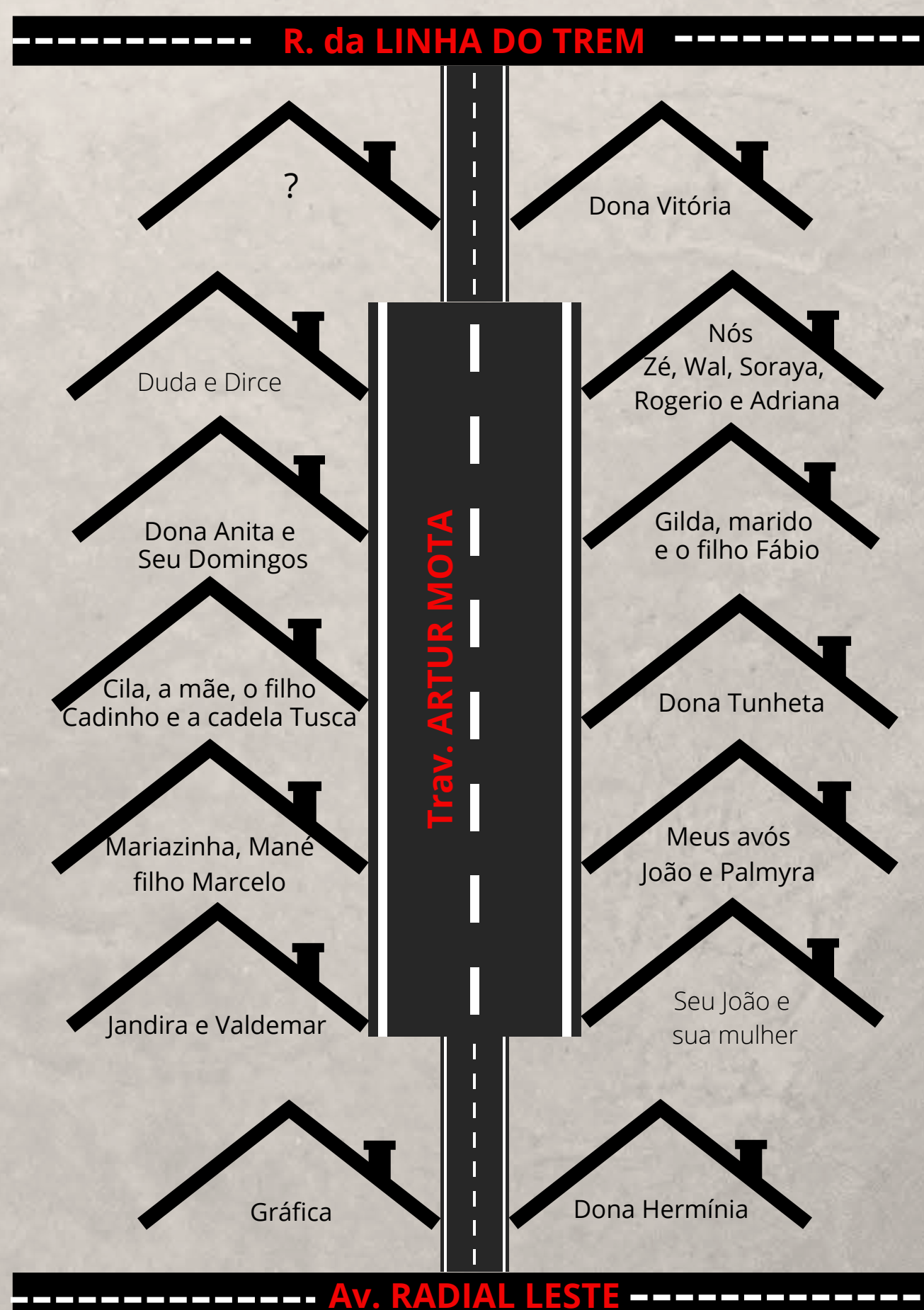


A Travessa

A definição de travessa, no dicionário, é: *Rua estreita, secundária e transversal a duas outras principais.*

Mas só quem morou em uma Travessa sabe o verdadeiro significado, que inclui amizade, fofocas, intimidade, falta de privacidade, inveja, companheirismo.

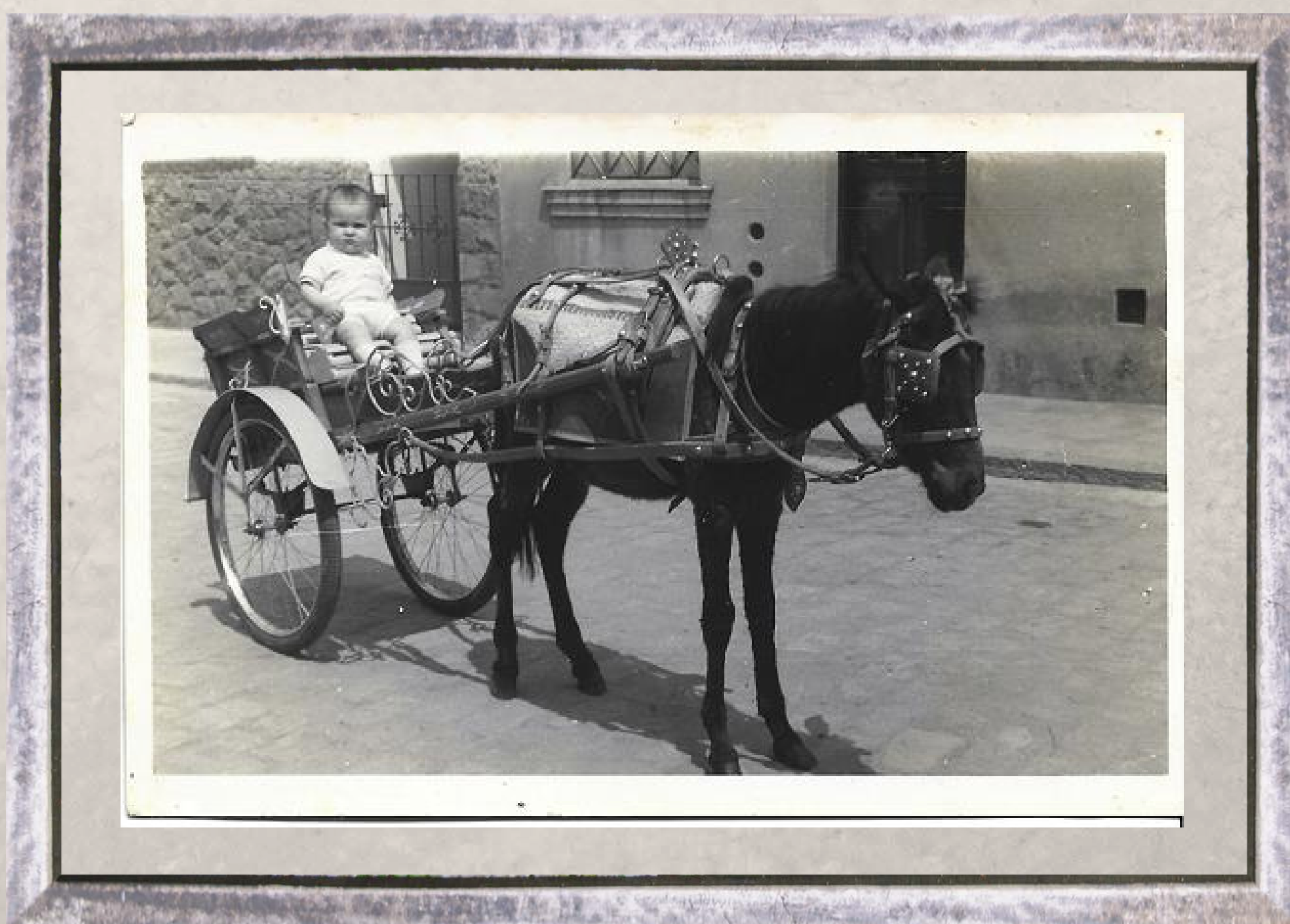
A travessa à qual me refiro é a Arthur Mota, no Belenzinho. Era estreita nas saídas e abria-se em um pátio largo com 5 casas de cada lado. Ligava a Radial Leste à rua da linha do trem, como mostra o mapa abaixo, desenhado no computador e apresenta as casas dos moradores em formato de triângulo imitando os telhados com seus nomes dentro. Do lado direito, na parte mais estreita, morava Dona Vitória. Na parte alargada, a primeira casa era a nossa, depois vinha a casa de Dirce, o marido e o filho Fabio; na sequência, Dona Tunheta, a casa dos meus avós, João e Palmira; a casa de seu João e a mulher e na parte mais estreita a casa de Dona Hermínia. Do lado esquerdo, na parte estreita, não me recordo quem morava, na sequência, na parte larga, moravam Dirde e Duda; Cila, o pai, a mãe, o filho Cadinho e a cadela Tusca; Mariazinha, Mané e o filho Marcelo; Tia Jandira, irmã do meu avô João, e o marido, Tio Valdemar; e na parte estreita ficava a gráfica de seu Aldo.



Para mim, que vivi lá de 1964, quando nasci, até 1975, quando nos mudamos devido à desapropriação do Metrô (hoje Estação Belém), era um lugar de diversão e alegria, pois eu, meu irmão e minha irmã éramos as únicas crianças e recebíamos toda a atenção dos moradores.

Havia também os prestadores de serviço, como o verdureiro Zé, que vinha numa carroça vendendo frutas, legumes e hortaliças. O padeiro, que vinha numa bicicleta com um tambor quadrado na frente e vendia vários tipos de pães, a senhora que vendia Yakult e Seu Enzo, que trazia bolachas de vários tipos em duas sacolas de lona. Seu Enzo tinha ido à Segunda Guerra e levara um tiro no pescoço, o que prejudicou suas cordas vocais. Ele tinha uma voz rouca e baixa e usava óculos de lentes muito grossas.

A foto abaixo, em preto e branco, mostra a mim, com menos de 1 ano, sentada no banco da carroça do Zé fruteiro. A carroça tem duas rodas e é puxada por um cavalo de pelo escuro. Eu era bem gorduchinha. Tinha muito pouco cabelo. Estou usando uma roupinha de mangas curtas e meias e sapatinhos claros.



Tenho na memória algumas histórias engraçadas que se passaram lá. Cila adorava sua cadela Tusca, uma viralata, marrom, que gostava de correr atrás da gente quando escapava. Minha irmã tinha horror a ela e uma vez meu irmão levou uma mordida na perna porque ficou atijando a cachorra até ela sair correndo atrás dele. Porém, na maioria das vezes, Cila a levava no colo, debaixo do braço. Quando eu tinha uns 3 ou 4 anos, cismava com o pão

que a Cila comprava, uma baguete. Minha mãe comprava igual a dela, mas eu sempre pedia: “Cila, me dá o biquinho?” E ela prontamente partia a ponta da baguete com a mão que segurava Tusca e me dava. Minha mãe ficava passada, pois além da falta de higiene, Cila ainda ficava sem o “biquinho”, uma das partes mais gostosas e crocantes.

Tinha um fato semelhante, mas esse era com meu irmão. Ele cismava com as bolachas de Dona Tunheta. Ela era viúva, tinha tido um AVC que lhe tolheu os movimentos do lado esquerdo e morava sozinha. Toda vez que passávamos em frente à casa dela, e ela costumeiramente estava em pé na porta, meu irmão pedia bolachas. Dona Tunheta, então, pedia para minha mãe entrar e pegar bolachas em um pote azul, muito bonito que, inexplicavelmente, ficava no topo de um armário da cozinha. Acho que era o pote que exercia poder sobre meu irmão. Quando Seu Enzo passava para vender bolachas, minha mãe mostrava para meu irmão que estava comprando as mesmas que Dona Tunheta. Mas também não teve jeito. Era ele ver Dona Tunheta na porta que ia lá pedir bolachas.

Já minha irmã tinha uma questão com Dona Anita. Minha irmã era bem gordinha quando criança e, quando Dona Anita a via, vinha logo enfiar o dedo no umbigo da menina. Minha mãe tentava impedir o ato, mas quase nunca era bem sucedida. Afinal, Dona Anita podia magoar-se.

Algumas casas depois da saída da Travessa, na Rua dos trilhos do trem, morava Dona Alzira, uma senhora idosa, espanhola. Ela usava muitas pulseiras nos dois braços e vários anéis, o que chamava a atenção de minha irmã. Meu irmão e eu, no entanto, não gostávamos dela. Dona Alzira estava sempre com seus dois pequinêses, que vira e mexe punham os olhos pra fora. Quando ela nos via, largava os cachorros e vinha nos abraçar. Dona Alzira estava sempre muito suada, e tinha pelos no rosto que nos pinicavam. Crianças não deixam passar nada mesmo.

Na outra saída da Travessa, que dava para a Radial Leste, moravam Dona Hermínia, Seu Antônio e os filhos Osvaldo e José. Eu falo mais deles na narrativa sobre a Benzedeira.

No lado oposto, havia a gráfica de Seu Aldo. Ele era muito gentil, mostrava para nós como a gráfica funcionava. Na época da Páscoa e do Natal, ele vendia um chocolate chamado “Bloco Suave”, que era recheado de castanhas de cajú. Minha mãe era fissurada nesse chocolate. Comprava e escondia uns só para ela. Pensava que ninguém soubesse, mas eu a vi pegar um pedaço no esconderijo e colocar na boca esperando que ninguém visse e tentou disfarçar. Minha mãe foi chocólatra a vida toda.

Duda e Dirce não tinham filhos. Eram um casal jovem, esbelto, ambos muito bonitos. Muitas vezes a sobrinha de Dirce, Cristiane, vinha visitá-los e ficávamos brincando juntas.

Jandira era muito bonita e engraçada. Era irmã do meu avô. Várias vezes fui ao seu quintal comer pitangas. Não teve filhos. Nos chamava de “meus tico-ticos”. Era engraçada porque vivia criticando Valdemar, seu marido, e por espiar o que acontecia na rua por uma fresta da janelinha da porta. Adorava uma fofoca.

Na foto abaixo, colorida em tom arroxado, estou eu, de 5 anos, lendo uma revistinha no quintal de tia Jandira. Estou só de shortinho e com uma fita separando meu cabelo liso na altura dos ombros. Estou sentada em um banquinho de madeira, ao sol. Atrás de mim há várias plantas e a famosa pitangueira.



Nessa outra foto, colorida, porém um tanto apagada pelo tempo, estou eu, de 2 anos, sentada no capô do Fusca vermelho de volante branco do tio Valdemar. Tenho os olhinhos apertados devido ao sol e cabelinho curto. Estou usando saia azul e blusa branca de mangas curtas com dois pom-pons do lado direito. Uso também meias e sapatinhos brancos.



Na foto abaixo, colorida, em tom arroxeadado, estamos eu, meu irmão e minha irmã posando em frente à traseira do mesmo Fusca vermelho do tio Valdemar. Eu tinha 7 anos. Era meu primeiro dia na escola. Estou sorridente, os cabelos presos em duas maria-chiquinhas, ou seja, o cabelo repartido em duas partes iguais e presos com elásticos dos dois lados da cabeça. Uso uma jardineira azul-marinho com camisa branca, gravatinha azul e vermelha, meias brancas até os joelhos e sapatos pretos de bico quadrado e bem pesados. Levo a lancheira pendurada no ombro e carrego uma malinha. Meu irmão, de 5 anos, está do meu lado direito. Usa o cabelo cortado a tigelinha, bem volumoso e curto. Veste shorts e camisa e tênis de lona. Minha irmã está do meu lado esquerdo. Tem os cabelos curtos e usa um vestidinho curto e chinelos. É bem gordinha. Coloca as mãos na cintura. O dia está ensolarado, propício a começos.



Seu Domingos era um homem alto e bem magro. Dona Anita era baixinha e gordinha. Quando o homem pousou na lua, Seu Domingos dizia que podia vê-los astronautas, que os via andar, correr. Eu acreditava, me esforçava para vê-los também. E às vezes até achava que conseguia.

*

Outro dia, indo de uber para a casa de meu pai, o trânsito fez com que o motorista pegasse um caminho alternativo e passamos pela Travessa Artur Mota. Fiquei surpresa. Achava que tinha sido toda consumida pelo Metrô. Porém, ao ver o mapa no Google, percebi que não era a mesma localidade, apesar de também ficar no Belenzinho. Nossa travessa ficou mesmo no passado

- Segura isso direito, Zé.
- Calma Dito! Está escorregando da minha mão. E você que é mais forte tem que levar mais peso mesmo. Para um pouco. Tá muito calor.
- Tá bom, tá bom, vamos parar na sombra daquele árvore. E não vem com essa de deixar mais peso pra mim, porque você é magrinho mas é bem forte também.
- Que televisão pesada. Não pensei que ia ser tão difícil de carregar.
- Teria sido mais fácil se a gente não tivesse gasto todo o dinheiro da volta só na ida com o taxi pra chegar na casa do vendedor. Agora o jeito é pegar o bonde. O filho da puta daquele taxista ficou dando voltas. Enganou a gente. Só pode ser.
- Também acho. Minha camisa tá colada no corpo.
- Vou pedir dois copos d'água naquele bar. Espera aí!
- Claro que vou esperar. Vou pra onde?
- Toma. Água morna da torneira, mas ajuda.
- Onde vou jogar o copo?
- Na rua mesmo, Zé. Deixa de frescura.
- Credo, Dito! Não se pode falar nada.
- Ai, tô com a cabeça cheia.
- Por causa da ruiva, é?
- Sim.
- E como está a situação?
- A gente se encontra no *footing* da praça da igreja São José. Eu olho pra ela, ela dá uma risadinha. Mas só isso por enquanto.
- Não sei o que você viu naquela moça. Ela é tão diferente!
- Eu sei. Acho que é por isso mesmo. Aquele cabelo ruivo comprido e cheio, as sardas, a maquiagem que ela usa. E tem uma risada que me deixa louco.
- A mãe não vai gostar nem um pouco.
- Tomara que a televisão deixe ela mais calma.
- Hahaha! Imagina só a Rita Hayworth te ver agora, hein? Todo suado, essa cabeleira preta toda desgrehada e ainda por cima levando a televisão no bonde.
- Tá me agourando, é? Esse teu cabelo também não fica atrás.
- Brincadeira.
- Acho que a mãe vai gostar muito do presente. Ninguém na vila tem televisão.
- Quero ver a cara do pai, sempre dizendo que não vale a pena, que ele

não ia comprar, que é uma porcaria...

- Duvido que ele não vá assistir.

- Na hora que ele vir a televisão, vai fazer cara de nojo. Mas aposto que depois de uns dias vai correndo comprar celofane verde, vermelho e azul pra colar na tela, igual a Dona Ermínia.

- Quero mesmo é ver a cara da mãe!

- Bem, vamos indo que o ponto ainda fica a duas quadras daqui.

- Pega aí. Vai!

- Levanta direito, Zé! Você tá de novo deixando todo o peso pra mim!

- Tá Dito, anda logo senão o bonde passa e outro agora só bem mais tarde.

- Amigo, sabe se o bonde pro Belenzinho já passou?

- Ainda não. Mas tá pra passar. Também vou nele.

- Obrigada!

- Hoje a Vila inteira vai lá pra casa ver televisão.

- Não tenho dúvida, mas não vou ficar a noite toda, não. Vou pra praça ver se encontro a ruiva.

- Mas troca essa camisa suada, hein! Toma banho, passa um perfuminho...

- Claro né? Você acha que sou algum bronco?

- Opa! O bonde vem vindo.

- Merda! Tá cheio!

- Um passo à frente aí, pessoal!

- Aqui não é transporte de carga, não!

- Quem foi o filho da puta que falou isso? Eu vou dar na cara desse bosta!

- Calma Dito! Pronto! Já entramos.

- Ninguém pra ajudar, só pra reclamar!

- IH!

- O que foi?

- Olha quem tá lá frente...

- Quem?

- A ruiva.

*

- Gostou pai? Consegui escrever bem o episódio?

- Gostei. Seu tio Dito era assim mesmo. Falava cada palavrão! E por qualquer coisa já queria brigar, sair no braço. Na nossa vida toda, trabalhando juntos, tive que resolver muitas situações.

- Eu me lembro bem de você contar.

- Mas tem uma coisa errada nessa história. Pra comprar a televisão, a gente foi e voltou de taxi. Ele deu muitas voltas mesmo, até achar o local. Minha mãe ficou feliz e meu pai se apossou dela. Só ele podia escolher e

mudar os canais. E o pessoal da Travessa ia toda noite lá em casa pra assistir novela, notícias. Minha mãe fazia sempre uns petiscos para servir aos amigos. Colocava tudo na mesinha da sala, oferecia e todo mundo dizia: “Não, obrigado”. Mas quando meu pai acendia a luz quando queria desligar, os pratos estavam sempre vazios.

- Mas o que vocês levaram no bonde, então?

- Uma privada. Isso foi logo que começamos nossa empresa.

- E a ruiva estava mesmo no bonde?

- Não, mas o Dito era louco por ela. Tinha um ciúme doentio, mesmo depois de casados.

- E foram felizes?

- Isso é uma outra história...

*

Meu pai sempre foi fissurado em televisão. Chegamos a ter quase uma TV em cada cômodo. Era na cozinha, no salão de festas, nos quartos e até no banheiro dele. Adorou as mini televisões quando lançadas no mercado. A princípio tinha uma preto e branco. Depois comprou uma a cores para ele e deu a preto e branco pra mim e minha irmã. Lembro que até levou sua televisãozinha a pilha em um pique-nique que fizemos no Parque Ibirapuera, pois era uma final de copa do mundo. Uniu suas grandes paixões, futebol e televisão, sem deixar de cumprir o ritual com a família. Hoje gosta das TVs enormes. Tem uma de 50 polegadas na sala de seu apartamento e uma de 55 polegadas no quarto, na qual hoje assistimos a filmes de guerra. Mas a paixão pelo futebol continua e assiste a jogos sem limites.

*

José, meu pai, e Benedito, seu irmão 3 anos mais velho, eram muito amigos, companheiros de todas as horas. Conversavam sobre tudo. Trocavam roupas; enfim, mantiveram, a vida toda, uma forte relação fraternal.

No momento em que escrevo, meu tio Dito já falecera há alguns anos. As histórias da família deles me foi contada pelo meu pai.

Joaquim veio de Portugal nos anos de 1920. Não se sabe a data certa.

Em algum momento e de alguma forma, ele conseguiu um trabalho na cidade de Jambeiro, há 125,0 km de São Paulo. Foi trabalhar na construção da igreja matriz.

Na cidade, conheceu minha avó, Cupertina, e se casaram. Tiveram ao todo 14 filhos, mas só três conseguiram chegar à vida adulta. Antônio, Benetido e José. Meu pai é o penúltimo dos filhos. O que nasceu depois dele, Joaquinzinho, morreu na infância. Todos os filhos, menos Joaquinzinho, nasceram em Jambeiro. A família foi para São Paulo quando meu pai tinha 6 meses de vida.

Minha avó não gostava de seu nome e decidiu mudar ela mesma para Compertina ao invés de Cupertina. Recentemente, decidi pedir a nacionalidade Portuguesa e tivemos muito trabalho para regularizar os documentos do meu pai, pois havia duplicidade dos nomes de sua mãe. Na certidão de nascimento do meu pai constava o nome da mãe como Compertina, e na dela, Cupertina. Na de casamento também Compertina.

Como isso foi possível eu não sei, mas em Jambeiro, nos anos de 1920, foi.

Em São Paulo, estebeleceram-se no bairro do Belenzinho, na rua Marcos Arruda, em uma casa modesta. Depois, Joaquim começou a trabalhar na fábrica de laticínios Vigor e a família se mudou para uma casa da fábrica, bem maior, na Rua Joaquim Carlos, onde criavam porcos e galinhas para consumo próprio.

José era uma criança alegre. Nas 4 fotos a seguir, em preto e branco, tiradas no quintal da casa da Rua Joaquim Carlos, ele aparece sorridente. Essas fotos estão em sépia, tom amarelo terroso. Apresentam fissuras, dobras, e uma faixa preta no lado esquerdo, o que dá a impressão de serem provas de fotos, e não as definitivas. São também amadoras. Ele tinha por volta de 14 anos. Tem cabelos curtos fartos e escuros, nariz grande, olhos pequenos e boca quase sem lábios. Veste um terninho de linho claro e camiseta ainda mais clara e tênis. O paletó tem as mangas um pouco curtas, acima dos punhos. Parece ter sido herdado de outra pessoa ou ter sido dele mesmo em outra idade.

Uma dessas fotos é um retrato apenas de seu rosto. Na seguinte está de pé, olhando para baixo. Deve ser porque o fotógrafo estivesse em um plano mais baixo, para enquadrá-lo todo e de baixo para cima. Nas outras duas está agachado junto com seu irmão menor, Joaquinzinho, que morreu ainda criança. Nas fotos, o menino parece ter 4 anos. Tem cabelos claros e veste um macacãozinho claro curto. Em uma delas está de mãos dadas com José e olha para uma planta frondosa que cai pelo muro de tijolos atrás deles. José olha para frete. Na outra, José posa com uma mão na planta, como se tentando alcançá-la, enquanto Joaquinzinho segura o braço do irmão e olha para ele.



Outra foto do tempo da Joaquim Carlos, em preto e branco, retrata os irmãos Antônio, Benedito, José, Joaquinzinho e duas meninas pequenas, da vizinhança. Estão do lado de fora, na rua, ou no quintal da casa. A parede da casa é toda manchada, indicando falta de pintura, e o chão é escuro com manchas mais claras. Antônio tem por volta de 26 anos, Benedito 17, José 14 e Joaquinzinho 4. Os três irmãos mais velhos têm cabelos escuros e, apesar de curtos, são fartos e crespos. Estão em pé, rodeando as crianças que estão sentadas em uma pedra. Antônio, à direita, é magro, de estatura mediana e veste calça escura, camisa clara com as mangas arregaçadas e sapatos escuros. Olha para as crianças. José está no centro, bem atrás das crianças. É magro, veste calça escura e camisa de mangas curtas clara. Seu braço direito está apoiado no batente de uma janela atrás dele, e a mão esquerda segura na cintura. Olha para frente. Benedito, também magro e o mais alto de todos, está à esquerda. Veste calça e sapatos escuros e camisa xadrez. Olha para baixo, para as crianças. As duas meninas vestem roupas claras. A maior, com aproximadamente 6 anos, está descalça. A menor usa um sapatinho e, ao lado dela, Joaquinzinho, descalço, veste shorts com suspensório, camisa branca de mangas longas e um chapeuzinho listrado. Todos esboçam um sorriso encabulado. A moldura da foto é branca serrilhada e está suja. Há dobras nas extremidades. Parece bem manuseada.



Alguns anos depois compraram uma casa na Travessa Arthur Mota.

A foto a seguir retrata meu avô na janela da casa, que dá para a rua. Foi nessa casa que meu pai e minha mãe foram morar depois de casados e tiveram seus três filhos. Saímos de lá quando o Metrô nos desapropriou. Inclusive, há fotos minhas e dos meus irmãos na frente da casa. A moldura da foto em questão é bem larga, branca, serrilhada e quadrada e está suja. Meu avô está do lado de dentro da janela, enquanto seus netos Toninho e Quim, de 5 e 3 anos, estão sentados com as pernas para fora. O avô tem por volta de 70 anos. É calvo. Veste uma camisa escura abotoada até o pescoço. Atrás dele há uma cortina. As crianças vestem shorts e camisas de manga curta claras. O mais velho usa suspensório. Ambos usam meias e sapatos. Toninho e o avô olham para frente. Quinzinho olha para o lado. As abas de madeira da janela estão bem abertas, encostadas na parede. Há uma moldura retangular de ladrilhos escuros que margeia a janela. A parede é clara. A luz do sol incide sobre a cena. Algumas partes, porém, estão na sombra.



Meu avô trabalhava como comprador de ração para os animais que puxavam as carroças que transportavam os galões de leite para venda. As carroças maiores eram puxadas por até seis burros. O leite era vendido de porta em porta, utilizando o recipiente dos compradores e tirado dos galões à manivela.

Meu pai se lembra de um Natal em que entregaram uma linda cesta na casa deles. Ele e os irmãos ficaram fascinados com aquilo, esperando só o pai chegar para abrí-la. Porém, ao chegar, Joaquim mandou devolver

a cesta. Considerou suborno, pois quem havia mandado a cesta era o vendedor de alfafa para os cavalos e burros e havia entregue os feixes secos. Mandou também trocarem o produto. O pai agiu corretamente; mas as crianças ficaram muito tristes e tiveram seu Natal simples como sempre.

Os irmãos de Joaquim, Reinerio e José, também foram para São Paulo, mas tinham condições financeiras bem melhores. Meu pai não se lembra muito bem porque o pai não tinha a mesma condição. Seu irmão José não teve filhos e deixou herança repartida entre muitos parentes, não sobrando muito para o irmão.

Durante o tempo que se assentou no Brasil, Joaquim foi e voltou de Portugal 7 vezes. Mas nem sua mulher, nem seus filhos, o acompanharam.

Meu pai conta também uma mania do meu avô, que achava muito engraçada. O pai continuava sentado à mesa, depois do jantar, e conversava sozinho imitando pessoas que conhecia e mantinha um diálogo com seu chefe, seus subalternos, enfim, com quem precisava ensaiar a conversa. Ele morreu bem antes de meu pai e minha mãe se casarem.

José começou a trabalhar muito cedo, aos 12 anos. Trabalhou em uma fábrica de saponáceo, depois em uma que fazia cofres. Mas assim que pôde, Joaquim o levou para trabalhar na Vigor na parte de mecânica e funilaria dos carros. Agora muitos já eram a motor.

Muito habilidoso, José logo despertou a inveja dos colegas, e chegou a ter o maior salário do setor. Os carros e os caminhões eram importados. Difícil repor peças quando davam defeito ou eram avariados. Além de seu trabalho diário, se propunha a fabricar parachoques, faróis, e o que mais aparecesse. Conseguiu moldar o paralamas de um caminhão "Martha Rocha", de farol duplo, e um dos faróis do carro de um dos chefes. Por esses serviços ganhava um bom dinheiro à parte. Contou essas e várias outras histórias dos 19 anos que trabalhou na empresa.

Na foto abaixo, em preto e branco, José, de 20 anos, está na boleia de um desses caminhões. Na carroceria está escrito "Leite Vigor". Atrás está visível a carroceria de outro caminhão, indicando que estão na garagem. Meu pai não dirigia os caminhões pelas ruas. Está somente manobrando e posando para a foto. Tem o braço direito e o torço para fora da janela do motorista. A foto tem uma fina moldura branca. Tem dobras e manchas nas extremidades



Nessa outra foto, José, seu amigo Luís Pato e um outro colega, agora posam encostados na lateral de um dos caminhões. Meu pai está no meio deles. Vestem roupas de trabalho, calças, camisas e jaquetas. Os três aparentam ter 20 anos. Têm cabelos escuros e curtos. Essa foto é interessante não só por mostrar o cotidiano dos rapazes mecânicos, mas também por seu estado. Está muito suja e manchada de preto, talvez graxa. A borda direita está inteira queimada. Meu pai disse que sua mãe tinha a mania de colocar fotos debaixo de uma vela que acendia para rezar em intenção dos filhos. Enquanto a vela terminava, a foto era queimada.



Podemos ainda observar os eventos diários dos mecânicos nessa outra foto, em que 5 rapazes, ainda bem jovens, estão trabalhando em um torno e fazendo ajustes em uma peça de caminhão em uma oficina. Todos usam macacões bem sujos de graxa. Três deles são negros. José também aparece na foto, mas um pouco afastado e vestindo um jaleco branco. Contou para mim que só vestiu o jaleco para parecer que estava supervisionando o serviço dos outros. Na parede de trás da oficina encontra-se um balcão onde há algumas peças grandes. Também há um calendário e outras peças menores penduradas. A moldura da foto é branca serrilhada. No canto inferior direito pode-se ler o nome "Lamas", provavelmente do fotógrafo. A foto está bastante manchada de preto, talvez da mesma graxa que suja as roupas dos mecânicos.



José contou também que a Vigor era propriedade de uma família de alemães, os Jordan. Depois da II Gerra, trouxeram muitos alemães para trabalhar com eles. O pai e os filhos, Tótela e Virióto, trouxeram um avanço para a indústria, como a fabricação de freezers.

Virióto era campeão de natação e uma vez trouxe o ator Johnny Weissmuller, o Tarzan da época e atleta ganhador 5 medalhas de ouro em natação nas Olimpíadas de 1924 e 1928, para visitar São Paulo. Eram amigos.

Os patrões eram generosos. Todos os empregados recebiam um litro de leite de graça por dia, mas tinham que tomar na fábrica. Muitas vezes meu pai levava para casa creme de leite e minha mãe batia para virar chantili. Eles também pagaram o parto de minha mãe quando teve minha irmã.

Meu pai conta os trotes e as brincadeiras que os empregados faziam entre si, como grudar moedas no chão para tentarem pegar, achando que tiveram sorte. Mas nem sempre as brincadeiras acabavam bem. Havia um rapaz que toda vez roubava o leite de Baila na hora do almoço. O alemão para se

vingar, misturou soda no leite. O rapaz nunca se recuperou do estrago gástrico, mas nada foi feito com Baila.

Os irmãos de Zé, Dito e Antônio (o mais velho), também trabalharam na Vigor, mas se meteram em encrencas e foram mandados embora. Dito brigou com um colega, saiu mesmo no braço; e Antônio colocou sabão no chá que um superior tomava todos os dias.

Já Zé, ou Pepico, como fora apelidado por um colega, um senhor espanhol, teve mais sorte. Também fez uma brincadeira de mau gosto com um superior, Seu Nicola, que gostava muito dele. Seu Nicola fazia sempre o jogo do bicho e um dia Zé falsificou o resultado. Seu Nicola ficou feliz da vida pensando que tinha ganho uma bolada. Como todos acabaram rindo dele, nunca mais deixou Zé ir ao seu setor, onde todos descansavam na hora da folga e conversavam.

Zé foi jogador do Time dos Operários. Jogava de uniforme e participava de campeonatos. Foi convidado para ir jogar nos Estados Unidos, mas sua mãe não deixara.

Abaixo, a foto em preto e branco mostra José junto ao seu time de futebol do Campo do Operário. Eles posam de uniforme, shorts claros e camisas escuras. A pose não difere muito das fotos de times de hoje em dia. Há um fileira de jogadores em pé e outra de jogadores abaixados à frente. Cada um olha para um lado. José está na frente e olha para baixo. Há uma mancha escura do lado inferior esquerdo que encobre um dos jogadores.



Tinha um amigo do peito, Pato, com quem dividia o trabalho, o jogo e as alegrias da vida. Tinham roupas iguais, tiraram até fotografia em estúdio juntos. Infelizmente, Pato morreu novo, aos 30 anos, de enfarto, no dia de Natal.

É interessante observar, na foto abaixo, como os dois eram realmente amigos a ponto de posarem para um foto de estúdio na qual usam roupas iguais, paletó rajado com lenço claro no bolso formando um triângulo, sobre camisa branca sem colarinho. Além da roupa, usam corte de cabelo iguais, curtos mas um pouco cheios em cima. Usam também bigode fino e têm sobrancelhas grossas. José está na frente e Pato um pouco atrás. São fotografados do torço para cima. Os dois olham para o lado direito. O papel da foto é texturizado e a moldura é branca e serrilhada, porém já amarelada, indicando má conservação. Tanto a borda superior direita como a inferior esquerda estão manchadas de preto.



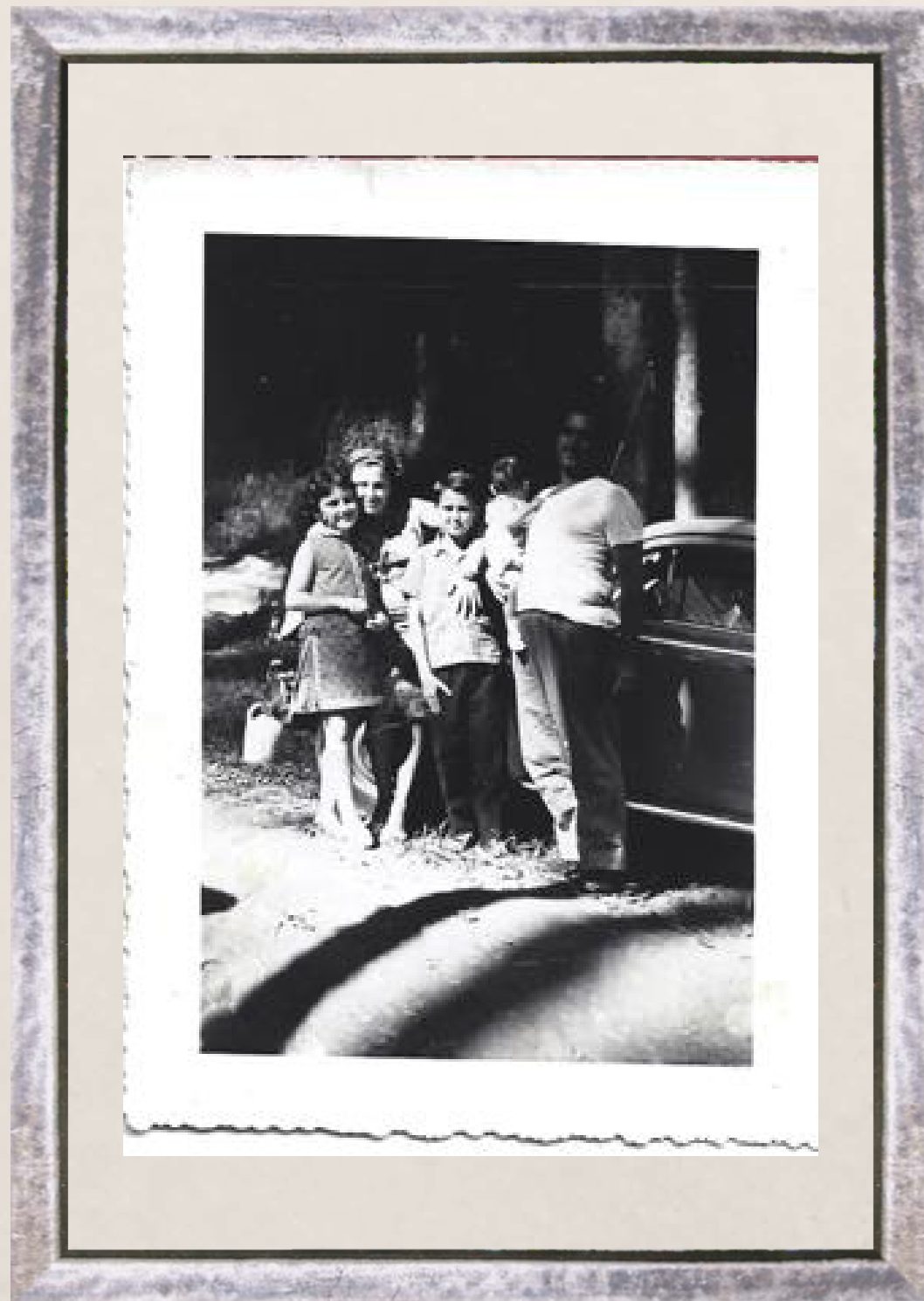
Meu pai trabalhou na Vigor até minha irmã nascer, em 1969. Nessa época, Dito já havia iniciado uma empresa de desentupimento e chamou o irmão para trabalhar com ele, pois estava expandindo o negócio. Seu chefe na Vigor não queria dispensá-lo e deu um prazo de 3 meses para ele decidir se ficava com o irmão ou não. Claro que ele preferiu ficar com o irmão, mas a Vigor pagou-lhe os 3 meses de salário em que ficou fora.

Dito e Zé então começaram a Hidráulica Ferreira, e realizaram inúmeros trabalhos de rede de esgoto e elétrica para grandes empresas, como a Takaoka. Trabalharam anos em empreendimentos como Alphaville e Aldeia da Serra, além de vários edifícios.

Abaixo, Dito é retratado com três outros rapazes em frente a um terreno vazio. Dois dos rapazes estão no chão. Dito e mais um estão de pé. Dito tem o torço nú e usa um pequeno chapéu. A foto não está nítida. Além de desfocada ainda traz sombras nos rostos dos rapazes, principalmente no de Dito. A luz está muito clara. A foto tem moldura branca serrilhada e encontra-se em bom estado



Coincidentemente, na foto em preto e branco de Dito com a família, seu rosto também está na sombra. Nela, Dito, e sua mulher Diva – a ruiva – posam junto com os filhos mais velhos, Yasmin e Aymoré, de 13 e 12 anos, e a filha mais nova, Joara, ainda bebê. Diva está um pouco abaixada e com o rosto junto ao rosto de Yasmin. Com a mão direita abraça o filho. Dito segura Joara no colo. Todos estão sorridentes e olham para frente. Somente o bebê olha para trás. Eles estão encostados em um carro. Atrás deles há algumas árvores. A luz está muito clara e o contraste está muito escuro. A sombra de Dito se prolonga à sua frente, ao mesmo tempo em que outra sombra se prolonga no sentido inverso, talvez da pessoa que está fotografando



Os irmãos ficaram juntos a vida toda, até se aposentarem e passarem a empresa para o meu primo Aymoré.

Meu pai sempre almoçou em casa, e algumas vezes levava meu tio Dito para almoçar com a gente. Ele gostava muito da comida da minha mãe, que era mesmo deliciosa. Nessas ocasiões, ríamos com ele o tempo todo, pois sempre tinha uma história para contar, entremeada com vários palavrões, o que, para nós, era proibido.

Dito era muito agitado. Meu pai é mais contido. Muitas vezes teve que abrandar os ânimos depois que o irmão brigava feio com qualquer um que lhe desagradasse.

Meu tio morreu em 2009, aos 79 anos. Lembro do meu pai sofrer muito. Apesar de viverem em cidades distantes (Dito se mudara para o interior de São Paulo), nunca perderam o contato. Se falavam sempre por telefone e várias vezes meu pai enfrentava a longa estrada para visitá-lo.

O amor fraternal se manteve ao longo de muitos anos, o qual meu pai rememora, hoje aos 88 anos, ao me contar todas essas histórias entre uma e outra partida de Tranca, as quais ganha sempre. Esconde o jogo e adora quando eu pego o monte e morro com muitas cartas na mão. Ri sozinho ao se lembrar de uma coisa ou outra. Embaralha as cartas devagar, arruma os jogos com a destreza de quem passou anos e anos jogando com minha mãe e os parentes mais próximos. Mas agora faz tudo com a calma de quem tem muito tempo para passar comigo e com quem mais se interessar por suas histórias.

A foto final retrata os irmãos Dito e Zé agachados, um do lado do outro, à beira de um rio. Ambos usam calças e camisas escuras. A foto não está bem focada. O enquadramento, no entanto, está muito bom. Atrás dos irmãos, as imagens de um morro e de nuvens no céu são refletidas nas águas calmas em efeito de espelho e dão à foto um toque artístico. A moldura da foto é larga, branca e serrilhada



- Vamos Wal! Se a gente sai tarde a estrada fica cheia.
- Já preparei o lanche. Estou vestindo as crianças. – Soraya, para um pouco! Você já é crescidinha. – Zé, a minha mãe já está aí fora?
- Tá
- Então leva essa menina e fala pra ela cuidar.
- Por que você fez esse penteado de maria-chiquinha nela? Ela fica ainda mais terrível com ele!
- Tá bom, tá bom! Vou trocar a fralda da Adriana enquanto o Rogerio termina a mamadeira.
- Palmira, a Walkiria pediu pra você olhar a Soraya. Ela acordou com a corda toda. Não para um segundo!
- Vem cá que a vovó vai te mostrar os doces que estou levando.
- Me dá um agora?
- Só depois do almoço.
- Aaaah! Só um vai vó! Agora fiquei com vontade.
- Já disse que agora não.
- Quer que eu fique com lombriga de novo, quer? Minha mãe disse que eu não posso passar vontade que a lombriga volta.
- Vou te dar só um.
- Oba! Que delícia!
- Olha, Soraya, lá vem a Tia Hilda chegando com tia Luzinda, o Fernando e o Reinaldo.
- Vou lá encontrar eles. Tia Hilda! Tia Hilda!
- Não corre assim! Ah meu Deus, caiu! – Deixa eu ver esse joelho.
- Não tá doendo não!
- Que abraço gostoso! Oi irmã!
- Oi Hilda! Essa menina hoje tá elétrica!
- Você levou ela na igreja para o padre benzer?
- Levei! Nem te conto! Ele achou que o caso era de exorcismo. Depois de rezar pediu pra gente queimar o travesseiro dela. E sabe que não queimava? Foi um custo. A Walkiria ficou impressionada.
- Mas pelo jeito não adiantou muito.
- Não.
- Toninho, entra com ela na Kombi e faz ela se aquietar.
- Olha lá, a Helena também vem vindo.
- Oi Helena. Oi Armandinho. Deixa eu dar umas beijocas nessas crianças!
- Os gêmeos estão com sono. Vão dormir a viagem inteira.
- Lili, deixa a tia ver a sandalinha!

- Foi a Wal que me deu.
- Já está apertada, mas ela não quer tirar.
- Oi! Oi! Todo mundo! Vamos entrar? O Zé já acomodou tudo lá atrás?
- Sim, Wal! Já arrumei tudo.
- Eu vou na frente com a Adriana. Mas cabe mais alguém.
- Eu vou!
- Não Lili, eu que vou com a minha mãe.
- Soraya, você vem aqui no colo da vovó e o seu irmão vai no colo do vô João. Assim cabe todo mundo.
- Eu quero ir de pé.
- Filha, não inventa!
- Mãe, a Lili não vai na frente!
- Melhor vir algum adulto para não ficar tão apertado aí atrás.
- Certo, Zé! Tia Hilda, vem você comigo. Lili, melhor você ir atrás.
- Eu não quero sentar perto da Soraya.
- Senta aqui perto da mamãe
- Onde eu sento, Zezinho?
- Senta do lado da Palmira, mãe. Vou te ajudar a subir.
- Senta aqui, Bertina. Assim são duas avós pra segurar essa menina.
- Todo mundo pronto? Posso ir?
- Sim, pode!!!!

E lá se vai a Kombi do Zé levando toda a família para a praia, para o campo, para o parque, ou para qualquer outro lugar onde se sintam unidos e felizes.

*

Meu pai comprou essa Kombi antes de eu nascer e se tornou a alegria da família. Os passeios ficaram mais fáceis, já que não tinham mais que pegar trem. Mas, sempre tinha alguém que passava mal ou tinha que “ir no mato” e precisavam parar. Alguns reclamavam dos vidros abertos, mas não tinha como ficar tudo fechado com tanta gente e crianças a ponto de vomitar. Aos domingos e feriados era certo que a família por parte da minha mãe, Walkiria, se encontrasse para fazer pique-nique em parques ou na praia. Só Zé tinha carro à época, a Kombi saia-e-blusa bege e branco.

lam mesmo apertados, cheios de coisas – lanches, bebidas, guarda-sóis, esteiras, bolsas, carrinhos, bolas – necessárias ao seu bem estar.

Palmira e João eram avós dedicados. Ajudavam minha mãe a cuidar de mim, do meu irmão e da minha irmã mais novos do que eu. Eu vivia pendurada na vó Palmira, que me levava para todo lado.

Toninho era sobrinho do meu pai. Por um tempo morou com a minha avó Cupertina, mãe do meu pai, nos fundos da casa onde morávamos. Ele era 12 anos mais velho do que eu e tomava conta de mim. Quando bebê, me dava comida, passeava comigo no quintal da casa para eu dormir. Sempre mantivemos contato, mesmo que não frequente, e ele sempre dizia para os filhos que tinha sido minha babá. Contava às filhas e filho suas histórias comigo. A última vez que vi Toninho foi quando operou o coração, pouco antes de sua mulher e companheira, Vitória, morrer. Ele se foi pouco tempo depois, de enfarto.

*

A seguir temos algumas fotos desse período, todas dos anos 1960.

A primeira delas, em preto e branco, é de minhas avós Cupertina (ou somente Bertina – ela preferia o apelido, visto que não gostava da sílaba inicial do seu nome), por parte de pai, e Palmira, por parte de mãe. Elas são retratadas da coxa para cima. Estão sentadas na frente da porta da casa de Palmira. A porta é de madeira e há uma coluna vertical de ladrilhos escuros margeando cada lado. As duas estão rindo. Palmira estende a mão direita e a pousa nas mãos de Bertina. Elá está à direita. Tem por volta de 50 anos. É magra. Tem cabelos escuros, na altura das orelhas, e pele clara. Seus olhos estão apertadinhos de tanto rir. Usa vestido claro de mangas curtas. Bertina está à esquerda. Tem por volta de 60 anos. Tem cabelos grisalhos e curtos e pele clara. É um pouco robusta. Usa óculos e vestido escuro com as mangas na altura dos cotovelos. Olhando essa foto, percebo como meu pai se parece com a mãe. Já minha mãe não se parece com minha avó Palmira. Saiu mais ao meu avô. Eu me pareço muito com minha mãe



Nessa outra foto, em preto e branco, alguns membros da família posam próximos ao lado da kombi. João, Palmira, Walkiria e José estão na fileira de trás. As crianças Fernando, Eliana, Magali e Reinaldo estão na fileira da frente. João, de 50 anos, é um pouco robusto. É calvo. Veste calça escura e camisa clara. Segura um radinho de pilha com a mão direita próximo ao ouvido. Olha para o lado. Palmira, de 48 anos, usa vestido escuro. Olha para frente e segura o braço de Fernando. Walkiria, de 25 anos, veste blusa clara e usa um coque alto, deixando-a mais alta que o restante. Olha para o lado. José, de 29 anos, está ao lado dela. Tem cabelos escuros, curtos e fartos. Usa camisa clara e olha para frente. É engraçado que as crianças olham para baixo, acabrunhadas. Eliana se esconde atrás do ombro de Fernando. Talvez seja porque estão posando de frente para o sol, já que a foto está muito clara e deixa sombras. Fernando é o mais velho, tem 10 anos. Veste camisa clara e calças escuras. Usa cabelo curto. Eliana, de seis anos e Magali de 5, vestem shorts escuros e blusas claras. Usam cabelos iguais, na altura dos ombros e com franjinha. Reinaldo, de 8 anos, também tem cabelos escuros e curtos e veste shorts escuros e camisa clara. Atrás deles há uma árvore frondosa. Parecem estar em um parque. A foto tem moldura branca serrilhada. Está amarelada e manchada de preto no canto inferior direito. Tem um bom enquadramento, com as figuras ao centro, apesar de todos serem fotografados de lado, e não de frente, e apresenta contrastes de claro e escuro.



Essa terceira foto mostra minha mãe me segurando no colo, meu tio Roberto e Toninho, todos em frente à traseira da kombi com a porta do porta-malas aberta. Minha mãe, de 27 anos, usa cabelos na altura das orelhas, um vestido cinzento e sandálias rasteirinhas. Eu devo ter 1 ano e pouco. Ela já devia estar grávida do meu irmão. Estou com um vestidinho claro e meias e sapatinhos também claros. Nós duas olhamos para frente. Eu também aponto para frente, provavelmente para quem estava tirando a foto. Roberto tinha 24 anos, mas já apresentava entradas bem marcadas no cabelo claro. Logo viria a ser calvo. Veste calças escuras e camisa clara e sapatos também escuros. Olha para minha mãe. Ele era muito parecido com meu avô. Toninho, de 13 anos, está a seu lado. Tem cabelos curtos e escuros. Veste calças escuras, camisa clara e tenis escuros. Olha para frente e sorri, enquanto os outros estão sérios. Ao lado da Kombi há um Fusca escuro e uma árvore seca. Talvez estivessem no estacionamento de um parque. Um cachorro preto olha para eles. A foto tem moldura branca serrilhada. O enquadramento não está muito bom, pois parte da kombi é cortada, apesar de centralizar as figuras



A última foto, a cores, mostra meu pai com meu irmão e eu. Ele tem 34 anos, cabelos curtos, escuros e fartos e bigode fino. Veste calças marrons e blusa branca de mangas curtas. Está sentado em um muro de pedras que margeia um lago. Com a mão direita segura meu irmão, de dois anos, que também está sentado no muro. Ele usa roupinha azul, meia e sapatinhos brancos e um bonezinho. Com a outra mão, meu pai segura a minha. Eu tenho 4 anos. Estou em pé. Uso um vestido vermelho sem mangas por cima de um blusa branca, meias brancas até os joelhos e sapatinhos também brancos. Para desespero do meu pai, estou usando as famosas mariachiquinhas, ou seja, o cabelo repartido ao meio e preso por elásticos formando dois rabinhos, um de cada lado da cabeça. A foto tem moldura branca lisa. Não está bem nítida. Parece haver uma neblina que embaça a imagem. Está bem enquadrada. As figuras estão quase centralizadas, à direita há um espaço maior, dando lugar ao lago. A foto tem moldura branca lisa, porém amarelada devido à ação do tempo. Está um pouco suja e apresenta dobraduras nos cantos.



*

Pedi à minha prima Eliana, a “boneca viva” de outra das histórias, que me ajudasse a recordar de fatos ou mesmo relatasse o que eu não havia vivido, por ela ser 7 anos mais velha que eu. E assim segue a narrativa dela:

O Zé é uma das, se não for a pessoa mais generosa que passou em nossas vidas.

Ele era um homem casado e com três filhos, poderia ter comprado o carro que quisesse, mas me lembro até hoje quando ele apareceu com a Kombi, chamou a família para ver e contou que quis um carro grande para que, quando fossem passear, poderem levar junto a mãe dele, o sogro e a sogra, a família da tia Hilda (ela e os dois filhos) e a família do tio Armandinho (ele, a Helena e os três filhos).

O Zé sempre pensava na família e colaborava com ela. Estava sempre preocupado se a casa da tia Hilda estava em ordem, se precisava de algum reparo, mandava funcionários dele para arrumar qualquer coisa que precisasse e se preocupava em mantê-la pintada e sem problemas.

Quando eu e o Maurício compramos uma casinha para os meus pais morarem, que tinha sido herança do meu avô, precisamos pagar a parte dos meus tios (o maior sonho da minha mãe era ter uma casa própria). O Zé foi peça fundamental para a reforma da casa. Era uma casa não só velha, mas também tinha ficado abandonada por muito tempo. Nunca irei me esquecer de quanto o Zé, com seus funcionários, se empenharam para deixar aquela casinha graciosa para meus pais morarem.

O Zé tinha um amigo que possuía um rancho em Maranduba (rancho Aracy) e esse amigo emprestou esse rancho para ele várias vezes e todas as vezes que ele ia, enchia a Kombi com todos que já tinham cadeira cativa nela e ainda convidava o Roberto, a Miriam e a Fabíola, o Carlos com a Modesta e os filhos, tia Izabel com tio Francisco e Marlene.

Não consigo lembrar quantos cômodos tinha ali, mas lembro bem que todos ficavam lotados.

Tinha também o Portela, outro amigo dele que tinha um sítio delicioso, e todas as vezes que o Portela emprestava o sítio para o Zé, ele chamava toda a família para ir junto. Esses encontros eram deliciosos.

Quando o Zé construiu a casa de praia em Toque-toque Pequeno, demonstrava grande alegria quando íamos também.

O coração do Zé é imenso. Nós somos família da Walkiria, que ele adotou como dele.

Além de generoso, o Zé sempre foi também muito habilidoso e criativo. Das várias invenções dele, a que me traz mais saudade é o presépio. Era grande, muito lindo, vários objetos se mexiam e a água do rio era corrente. Eu ficava encantada ao admirar aquela maravilha.

Quando chegavam as férias, me lembro de algumas em que o Zé alugou apartamento na praia de Santos, no tamanho suficiente para caber a família dele e a minha.

Lembrando da minha infância e das dificuldades da minha família, tenho certeza que, se não fosse pela generosidade do Zé, teria me divertido muito menos.

*

Meu primo Fernando, do qual falo em "O retrato", também lembrou de muitas coisas relacionadas à Kombi. Seguem suas lembranças:

Estou lendo aos poucos tudo o que você mandou, aproveitando cada palavra escrita para me lembrar dessa época tão querida e especial. Ontem li a narrativa da Kombi, e hoje voltei a ler novamente. Quantas lembranças maravilhosas daqueles passeios na Kombi do Zé!! Uma porção de lembranças vão voltando

devagarinho, algumas conectadas diretamente com o tema, e outras um pouco mais distantes, mas não menos relacionadas, pois estão entrelaçadas com as pessoas que fizeram a minha vida melhor.

Antes do casamento do Zé e da Wal, eu tinha uma raiva imensa do Zé. Como ela pôde fazer aquilo comigo? Um dia, na casa da vovó Urbana eles estavam conversando com outras pessoas (não lembro quem) e eu cheguei com a minha bola de futebol. Tenho certeza de que ele sabia que eu não gostava dele, mas mesmo assim ele sempre foi muito atencioso comigo e veio me mostrar o livro que ele estava estudando para tirar sua carteira de motorista. Olhei aquele livro com o máximo desprezo que me foi possível externar e disse alguma coisa bem grosseira sobre o livro e fui embora.

Quando a Kombi chegou, ela era muito feia. Era verde claro na parte de baixo e verde escuro na parte de cima, ou vice-versa, não lembro bem, mas eram dois tons de verde. Lembro de rodas pretas, mas não sei se ela tinha calotas. Nessa época, o meu relacionamento com o Zé era o oposto do de antes do casamento dele com a Wal. Eu estava sempre na "vilinha", a travessa onde moravam; a casa deles era a primeira da parte larga. Foi ali que ele consertou e reformou completamente aquela Kombi, e sempre me deixava ajudar a fazer alguma coisa nela. Me ensinou uma porção de coisas sobre funilaria de carros (ele era um funileiro da Vigor, de mão cheia, trabalhava com caminhões), pintura de automóvel; aprendi que para fazer a cor bege com tintas, não adianta misturar o preto com o branco como no café com leite. Para se obter a cor do café com leite, que foi a cor que ele pintou a Kombi, com a parte de cima mais claro, na tinta é necessário acrescentar o vermelho. Me ensinou também como funcionava o maçarico de oxiacetileno que ele usava para trocar partes da lataria e do piso da Kombi. Como eu me sentia importante por saber usar um maçarico!!! Ela foi toda reformada.

Um dia, quando ele estava trocando parte do piso da Kombi, eu estava na parte traseira dela sobre a chapa do motor (o motor é na parte de trás da Kombi). Ele estava usando o maçarico de oxiacetileno, quando uma das mangueiras de gás escapou, inundando o interior da Kombi com fogo. Eu não podia sair pela porta traseira do motor, porque ela estava fechada. Ele não titubeou um instante. Enfiou a mão no fogo para pegar a mangueira que havia escapado e bloquear o gás apagando o fogo rapidamente. Lembro que sua mão ficou queimada. Não sei se ainda existe alguma marca desse episódio em sua mão.

- Se arruma, Fernando, que hoje é Dia de Finados e vamos ao cemitério.
- Tenho mesmo que ir? Queria ficar em casa. Nós já vamos todos os domingos no cemitério e no Dia de Finados é muito cheio.
- Claro que você tem que ir. Precisamos arrumar as flores e rezar pelas almas das pessoas da nossa família. Querendo ou não você vai!
- Tá muito quente.
- Eu não vou falar outra vez.

*

Fernando nasceu na década de 1950. Primeiro filho de Hilda e José. Criança adorável. Aos 2 anos já falava frases inteiras com muita propriedade. Fazia observações que uma criança bem maior ainda não faria.

Era a alegria em pessoa. Não era uma criança bonita. Era uma criança comum, de pele branca, olhos castanhos e cabelos ralos. Porém, contagiava a todos. Brincava com os adultos. Nunca se cansava. Era mesmo adorado pela família.

Muito meigo, elegeu minha mãe, Walkiria, então com 14 anos, sua favorita. Walkiria era uma moça linda, meiga como ele. Era alta, olhos castanhos, cabelos também castanhos na altura dos ombros. Muitas vezes tomava conta de Fernandinho, pois os pais do menino tinham um armazém e precisavam trabalhar. Mas só durante as folgas, pois trabalhava numa fábrica de tecelagem – emendando os fios que se quebravam nas máquinas – desde os doze anos. Enfim, o pequeno imprimia a felicidade fácil à difícil e atarefada vida daqueles com quem convivia.

A família de Fernando, segunda geração de imigrantes portugueses (a não ser por seu pai, ele mesmo português), vivia na capital paulista, no bairro do Belenzinho habitado, principalmente, por imigrantes italianos e portugueses. Um bairro feito de várias vilas onde à época todos se conheciam e compartilhavam a realidade de privações e quase nenhuma escolaridade.

Os pais de Hilda foram para São Paulo, vindos de Portugal, com dois filhos e uma filha, essa com deficiência intelectual devido à meningite que contraíra quando criança. Os outros nove filhos nasceram no Brasil. Dentre eles, minha avó, que se casou com filho de italianos. Cinco morreram antes de se tornarem adultos.

O fato de todos se conhecerem fez com que o acidente que matou Fernando, de dois anos e meio, comovesse todo o bairro. O menino brincava na porta do armazém quando um caminhão de refrigerantes parou para descarregar seu produto. A rua naquele tempo ainda era de terra, não havia asfalto no bairro do Belenzinho. Fernando viu que as rodas traseiras do caminhão estavam com barro nos sulcos dos pneus e desceu o degrau da porta do armazém para retirar com os dedinhos o barro grudado. O motorista, após o término da descarga do produto e sem perceber que o menino estava atrás do caminhão, entrou na cabine, ligou o veículo e deu marcha à ré para manobrar e seguir seu caminho, quando ouviu gritos desesperados. Em pânico, engrenou a marcha à frente e avançou pelo mesmo caminho que tinha feito à ré. Sem saber o que estava acontecendo, atropelou duas vezes a pequena criança sem ver.

A família perdera a alegria e demorou muito para processar o luto. Hilda não queria mais filhos. Havia sofrido muito durante os nove meses de gravidez.

*

Interessante a história que meu avô João contava sobre Fernandinho. Disse que o menino, depois de morto, lhe veio em sonhos muitas vezes, e que brincavam juntos. Um dia, Fernandinho disse que não voltaria mais para brincar, e assim os sonhos com ele cessaram.

*

Hilda grávida. O marido muito orgulhoso. Era alto e esguio. Sobrava-lhe o que faltava a Hilda: beleza. Eram apaixonados um pelo outro.

As fotos abaixo, em sépia, o tom amarelo terroso muito comum à época, mostram o casal Hilda e José em dois momentos diferentes. Na primeira estão na praia. José passa o braço esquerdo pelos ombros de Hilda e ela o abraça pela cintura. Estão descalços e pisam na grama. Atrás deles há vários caules de palmeira e, mais atrás, areia, mar, guarda-sóis e banhistas. José é alto, magro, tem 26 anos. Os cabelos negros curtos estão penteados para trás. Tudo em seu rosto é harmonioso e lindo. Usa sunga de banho bem alta, cobre até o umbigo. Hilda tem 21 anos. Cabelos escuros na altura dos ombros. Seus olhos escuros estão apertadinhos devido ao sol. Usa um maiô com uma pequena saia que vai até o início de suas coxas grossas. Bate na

altura do queixo de José. O casal ri com a alegria dos apaixonados.

Na segunda foto o casal está em um parque. Há muitas árvores altas atrás deles. Estão sentados em um banco. José usa terno claro e Hilda um vestido também claro de saia rodada até as canelas. Ela usa óculos escuros. José abraça Hilda pelos ombros. Estão sorridentes, com as cabeças encostadas em uma pose de carinho mútuo.

Ambas as fotos estão muito claras, o que prejudica a definição das imagens. Ambas também têm molduras brancas serrilhadas e estão manchadas. Estão bem compostas, com as figuras centralizadas



Nasce Fernando. Não era bonito. Uma criança comum, mas contagiava a todos com sua inteligência e alegria. Aos dois anos já se expressava bem e argumentava com os adultos, que o adoravam.

Muito meigo, elegeu minha mãe, então com 18 anos, sua favorita, que muitas vezes tomava conta do primo nas folgas. Ele guardaria, por toda a sua vida, lembranças inesquecíveis como a do relóginho, feita com uma marquinha carinhosa com os dentes na parte de cima do pulso. “Posso fazer um relóginho em você também, Tatinha?” Sentado no seu colo, olhando aquele rosto tão lindo, se sentia muito importante quando ela lhe pedia para estalar os dedinhos. As brincadeiras, as lutas na sala de estar da casa da tia, as sobremesas especiais, claras nevadas...

Hilda engravida novamente. Mais uma gravidez de muito mal-estar. Descontava muitas vezes em Fernando, puxando-lhe as orelhas. Tatinha ensinara-lhe a lidar com a mãe quando ela se zangava: “Na orelha não,

mamãe, no bumbum”.

Mas não que Hilda fosse uma mãe abusiva. Longe disso. Adorava os filhos. Os criou sozinha. Quando Fernando tinha um ano, nasceu Reinaldo e, após dois meses de muita alegria, José, sem atenção, cruza a linha do trem e é atropelado. É jogado a vários metros de distância. -“Pelo menos não foi esmagado”, diziam.

Hilda vai para uma clínica – paga pelo irmão mais velho, Francisco, e melhor de vida – para fazer sonoterapia. Como poderia aguentar mais uma morte? Duas internações não foram o bastante para aliviá-la. Seguiu a vida, como tinha que ser.

Numa das idas ao cemitério, alguns anos depois, já considerado grande o bastante para acompanhar a mãe e as tias, ao olhar para a campa, se reconhece na fotografia lá estampada. Pede para Tatinha ler para ele o que estava escrito embaixo. -“Fernando Pereira Lopes”. -“Táta, esse é o meu nome e aquela é a minha foto. Eu vou morrer também?”

*

Desculpe se o confundo, querido/a leitor/a.

Explico:

Fernando, além de levar o mesmo nome do irmão morto, também era extremamente parecido com ele, tanto fisicamente como no jeito de ser. Comportava-se da mesma maneira, até mesmo a fala, as expressões que usava, eram muito semelhantes. Para a família tinha sido um alento. Parecia que o primeiro Fernando havia renascido no segundo.

Resolvi embaralhar as fotos dos dois Fernandos. O leitor atento saberá quem é quem, pois o texto dá uma pista. Confesso que não vejo semelhanças nas fotos dos dois ainda bebês, com as dedicatórias. Porém, em outras, acho mesmo difícil reconhecer quem é quem.

As fotos abaixo são dos Fernandos ainda bebês e trazem inscrições de oferta. A primeira foto, em preto e branco, é do primeiro Fernando. Traz a inscrição: “Aos meus queridos tios uma lembrança do meu Batizado aos 6 meses de idade. Fernando Pereira Lopes. Salve 4/10/1951”. O bebê está sentado sobre uma mesa com toalha estampada. Fernandinho está rindo. É bem gordinho, tem o rosto redondo, testa pronunciada, cabelos escuros ralos, olhos expressivos e escuros. Estão apertadinhos devido à sua risada. Veste um macacãozinho branco, meias e sapatinhos também brancos e chupeta pendurada no pescoço por um fio de contas. Olha para frente. Devia estar mexendo as perninhas, pois há um efeito desfocado pertinente às

imagens em movimento. A foto é de estúdio. Foi revelada em papel texturizado com a moldura branca serrilhada.



A segunda foto, em preto e branco, é do segundo Fernando e traz a inscrição: "Ofereço aos meus avós, como lembrança dos meus nove meses. Fernando Pereira Lopes. Salve 30 de junho de 1955". O bebê está sentado sobre uma almofada. Ele tem cabelos ralos e claros, olhos redondos e grandes. Rostinho ovalado e testa pronunciada. Está sorridente. Veste um conjunto branco de calça e blusa de lã, meias claras e sapatinho de verniz escuro. Levanta as mãozinhas e olha para o lado. A foto é de estúdio e foi revelada em papel texturizado com moldura branca serrilhada



Walkiria, aos 13 anos, está sentada em um degrau da entrada interna do quintal dos meus bisavós. Ao fundo, pode-se ver a porta de entrada externa do quintal. Tatinha segura o bebê no colo e olha para ele. Ela é magra, tem cabelos escuros e longos. Usa vestido claro. O bebê veste roupinha também clara. Tem o cabelinho ralo e a testa pronunciada. Olha para a mão de Tatinha que o envolve pela cintura. A foto, em preto e branco, está bem composta. As figuras estão centralizadas. Há contrastes de claros e escuros. A foto tem moldura branca serrilhada e foi revelada em papel liso. Apresenta dobradura na parte inferior direita e parece ter sido bem manuseada. Penso em quantas vezes Hilda terá visto essa e as outras fotos dos Fernandes



A criança, com aproximadamente 2 anos, está em pé próximo a uma roda de bicicleta grande e segura no pedal. A outra mão está suspensa. Olha para frente. Parece surpreso, como se chamado e se virasse no instante da foto. Seus olhos vívidos estão arregalados. Usa um macacãozinho bufante curto e claro e um babador. Boné claro e sapatinhos escuros. A foto está em preto e branco e tem moldura branca serrilhada um pouco suja.



Na próxima foto, em preto e branco, o bebê está sentado sobre uma manta em meio a um gramado. Há uma bolinha a seu lado. Sua roupa e manta claras contrastam com o cenário escuro. Ele tem cabelos ralos e olha para o lado. A foto tem moldura branca serrilhada, foi tirada à distância, o que dificulta a definição do rostinho do bebê. Porém, pode-se observar sua testa pronunciada.



Walkiria, de 13 anos, seu irmão Roberto de 10 e sua tia Maria Helena de 19, estão sentados em um muro baixo próximo à entrada de um dos apartamentos dentro do quintal dos bisos. Roberto tem as pernas cruzadas e segura o bebê Fernando bem apertado. Com uma das mãos o envolve pela cintura e com a outra o protege. Se aconchega ao bebê, encostando sua cabeça na dele. Tem cabelos claros e curtos repartidos de lado. Usa bermuda e camisa claras. Está sorridente. Olha para frente. O bebê usa roupinha clara e põe a mãozinha direita na boca. Estão entre as moças que olham para eles. Walkiria tem cabelos escuros e longos. Usa vestido claro com a cintura marcada por um cinto. Maria Helena tem cabelos escuros e fartos na altura do queixo presos de lado. Veste saia e blusa claros. As figuras estão centralizadas, mas só vemos as moças de perfil. Tem pouca definição de claros e escuros. Tem moldura branca serrilhada. Está bem manuseada, com manchas amareladas e uma escura do lado esquerdo.



Nessa outra foto, em preto e branco, Walkiria, de 17 anos, segura Fernando, de 2 anos, atrás da grade de sua casa na Travessa Artur Mota. Atrás deles há uma cortina clara rendada. A criança está em pé. Walkiria usa o corpo para protegê-lo e o apoia com as mãos. Ela tem os cabelos escuros curtos. Usa brinco de argola e vestido claro, de mangas curtas, com cinto. Olha para a criança. Seu rosto está atrás do desenho de voltas rebuscadas do ferro de proteção da janela. Fernando tem os cabelos ralos e testa pronunciada. Usa macacãozinho claro curto e sandálias escuras com meias claras. Segura na grade. Olha para frente. Está sério. A imagem não apresenta contrastes definidos. Está um pouco embaçada. A foto tem moldura branca serrilhada. Parece bem manuseada, pois apresenta manchas e dobraduras nos cantos.



A última foto, em preto e branco, dessa sequência, mostra Fernando com 2 anos, jogando uma bola para o alto. Seus braços estão erguidos e a bola, em movimento de queda, faz sombra no chão. Atrás dele há um portão claro com grade de ferro retorcido que forma figuras rebuscadas. O menino usa uma blusinha e shorts escuros. Usa também um boné claro, que parece estar saindo da cabeça, pois podemos ver sua testa pronunciada. Tem os olhinhos apertados, provavelmente por estar de frente para o sol. A foto está muito clara, sem contrastes definidos. Está um pouco embaçada. Tem moldura branca serrilhada, manchas escuras, dobraduras e um risco na parte superior direita.



Para Fernando, no entanto, a comparação seria uma cruz que carregaria a vida toda, mesmo porque, criança ainda, ouvia: –“Você é o homem da casa”. “Tem que cuidar da sua mãe e do seu irmão”.

Uma infância perdida. Uma alma trancada. E assim ele viveria, vítima do desassossego. Não ser o que poderia vir a ser. Levou, sem reclamar, sem dizer nada (a não ser uma vez que segredou para mim, em uma de nossas escassas conversas – infelizmente), a opressão que lhe causava a infeliz comparação com o irmão morto. Parecia ter o espírito já velho. E já não era nem ele nem o outro.

A culpa sempre o perseguiria. A não vontade de prestar homenagem ao irmão, ao pai, aos avós, aos vários tios, obrigando-o a estar no cemitério, a abafar o grito contido no peito, a conviver com os fantasmas e, principalmente, ao fantasma de si próprio, vagando entre a luz (pouca) e as trevas.

*

Mas voltemos ao início, onde deixamos o Fernando de 11 anos.

A próxima foto, em preto e branco com algumas partes coloridas artificialmente, mostra o menino de 11 anos em uma pose escolar. Ele usa cabelos curtos penteados para trás com brilhantina. Pode-se ainda perceber sua testa larga e pronunciada. Está sério, com olhar cansado. Seus lábios estão entreabertos. Ele é magrinho. Veste camisa clara sob um pullover escuro. Está de braços cruzados sobre um livro aberto sobre uma mesa, onde estão também depositados um globo terrestre, um vaso com uma rosa, outro livro e um pequeno quadro com o número treze. O número talvez seja um indicativo para o fotógrafo. Atrás do menino há um grande mapa do Brasil com o desenho das bacias hídricas. O mapa é verde claro e a rosa sobre a mesa é vermelha. A coloração artificial era comum. A foto não tem moldura, mas é arredondada nos cantos e estes apresentam dobraduras.



Ele não queria se afastar da tranquilidade da noite e do aconchego do lençol, com que cobre o corpo e a cabeça.

- É pecado você não ir ao cemitério!

Um calafrio toma conta do seu corpo, enebria sua mente. Como decidir entre encontrar-se no cemitério e ir para o inferno pagar um grave pecado? Sentou-se, então, na beirada da cama. Sentia-se fraco. Queria estar doente.

No cemitério, o cheiro de sebo derretido das velas, misturado com o perfume intenso das flores, provocava-lhe náuseas.

Para se distrair, tentava adivinhar as histórias de cada mausoléu: um leão, um anjo, um livro... Mas nem o calor e as nuvens baixas afastavam o frio da morte encravado no mármore.

Chegando à campa, tentava ficar atrás da mãe, mas essa o puxava para rezarem em conjunto. Nesse momento, lhe era permitido fechar os olhos. Ao ver a mãe chorando, o pequeno Reinaldo chorava também. Nem uma lágrima escorria dos olhos de Fernando. Como poderia chorar aqueles que não conheceu?

Mas, de repente, algo se apossou dele e chorou um choro convulsionado, não de tristeza, mas de raiva. Raiva pelo pai ter lhe deixado tamanha carga. Raiva por ser um segundo sempre a ser comparado a um primeiro. Raiva por não ter um exemplo masculino com quem dividir as suas dúvidas e angústias, não ter um norte para seguir, não ter em quem se espelhar, não ter uma base sólida para se lançar na vida, não ter um porto seguro onde desaguar suas lágrimas. Raiva por não ter um irmão mais velho que pudesse assumir o fardo em seu lugar, mas apenas um menino...

Ao vê-lo chorar, a mãe se alegra e ele poderia chorar assim para sempre. Não pelo mesmo motivo que ela, mas pelos seus próprios fantasmas.

*

A vida de Hilda fora marcada por muitos sacrifícios e tristezas. Ao ficar viúva, foi morar na casa dos pais. Cuidou deles até morrerem, já bem idosos. Ela era a penúltima dos filhos. Tinha somente dez anos a mais do que minha mãe, sua sobrinha. Cuidou da irmã com deficiência, Luzinda, até a morte desta após um sofrido e longo câncer, exigindo conhecimentos de enfermagem que Hilda não tinha, mas teve que rapidamente aprender.

Ao longo de quase toda a sua vida, desde os 27 anos, quando enviudara, até uns 20 anos antes de sua morte, aos 90, Hilda esperou por uma indenização da Companhia Ferroviária devido ao acidente com seu marido. Desde quando saiu a sentença a seu favor até o dinheiro ser liberado, recebera migalhas. Também nunca mais se casou. Temia pelos filhos. A foto a seguir, em preto e branco, mostra Walkiria, José, Hilda, Fernando e Reinaldo em frente ao Planetário do Parque Ibirapuera. O prédio tem formado redondo, parece um disco voador. Ao lado deles há algumas plantas de folhas compridas, duras, pontudas e dentadas, como um abacaxi. Os adultos estão atrás e as crianças na frente deles. Walkiria, com 23 anos, tem os cabelos escuros na altura das orelhas. Veste uma camisa escura e saia estampada rodada. Olha para o lado, desatenta à foto que está sendo tirada. José, de 27 anos, ao seu lado, tem cabelos escuros, curtos e fartos e bigode fino. Veste camisa clara e calças escuras. Olha para o lado oposto ao de Walkiria. Ao lado deles está Hilda. Aos 33 anos, ela parece ser muito mais velha. Tem cabelos escuros curtos. Olha para baixo, para as crianças. Uma mãe protetora que só tem olhos para os filhos. Usa vestido claro estampado marcado na cintura. Tem uma pose desleixada, ombros caídos e barriga para frente. Fernando, de 7 anos, está na frente de Walkiria. Tem os cabelos claros penteados para trás, deixando sua testa bem marcada. Usa camisa clara e bermuda escura. Tem os braços

cruzados. Ao lado dele está Reinaldo, de 6 anos. Também tem os cabelos escuros penteados para trás. Usa camisa e bermuda claras. Ele se parece com o pai, e Fernando com a mãe. Todos estão com os olhos apertados, provavelmente devido ao sol. A foto está bem composta, com as figuras centralizadas, e apresenta contrastes de claros e escuros definidos. Tem moldura branca serrilhada.



Hilda surpreendeu a família ao dizer “não” pela primeira vez. A irmã mais nova, Helena, enviudara já quando as duas passavam dos 60 anos; sendo de quatro anos a diferença entre elas. A família logo traçou o destino das duas: iriam morar juntas. Mas Hilda recusou-se a morar com a irmã.

Morava só em sua casa (reformada por um *pool* familiar) desde a morte de Luzinda. Saía com as amigas da vizinhança, fazia crochê e tricotava peças para os netos e para a casa. Estava finalmente livre de obrigações com qualquer outra pessoa senão ela mesma.

Para mim, Hilda era sinônimo de alegria. Adorava minha mãe, que sempre a visitava e levava junto eu e meus irmãos. Foram amigas por toda a vida.

Lembro do seu cabelo curto com permanente, sempre bem arrumado e roxo ou lilás. Eu achava lindo! Na época em que eu era criança, os parentes não costumavam marcar visitas, apareciam e pronto. E quando aparecíamos na casa de Hilda havia sempre um bolo (simples, mas delicioso), ou uma torta salgada de liquidificador (que eu nunca consegui reproduzir tal qual ela fazia). Sabores da infância que se solidificaram em minha memória.

Hilda também estava sempre pronta para aceitar um convite. Até pouco antes do Alzheimer, passando dos 80 anos, parecia estar sempre agradecida pela vida ainda lhe proporcionar certas alegrias.

Fernando começou a trabalhar muito cedo. Com 15 anos, logo depois que terminou o curso ginásial, teve que começar a trabalhar para poder ajudar sua mãe e o irmão mais novo, que ainda não havia terminado o ginásio. Seu primeiro emprego foi como office-boy em um escritório de despachante de documentação de importação e exportação.

Foi a prima Francelina (que era prima da sua avó Urbana) quem ajudou para que Fernando conseguisse esse primeiro emprego. Ela era muito próxima de um senhor chamado Maviael, um dos sócios nesse escritório.

Depois de pouco tempo trabalhando como office-boy, Fernando foi promovido para faturista, e já não entregava mais correspondências na rua, trabalhava dentro do escritório emitindo faturas e outros documentos dos processos de importação e exportação. Com muito pouca maturidade, pouco mais de um ano depois, deixou esse emprego por um outro em que voltaria a ser office-boy, mas ganharia um pouquinho a mais. Devido à sua postura pouco adequada no novo emprego e em função de um deslize sério que praticou, com pouco mais de um mês foi demitido.

Pouco tempo depois, Tio Aguilar, irmão de sua mãe, conseguiu um emprego para Fernando no escritório da Refinaria e Exploração de Petróleo União, onde Fernando trabalhou por três anos. Fernando saiu do escritório da Refinaria para trabalhar na empresa de hidráulica do Zé e do Dito como caixa, tamanha era a confiança que o Zé tinha nele.

Deixou a Hidráulica Ferreira apenas um mês depois de ter iniciado o trabalho, pois não conseguia administrar, em seu íntimo, o medo de que ocorresse algum tipo de transação escusa que ele não pudesse identificar e que abalasse a confiança que o Zé e o Dito tinham nele. Começou a ficar literalmente doente de preocupação. Na realidade, Fernando não tinha nenhuma experiência com a parte financeira de uma empresa e o gerente da loja (Jubal) e alguns funcionários não eram de confiança.

A última vez que me encontrei com Fernando (e espero encontrá-lo ainda muitas mais) foi no enterro de Hilda. Ele estava sereno. Em frente à campa, não o vi chorar. Todas as lágrimas já haviam sido derramadas no dia em que a deixou em um recanto para idosos, pouco mais de um ano antes de sua morte. O pior de todos os seus dias. Nem tampouco vi o retrato de seu irmão. No lugar, apenas o resquício do que um dia foi um retrato, mas agora quase que completamente esbranquiçado pelo tempo.

*

Fernando escreveu sobre meus avós e sua relação com eles, que trago a seguir:

Adorei ver as fotos antigas. Que saudades do Tio João e da Tia Palmira! Tio João foi o pai que eu não tive. Tinha uma paciência infinita comigo. Me ensinou tudo o que eu sei fazer até hoje em relação às coisas de uma casa. Consertar coisas quebradas, mexer com madeira, cimento, tijolo, pintura, como usar ferramentas, a ter amor pelas ferramentas. Uma vez fizemos uma escada de madeira de abrir na cozinha (a Tia Palmira quase teve um treco), devia ter uns seis ou oito degraus, quase não cabia na cozinha. Ensinou a fazer balões de festa juninas com papel de seda, pipas e quadrados que os meninos empinam na época de vento forte, tudo que eu sei fazer de atividades manuais, foi o Tio João quem me ensinou.

Quando eu era pequenininho (não sei que idade eu tinha, mas lembro disso até hoje), me chamava de “Nandinha” e achava meus pés engraçados, pois tinham os dedos esparramados e abertos.”-- Olha os dedinhos do pé dele como são abertos”. Também me ensinou a cuidar do seu canarinho amarelo.

Quando eu estava na casa deles, à tarde, depois do almoço, era hora de tirar uma soneca com a Tia Palmira. Que mulher maravilhosa minha Tia Palmira! Não me lembro de alguma vez tê-la visto nervosa ou gritando. Uma mulher suave. Deitávamos na cama de casal deles e ela lia para mim todas as tardes em que estivemos juntos, um dos “gibizinhos” do Mickey, do Pato Donald ou do Tio Patinhas. Ela tinha uma pilha gigante deles, bem ao lado da cama. Depois da soneca sempre tinha um lanche à tarde. Era uma maravilha estar na casa deles.

Na sala de visitas da casa da Tia Palmira tinha um conjunto de sofá e poltronas amarelo (engraçado lembrar a cor), não era de tecido, era uma espécie de napa, não sei bem. Um dia, depois de me procurarem durante algum tempo, me encontraram atrás do sofá grande, de três lugares, com uma gilete na mão, recortando a parte de trás. Estava fazendo um desenho com a gilete. Minha mãe quase enlouqueceu, mas para os meus queridos tios, qual a importância daquilo? “O menino estava só brincando”.

*

Para completar a narrativa, Fernando traz um caso que ocorreu quando tinha 18 anos e que enviou para mim sem saber o desfecho. Vamos ao fato e à consequência:

Fernando andava um pouco acabrunhado e desanimado porque não estava conseguindo encontrar um novo trabalho. Seu primeiro emprego havia conseguido por uma indicação e o segundo perdido por sua imaturidade. Estava com dezesseis anos de idade nessa época.

Alguns dias depois de ter sido demitido, Fernando estava caminhando pela “vilinha” (na verdade, a Travessa Artur Mota) onde ficavam as casas da Wal (Tatinha) e do Zé e do tio João e tia Palmira. A casa número 1 era da Wal, e a número 7 era da tia Palmira (tenho quase certeza disso). A “vilinha” tinha um começo e um fim mais estreitos, pois eram um pedaço de rua mesmo, mas no meio ela era mais larga e meio quadrada. A casa da Wal e do Zé era a primeira da parte mais larga. Bem em frente à casa da Wal, estava ela com a Adriana, sua filhinha caçula, perto do carro novo que eles haviam comprado. Era um Volkswagem TL verde escuro. Parte da família já havia se dispersado. Helena, Armandinho e os filhos já não moravam perto nessa época, e as crianças todas haviam crescido, portanto a Kombi já não era mais usada por todos, para aqueles passeios maravilhosos de pouco tempo antes.

Walkiria sabia que Fernando estava sem emprego. A mãe de Fernando havia comentado que ele havia sido demitido, mas não sabia os motivos. Ele não contou a verdade.

Procurando animar um pouco Fernando, Walkiria chamou-o para ver o carro novo e conversarem sobre outros assuntos. Entre eles, sobre a vontade de Fernando ter uma casa grande, como aquelas que ele via do ônibus quando ia para o ginásio, na avenida Paes de Barros, e quando iria poder comprar um carro seu quando estivesse trabalhando novamente.

Não há modo de se saber exatamente como, mas de alguma forma Walkiria deixou que Fernando, sem nunca ter dirigido um carro em sua vida, se sentasse ao volante do TL verde e, do lado de fora, deu-lhe algumas instruções sobre como dirigir o carro. Na frente do TL, havia um outro automóvel estacionado. Acredito que, como ela gostava muito de Fernando e, vendo como ele estava desanimado por ter perdido o emprego, tentou melhorar o seu estado de espírito deixando que ele tivesse a sensação gostosa de poder dirigir um automóvel. Talvez com isso melhorasse um pouco o seu abatimento.

A primeira instrução foi para dar a marcha à ré no TL, por causa do carro na frente que estava um pouco distante. Como Fernando nunca havia se sentado à direção de um automóvel, o TL morreu na primeira tentativa. Estava acelerando demais, a embreagem foi solta rápido demais e o freio de mão estava acionado, o que impediu o movimento do carro para trás.

A segunda instrução foi para ir para a frente virando o volante para a direita, já que o automóvel da frente estava um pouco distante e era possível sair sem precisar dar marcha à ré. Desta vez o freio de mão foi solto antes, o que fez com que o carro avançasse para diante. Mas, com a inexperiência de

Fernando e sem nenhuma sensibilidade para o carro, o acelerador estava acionado demais e a embreagem foi solta muito rapidamente, o que fez com que o TL desse um salto para a frente e para a direita, atravessando toda a parte larga da “vilinha”, indo bater de frente, de encontro à parede da casa da dona Cila e do Sr. Pita. Ele nem pensou que o carro tivesse freio.

Dona Cila era costureira e o Sr. Pita era um homem que bebia demais e tinha todo o rosto e o pescoço arroxeados, diziam que era porque ele bebia muito vinho. Eles tinham um filho um pouco mais velho do que Fernando, que chamávamos de Ricardinho. Cadinho.

A batida causou um estrago bastante grande na frente do TL, afundando o farol, parte da tampa dianteira e todo o paralamas dianteiro direito. Fernando não sofreu nada, apenas o susto que ele e Walkiria tiveram. Ela mandou que ele fosse embora; porque resolveria com o Zé quando ele voltasse do trabalho.

Fernando ficou muito tempo sem aparecer novamente. Nem conversar com o Zé sobre o que aconteceu com o TL ele foi capaz.

Simplesmente sumiu, sem assumir a sua responsabilidade pelo estrago que tinha causado ao carro dos primos tão queridos.

Não era a vergonha de não poder pagar o estrago, já que nem emprego ele tinha nesses dias. Era o pavor da lembrança do que ele poderia ter feito a eles e à família da dona Cila.

Todas as vezes em que Fernando revê em sua mente a batida, ele se lembra com um horror enorme, que a pequena Adriana, com um conjuntinho de calcinha e camiseta cor de rosa, estava atrás do carro quando ele tentou dar a primeira marcha à ré, e somente depois que o carro morreu Walkiria puxou a menina para o seu lado, ficando ambas do lado esquerdo do carro. Como a casa de Walkiria era a primeira no larguinho, atrás do TL havia uma parede enorme onde o carro se chocaria se tivesse andado de ré, exatamente onde estava Adriana.

O carro desgovernado bateu na parede da casa da dona Cila, bem ao lado dos dois degraus que havia na porta da frente da casa, ficando toda a frente do carro sobre os dois degraus da porta. Era muito comum ver o Sr. Pita sentado às tardes no primeiro degrau da porta da frente, exatamente onde estava a frente do carro batido.

Nunca, em nenhum momento, o Zé ou a Wal mencionaram qualquer coisa sobre o estrago que Fernando fez no TL verde.

Todo o santo dia em que Fernando se lembra desse episódio, que nunca mencionou para ninguém, agradece à PROVIDÊNCIA DIVINA que permitiu que não acontecesse uma tragédia.

Esse acidente provocado por Fernando teve consequências, que me lembro e as quais contei a ele. Meu pai sempre foi um tanto nervoso,

apesar de não aparentar, e ficou bravo com a minha mãe. Como o carro era pra ela usar, ele disse que não ia consertar.

Deu um jeito no capô prendendo com um arame. Minha mãe passou a andar com o carro assim. Um dia, subindo o elevador Guadalajara, próximo à praça da igreja de São José, no Belém, o arame se soltou e o capô levantou, impedindo a visão.

Minha mãe levou um susto, mas conseguiu encostar. Um homem também encostou e a ajudou a prender o capô novamente. Aí foi a vez de ela ficar muito brava com o meu pai, tanto que ele resolveu consertar antes que algo mais grave acontecesse com a gente.

Coisas de casal!

Duas mulheres perto dos trinta anos. Uma paixão.

Nos idos da década de 1950, no bairro do Belenzinho, esse romance não poderia acontecer. Mas aconteceu.

Yolanda era viçosa, se vestia nos padrões da época, apesar de não dispor de muito dinheiro para comprar roupas e sapatos caros. Era costume as moças fazerem seus próprios vestidos, ou reformar os de segunda – ou terceira – mão. Usavas saias rodadas com a cintura bem marcada no corpo esbelto. Tinha cabelos pretos, um pouco cacheados, que realçavam a pele muito branca, e cativantes olhos verdes.

Trabalhava na Pirani, loja de departamentos na Avenida Celso Garcia. Era vendedora na seção de roupas femininas.

Dora era bem diferente de Yolanda. Mais contida, um pouco encorpada, não usava roupas que marcavam muito o corpo, mas também era vaidosa. Gostava de parecer bonita para seu amor. Tinha cabelos castanhos curtos sempre arrumados e fixados com laquê. Olhos castanhos e pequenos. Não chamava tanta atenção como Yolanda, era baixa, mas tinha seus encantos. Trabalhava na fábrica de laticínios Vigor, na seção de engarrafamento do leite.

Moravam nas casas dos pais. Educação primária e muito preconceito. Se conheceram na parada do bonde, onde estavam sempre no mesmo horário. Os encontros certos deram início à amizade.

Combinavam idas ao cinema, onde ficavam de mãos dadas nas cenas de suspense e tensão. Adoravam os filmes americanos. Iam também ao *footing* na praça da igreja São José. Os rapazes ficavam parados enquanto as moças davam voltas e voltas, sempre no mesmo sentido, ao redor do espaço. As duas teciam comentários desdenhosos sobre cada um dos rapazes que se aproximavam delas e riam daquela situação de aparências.

Com tantas coisas em comum, uma se reconheceu na outra, e o amor, o desejo, não tardaram a acontecer.

A impossibilidade de estarem definitivamente juntas tornava-se cada vez mais cruel. Beijos fugidios longe dos olhos de outrem, mãos que se tocavam delicadamente ao caminharem lado a lado na rua.

- *Yo, seus olhos verdes estão particularmente bonitos hoje!*

- *Mas Dorinha, meu amor, para quem estou olhando?*

Chegaram, então, a uma conclusão: teriam que sair de suas casas e morarem próximas uma da outra. O dinheiro escasso, porém, só permitia alugarem dois quartos no cortiço do bairro.

Ao se mudarem (sem objeção dos pais que as preferiam longe da família por razões óbvias), as visitas, as trocas de quarto, os sussurros, não enganavam ninguém.

Numa sociedade hipócrita, todos sabiam do caso entre as duas, mas preferiam fingir que nada acontecia.

Depois de algum tempo, quando já passavam alguns anos dos trinta, os pais de Dora exigiram que ela noivasse um rapaz bem apessoado, alto e forte, com cabelos arrumados a brilhantina, chamado Tadeu, e de situação financeira bem melhor que a deles. Ao se mudar, Dora deixara de ajudar a família. O salário mal dava para o aluguel e para comer.

Tadeu tinha visto Yolanda e Dora nas voltas na praça, e não se interessara pela mais vistosa, mas pela mais comum. Tentou aproximar-se de Dora algumas vezes, mas ela o despistava. Chegou a pedir-lhe diretamente em namoro, mas Dora não disse nem sim nem não. Pensara que dessa forma ele acabaria por desistir.

Acontece que Tadeu, insistente, não dava bola para as más línguas e foi diretamente pedir aos pais de Dora a permissão para namorá-la.

Imediatamente aceitaram o pedido e obrigaram Dora não só a concordar, mas também voltar a morar na casa deles. Tinha que recuperar a moral perdida.

Agora que estava comprometida, pouco lhe era permitido fazer fora de casa. Chegou a se esquivar das carícias de Tadeu, pudica, mas o rapaz aceitava o recato e pensava na lua de mel.

Yolanda e Dora agora encontravam-se raramente, pois moravam em lugares mais distantes uma da outra. Às vezes encontravam-se no final dos turnos de trabalho e o desejo, a paixão, eram confidenciados nos olhares e no roçar das saias rodadas, nas falas interrompidas e nos soluços contidos de pesar.

Elas já não sabiam o que fazer. Pensaram em fugir, a única salvação.

Arrumaram tudo em duas malas. Dora foi aos poucos levando peças de seu vestuário e entregava secretamente a Yolanda, que dobrava tudo com esmero. Cheirava peça por peça e sonhava com o dia em que iria senti-las no corpo de Dora, ao tirá-las uma a uma em sua intimidade.

Dora, porém, se afligia, pois nada parecia dissuadir Tadeu. O vestido de noiva já estava nas provas finais e elas ainda não tinham o dinheiro para a fuga. A proximidade do casamento fez com que os pais de Dora a obrigassem a sair do emprego para bordar o enxoval.

Dia do casamento. Yolanda não fora convidada. Esgueirou-se pelas paredes

mal iluminadas da igreja de São José para ver Dora sair de noiva de braço dado com Tadeu. Os convidados, apressados, já rumavam para a festa. Dora esboçava um sorriso falso, enquanto Yolanda chorava, sabendo que não poderia viver sozinha em sua paixão.

Tomou então uma decisão: foi até o cortiço e falou com o senhorio.

- *Olá seu Orlando, o senhor tem veneno de matar ratos?*

- *Não. Só formicida.*

- *Serve. O quarto está infestado de formigas também.*

- *Então leva a lata toda e espalha bem nos cantos dentro e fora do seu quarto.*

- *Obrigada. Farei isso.*

No quarto, pega um copo d'água para ajudar a engolir o veneno.

As vidas das duas, mesmo distantes, teriam desfechos semelhantes: uma morreu sofrendo e só e a outra viveria como tal.

*

Eu não conheci as heroínas dessa história. Foram minha mãe e minha tia Hilda que contaram para mim. Também não lembro do nome das moças. Dei nomes que sei eram mais comuns à época.

Encontrei essas fotos no arquivo da família, sem indicação de quem seriam as moças retratadas. Achei que poderiam ser uma representação das duas.

A primeira foto, em preto e branco, tem a moldura branca e serrilhada. Tem marcas de dobras. Os lados estão bastante danificados, enrugados. Está bastante manchada. Apresenta marcas amareladas e negras. Parece bem manuseada. Não foi guardada em álbum nem em condições apropriadas. Não tem a qualidade de foto de estúdio. O papel onde foi revelada é liso. Porém, ambas as moças estão posicionadas como em uma foto de estúdio. A descrição que fiz delas corresponde à sua imagem na foto. Ambas são fotografadas do busto para cima. Yolanda está à frente de Dora. Veste uma blusa clara, enquanto Dora uma blusa escura, ambas fechadas até o pescoço. Dora usa óculos, Yolanda usa um colar com camafeu, talvez traga no peito a foto da amada. Usa batom. Ambas trazem o cabelo repartido de lado. Dora encontra-se um pouco acima de Yolanda. As altas luzes estão sobre a cabeça de Dora, deixando seu cabelo mais claro. Está de frente para a câmera, como a enfrentá-la, apesar de seu olhar parecer fitar um espaço sobre esta. Seu semblante é sério e duro.

Yolanda está de lado, voltada para a esquerda. Seu olhar é vago, depressivo. Pensando na narrativa, pode-se dizer que Dora enfrenta a situação, mas com revolta. Precisa se casar com quem não quer. Yolanda se desespera. Não enfrenta a situação e acaba por se matar.



A segunda foto retrata três pessoas, duas mulheres e um homem, que podemos pensar como a representação de Dora, Tadeu e Yolanda. Aqui temos uma foto de estúdio, não só a identificamos pela postura, pois foram fotografados do busto para cima, mas também pelo papel mais grosso, texturizado, com fina moldura branca serrilhada. A foto está em boas condições. Parece ter sido bem conservada. O noivo está entre as duas. Todos sorriem. Ele olha para o lado, enquanto que Dora e Yolanda olham de frente. Usam cabelos cacheados curtos, quase iguais. Dora, à esquerda, veste uma blusa estampada em tonalidade cinza. O noivo usa terno. Paletó escuro, camisa clara e gravata estampada. Yolanda veste blusa clara e paletó escuro. Aqui poderíamos pensar que as moças estão posando como que alegres; mas, sabendo da história de ambas, poderíamos interpretar como falsidade. Elas não poderiam estar contentes. Tadeu é uma ameaça para as duas.



Na entrada da Travessa Artur Mota que dava para a Radial Leste, moravam Dona Hermínia, Seu Antônio e os filhos Osvaldo e José. O pai e Osvaldo eram alcoólatras e José tinha deficiência intelectual. Mas nada parecia desviar Dona Hermínia do seu propósito de vida: fazer o bem. Era benzedeira e recebia quem precisasse a qualquer hora.

Eu, meu irmão e minha irmã precisávamos sempre. Dor de garganta: Dona Hermínia “puxava os gurgumilos”, ou seja, friccionava o antebraço com óleo, alongava os dedos das mãos e sussurrava preces, de olhos fechados, somente movendo os lábios. Quando terminava, fazia o sinal da cruz sobre nossa testa, boca e peito. Dor de cabeça: rezava e passava óleo em nossa testa. Quebranto: rezava com a mão em nossa cabeça e fazia o sinal da cruz três vezes. Pulso aberto (criança tem muito isso brincando): puxava o polegar da mão machucada e dizia que ia devolver às nossas mãozinhas o “jogo da joga”. Dor de barriga: rezava e servia uma canja muito especial. Esse era meu mal mais frequente.

Desde pequena tive crises de ansiedade. Era uma criança hiperativa, num tempo em que não se sabia o que era isso. Vomitava sempre e qualquer desafio, ou crises de ciúmes que tinha de minha mãe, me punham doente. Também tive sarampo, quase morri. Tive lombriga. Meu irmão e eu tivemos, juntos, caxumba e catapora, e lá estava Dona Hermínia para nos salvar.

De tanto recorrer à sua canjinha, ela separara uma colher diferente só para mim. Era uma colher especial, mágica, que tinha o poder de abrandar minhas crises.

Eu me sentava à mesa da cozinha e tomava aquela canjinha sem a interferência de ninguém, a não ser da própria Dona Hermínia, que me assegurava que me sentiria bem depois de tomar todo o prato da sopa. E eu me sentia melhor mesmo. Quando mais velha, depois que nos mudamos da Travessa, quem fazia isso era meu avô, que me comprava pêras, única coisa que parava no meu estômago.

Outra mágica que ocorria na casa dela, e pela qual esperávamos ansiosos (principalmente minha irmã), era o badalar do relógio cuco. Fazíamos nossa mãe prolongar as visitas só para ver o passarinho sair de sua casinha. Pensando bem, a casa de Dona Hermínia era toda mágica. Era um lugar fresco, agradável, repleto de móveis antigos para a época (final dos 60, começo dos 70) e muitos enfeites, bibelôs de porcelana e uma linda cristaleira. Meu irmão, minha irmã e eu até hoje lembramos do cheiro da casa dela. Nossas visitas sempre eram regadas a uma boa gasosa ou

tubaina - cujas garrafas vazias eram devolvidas em troca de cheias, em um mundo bem mais sustentável.

A imagem de Dona Hermínia está clara em minha memória. Ela era muito gorda, com quadris largos, pernas curtas e arqueadas, sempre presas por meias elásticas contra varizes e inchaços. Seus braços pareciam dois pãozinhos, de tão fofos. Não era alta. Tinha pele muito branca, cabelos brancos e olhos cor de mel.

É assim que ela aparece na foto a seguir, retratada da cintura para cima. É uma foto colorida, mas em tons arroxeados, na horizontal. Seu vestido de mangas longas e decote em V tem esse tom. Tem por volta de 80 anos. Seus cabelos brancos e curtos estão bem penteados. Tem o queixo pronunciado e olhos vívidos. Está sentada ao lado de tia Jandira, irmã mais nova do meu avô. Jandira tem 70 anos, pele branca, cabelos loiros escuros cacheados na altura dos ombros, olhos azuis, e traça um vestido lilás com aplicações em branco com desenhos de folhas. Ao lado de Jandira há uma cadeira de plástico vazia. Atrás delas encontram-se duas janelas amplas. Ambas as senhoras estão sorridentes. Dona Hermínia olha diretamente para a câmera, enquanto Jandira olha para o lado. Essa foto deve ter sido tirada em uma das muitas festas em nossa casa já na Rua Padre Antônio de Sá, 101, no Tatuapé, dadas pela minha mãe e meu pai, no amplo salão no fundo da casa.



Dona Hermínia e o marido tinham um açougue a uns 150 metros de onde moravam e onde toda a vizinhança fazia suas compras de carne. Como era nossa vizinha, adorávamos saber que ela estava por perto.

Mesmo sendo uma mulher trabalhadora e ativa, apanhava do marido e do filho alcoólatras. Todo mundo sabia, mas ninguém fazia nada. Essa era a sua sina, como a de tantas outras mulheres. Às vezes eles apareciam durante nossas visitas, o que era muito desagradável. Tínhamos horror a eles.

O filho com deficiência intelectual era seu xodó. Quando eu nasci, em 1964, ele já tinha perto dos 30 anos. Era conhecido por todos como Zé do

Açougue. Tocava na casa dos vizinhos, queria conversar. Vivia com um radinho de pilha na mão esquerda, o que lhe causou uma atrofia.

A foto abaixo é um achado. Estava misturada a muitas outras em uma caixa na casa dos meus pais. Nela podemos ver tia Hilda com 6, Osvaldo com 5 e Zé com 4 anos. A foto em preto e branco, na vertical, tem larga moldura branca lisa e está manchada. O canto inferior direito, está com marca de dobradura. Na parte de baixo da moldura lê-se: "Lembrança do Parque D. Pedro II. L. R. Motta - S. Paulo". O fato das três crianças estarem juntas demonstra como as famílias vizinhas de meus bisavós e de Dona Hermínia foram amigas desde muito cedo. Hilda está de vestido rendado claro, na altura dos joelhos, chapeuzinho e meias também claros. Os sapatinhos são escuros. Ela está à esquerda. À direita está Osvaldo, um pouco mais baixo, vestindo calção escuro, jaqueta e chapéu claros. Um de seus pés está calçado com meia e sapato claros. O outro está descalço. José se veste como o irmão. À frente deste há uma boneca sentada no chão que lhe cobre até os joelhos. Hilda olha para frente. Os dois meninos olham para a esquerda. Os três têm bochechas gordinhas e estão sérios. Atrás deles há um arbusto e, mais distantes, várias árvores.



Zé parecia ser uma eterna criança. Cismava com meus brinquedos. Queria-os a qualquer custo. Era muito insistente. Uma vez cismou com uma cornetinha vermelha e branca, de plástico, que eu ganhara da minha avó Palmira. Houve uma comoção na vizinhança para que eu desse a cornetinha para ele. Mas eu disse que não e não! Então a saída foi minha mãe comprar uma para ele. Porém, só encontrou a cornetinha verde e branca. Essa não o

satisfez. Soprava e fingia que não saía som. Queria mesmo a minha. Dessa vez não tive escolha e, após tantos argumentos, acabei trocando de cornetinha com ele.

Assim como minha família, também foram despejados pelo Metrô e foram morar noutra casa no Belém, quase Moóca. Morreu Seu Antônio, morreu Zé do Açogue. Osvaldo continuou morando com a mãe. Nossas visitas a ela nunca cessaram; não só para que nos benzesse, mas pela amizade e pelo amor que nutríamos por ela e ela por nós.

Uma vez, já adulta, me aplicou ventosas nas costas. Infelizmente não me curaram. Mais tarde fiquei sabendo que tinha uma degeneração na coluna que iria me render 3 cirurgias. Porém, o calor que vinha delas e de suas mãos, naquele momento me confortaram.

Dona Hermínia estava bem velhinha da última vez que a visitei com minha mãe. Já não se levantava da cama e contava com uma cuidadora. Antes de sairmos, pedi a ela um favor, que pegasse uma colher que mantinha separada.

Chorei ao receber a colher de minha infância.

A Boneca Viva

Eliana nasceu em uma família amorosa, mas com problemas financeiros. Seus pais, Maria Helena e Armandinho, lutavam para dar boas condições à pequena família.

A foto abaixo, na horizontal, mostra Helena e Armandinho recém casados. Têm por volta de 23 anos. Estão no meio de um jardim, rodeados por arbustos e algumas árvores. Estão sorridentes. Armandinho é alto e magro, pele branca e cabelos escuros e curtos. Veste calça escura e camisa clara quadriculada de mangas curtas. Com o braço esquerdo envolve os ombros de Helena e a puxa para si. Helena é mais baixa do que ele. Tem pele branca e cabelos escuros na altura dos ombros. Usa vestido claro com cinto escuro marcando a cintura. A foto está desfocada, com pouca nitidez. Tem moldura branca serrilhada e apresenta mancha clara em cima das roupas do casal.



Helena engravidou dos gêmeos Magali e Maurício, com espaço de 1 ano de diferença da primogênita, e passou muito mal. Foi um momento muito difícil para eles. Helena, apesar de estar grávida de gêmeos, encerrou a gravidez com menos peso do que tinha quando engravidou, isso devido aos sérios problemas de saúde que teve nesse período. Os gêmeos nasceram pré-maturos e com peso abaixo de 1 Kg. Isso em 1959, em uma maternidade pública. Os bebês tiveram alta para ir para casa após mais ou menos quarenta dias. Um teve alta antes do outro.

Helena então se viu diante de dois filhos recém-nascidos precisando de cuidados especiais, uma filha que ainda não tinha completado dois anos e sua própria saúde muito fragilizada.

A seguir, temos uma sequência de fotos das 3 crianças. A primeira delas é um cartãozinho entregue para os convidados como lembrancinha do aniversário de Eliana. Esse tipo de convite era muito usado. Tinha 10 por 5

centímetros, trazia uma foto do bebê, o nome abaixo da foto, versinhos rimados e a data do aniversário. A moldura era serrilhada e o papel era cartão texturizado. Eu tenho um desses também. A foto de Eliana mostra a menina segurando o fone de um telefone de brinquedo. Ela tem pele branca, olhos escuros muito vivos e cabelinho escuro puxado todo para cima fazendo um cacho no topo da cabeça. Usa roupinha clara de babados. Os versinhos ao lado dizem assim: “Quem vier ao meu aninho, me trazer um abracinho, levará como lembrança, meu mimoso retratinho”. E a data: 28-07-58.



Na foto seguinte, em preto e branco, na vertical, vemos a festa de Eliana no quintal da casa de seus avós, meus bisavós, onde ela, Helena e Armandinho moravam. Na foto estão vários familiares, incluindo os bisos, em idade avançada. Helena foi a última filha que tiveram. Bisa Urbana já tinha 47 anos. Armandinho, alto, magro, de cabelos escuros penteados para trás e de bigode fino, olha para frente. Ao seu lado está Helena, de cabelos cheios e escuros na altura dos ombros. Ela segura Eliana, que parece suspensa, pois não se veem os braços de Helena por baixo do vestido comprido, claro, rodado e rendado da filha. A menina usa cabelinho penteado com franjinha. Também olha para frente. Outras crianças, já maiores, rodeiam a mesa; entre elas, Marlene e Edna. Um menininho de chapéu está espremido entre Armandinho e Helena. Outros convidados adultos também aparecem na foto, como Roberto e Vilma. O bolo, branco com uma única velinha acesa, está na ponta da mesa, perto de Eliana. Aliás, Eliana está suspensa sobre ele. Sobre a mesa ainda estão várias garrafas de bebidas ainda fechadas e pratinhos de doces intactos. A foto está um pouco embaçada, mas apresenta contrastes claros e escuros bem definidos. Está bem composta, com a figura de Lili centralizada. Tem a moldura branca serrilhada com dobraduras nos cantos.



A foto seguinte é dos gêmeos. Estão sentados em um carrinho de bebê de dois lugares. Estão chorando e esperneando. Ambos usam roupinhas claras. Mauricio, um conjunto de shorts e blusa e Magali, vestido. Ele usa boné e ela chapéu. A foto está muito clara e um pouco desfocada. Essa foto representa, para mim, o imenso trabalho de Helena com os filhos.



Foi diante desse quadro de dificuldade que Walkiria, sobrinha de Helena, tomou a iniciativa de diariamente buscar Eliana, a Lili, em casa, logo de manhã cedo, e devolve-la à noite. As famílias moravam próximas.

A foto a seguir é de Walkiria segurando Eliana no colo, enrolada em uma toalha. Seus cabelinhos escuros estão molhados e despenteados. A menina já devia ter 2 ou 3 anos. Esboça um sorriso. Tem bochechas gordinhas. Walkiria tem por volta de 20 anos. É magra, de rosto fino e cabelos escuros e volumosos, quase na altura dos ombros. Usa blusa clara e saia listrada. Está

de perfil, olha para Eliana e ri. Com um braço sustenta a menina e com o outro a envolve, segurando-a sob a toalha. Parecem estar num quintal, pois sobre elas há um fio de varal com 2 prendedores. Atrás, uma janela de madeira fechada. A foto está em escala de cinzas, sem muito contraste. Tem moldura branca serrilhada. Parece bem manuseada, pois a moldura apresenta manchas escuras.

Escolhi essa foto pois representa o grande amor de Walkiria para com Eliana e a naturalidade e a alegria com que a menina se deixa envolver.



Helena era muito agradecida por esse ato de Walkiria, assim ficava a ela a obrigação de cuidar dos gêmeos e não precisava se preocupar com os cuidados da mais velha. José, noivo de Walkiria, também foi muito generoso nessa época, pois as crianças tinham que tomar um leite especial, Malteg, que a Vigor fabricava. Como ele trabalhava na empresa, comprava o leite de caixas e dava para Helena alimentá-los.

Helena tinha muito medo que essa ligação tão forte, que crescia a cada dia, pudesse deixar que Lili acabasse gostando mais de Walkiria (Wal, como Lili sempre gostou de chamá-la) do que da própria mãe. Então, tentando driblar essa situação, impôs duas regras: era proibido Lili dormir na casa da Walkiria, ela tinha que entender qual era a sua casa. Outra coisa, diariamente, pela manhã, Helena batia um suco de frutas e levava para Lili tomar, sentia que isso era uma forma de demonstrar para a filha que se preocupava e se dedicava a ela.

Os recursos financeiros da família eram bem limitados, sem contar que não existiam fraldas descartáveis, roupas práticas, eletrodomésticos que hoje facilitam muito o dia a dia em casa. Houve muito trabalho, muita dedicação e muito amor entre as pessoas da família.

Walkiria tratava Lili como sua boneca viva. Aliás, a família a chamava de “Pupi”, uma boneca famosa à época

A próxima foto traz Eliana, com 3 anos, vestida como uma boneca, com vestido sem mangas, rodado, de bolinhas, enfeitado com passamanaria branca. Ainda tem por baixo um saio para dar mais volume. Usa sapatinhos e meias brancas. Usa também um chapéu com abas curtas, que deixa à mostra sua franja volumosa. Está sentada em uma cadeira, em frente a colunas rebuscadas de um parapeito. De acordo com minhas lembranças, parece ser o quintal dos bisavós, onde a menina morava. A parede ao lado está com a pintura lascada. Ela olha para frente e sorri. Uma de suas mãozinhas está fechada e segura no dedo indicador da outra, que está aberta. As perninhas estão cruzadas. A foto tem contrastes claros e escuros bem definidos. A figura da menina está centralizada. A moldura é branca e lisa e parece ter sido bem manuseada, pois está um pouco gasta.



Eliana e Walkiria eram apaixonadas uma pela outra. Walkiria tinha o dom de cuidar de crianças. Já tinha ajudado Hilda a cuidar dos dois Fernandos. Conversava com a menina de modo carinhoso e educativo, numa linguagem que ela entendia e ficava enebriada.

- Pocondrina? (chamava Walkiria) e correndo vinha a menina: O que você quer Wal?

- Benedita Gordurosa vem aqui comigo. E Lili prontamente a acompanhava.

Outras vezes era chamada de Joãozinho Boa Pinta. Todos perguntavam para a menina se ela não se importava de ser chamada assim e no coração da criança a resposta era muito simples: - Só alguém com muito amor

poderia ter coragem de chamar outra pessoa desse jeito, então eu adoro.

Essas lembranças estão até hoje na memória de Lili, que via em Walkiria não uma prima, mas uma Deusa.

Walkiria era ótima cozinheira, preparava quitutes que a menina tinha prazer em experimentar após ter ajudado a preparar. Passeavam juntas aos finais de semana; tinham até um vestido igual, que Walkiria fez para as duas, como mostra a foto abaixo, em preto e branco, na qual parecem estar num parque. Walkiria está sorridente, sentada numa cerca de madeira e Lili chupa um sorvete de palito. Atrás delas há arbustos e, ao longe, um lago margeado por montanha. Walkiria tem os cabelos escuros presos. O vestido, de listras na vertical, tem detalhes com as mesmas listras, só que na horizontal, como o decote e a barra da saia, assim como o de Eliana. Walkiria olha para frente e sorri, já Eliana só presta atenção no picolé. A foto tem moldura branca serrilhada e está bem preservada. Está em escala de cinzas com pouco contraste de claros e escuros. A figura das duas está bem centralizada



O tempo foi passando, Walkiria casou-se com José. Nessa época Lili tinha 4 anos. Foi levada pela mãe de Walkiria na lua de mel do casal e ficou por alguns dias lá com os dois.

A próxima foto mostra Walkiria de noiva, com seu glamuroso vestido branco. A saia é rodada, com trabalho de tule trançado como uma colcha de matelassê. O corpete é todo bordado de contas. Ela ainda está sem o véu. Provavelmente se vestindo na casa dos pais. Eliana está com ela, perto de sua saia. Tinha 4 anos. Ela também usa um vestido branco rodado, na altura dos joelhos. Usa luvinhas, meia e sapatinhos também brancos. O traje se completa com um chapéu com fita amarrada no pescoço. Walkiria

olha para o lado e sorri. Eliana olha para frente, séria e confiante. Provavelmente deveria sentir-se linda como sua amada Wal.



Wal continuava pegando Eliana todos os dias. Teve dificuldade de engravidar, o que só aconteceu 3 anos após seu casamento.

Um dia Lili estava na casa de tia Palmira; era horário de almoço. De repente Walkiria chegou com o pai, João, e um papel na mão. Ela entrou, entregou o papel para a mãe e a pegou no colo, rodopiou e as duas riram muito, e todos se abraçaram. Lili não entendeu o que estava acontecendo e então Walkiria explicou para ela que aquele papel era uma carta da cegonha, que escreveu dizendo que ela iria ser mãe, que ia ganhar um bebê. Eles não se continham de tanta alegria.

Naquele momento, Lili entendeu que tinha perdido o espaço que tanto gostava de ter. Daí para frente ela seria apenas uma prima, que é muito pouco comparado a um bebê que estava para chegar.

Escolhi a foto abaixo porque mostra minha mãe grávida de mim, sentada sobre uma pedra num gramado, junto com Eliana e Magali, de 7 e 6 anos. Minha mãe usa calça escura e blusa clara e um penteado volumoso, puxado para cima da cabeça, na moda dos anos de 1960. As meninas vestem shorts e blusa e cabelos curtos com franjinha. Walkiria e Magali olham para a frente e esboçam um sorriso. A menina está de braços cruzados e olhinhos apertados; devem estar posando contra o sol. Eliana olha para o chão e tem o semblante sério e desconsolado. Será porque sua amada leva agora o bebê dentro de si?



Por coincidência, poucos meses depois a família de Lili se mudou para outro bairro e, mesmo que quisessem, ela e Walkiria não poderiam mais se ver com frequência. Eu nasci em dezembro, e em fevereiro Lili, com 7 anos, entrou para a escola.

Outro bairro, outros vizinhos, escola, outra rotina, foram grandes aliados para aliviar a saudade que sentia de Walkiria e o ciúme que sentia de mim.

Um dia, num passeio na chácara do Portela, amigo do José, Lili empurrava o carrinho em que eu, ainda bebê, estava deitada. Num momento Lili largou o carrinho para apanhar uma mexerica no pé e o carrinho começou a se movimentar pela descida da rua de terra no meio do pomar. Nesse momento, Lili entrou em pânico já imaginando o carrinho despencar rua abaixo, eu cair, morrer e todos a culparem. Imaginava que ninguém iria acreditar que não tinha feito de propósito. Todos sabiam que ela tinha ciúme do bebê e por isso poderiam achá-la culpada. Eliana entrou em desespero, mas a imaginação da criança tinha sido muito fértil. No mesmo instante em que o carrinho começou a sair do lugar, Palmira já estava ali, segurando o carrinho e protegendo a neta. Porém, o susto que Lili levou foi muito forte. Ela tremia de medo só de pensar no que poderia ter acontecido e nunca conseguiu esquecer esse acontecimento.

O tempo foi passando e com ele Lili foi entendendo quanto era difícil a vida de sua mãe e o quanto ela se esforçava para os filhos não perceberem. Helena foi muito forte, batalhadora, e ao mesmo tempo carinhosa. Quando iam e voltavam da escola, faziam um caminho bem maior do que precisavam fazer, e ainda com uma ladeira íngreme. Depois de crescida, Eliana ficou sabendo que sua mãe optara por esse trajeto para não passarem em frente a uma confeitaria cara e ela não poder comprar os doces que provavelmente seus filhos pediriam. Eliana vê isso com muito carinho. Cuidar sozinha de todas as tarefas de uma casa com marido e três filhos, bordar e costurar para colaborar nas despesas necessárias e ainda ter o cuidado de andar algumas quadras a mais todos os dias para não ver os filhos desejando algo que ela não iria poder comprar, encanta só em pensar.

Walkiria nunca deixou de ser amada por Lili, mas aquele sentimento de posse que a menina tinha com o tempo deu lugar a um sentimento leve e gostoso, de muita admiração. Lili foi me vendo crescer e foi sentindo por mim um grande carinho. Com o tempo, Wal deixou de ser um mito, mas sempre foi alguém que Lili nunca deixou de amar, e a história das duas é uma linda lembrança. Para a Lili já crescida, sua mãe passou a fazer parte de seus maiores sentimentos, admiração e preocupação, querendo retribuir todo amor que dedicava a seus filhos e todo esforço que fazia para criá-los da melhor forma.

Quando menina de uns 11, 12 anos, eu tinha Eliana e Magali como minhas modelos. As duas se tornaram moças muito bonitas e atraentes. Magali era alta e esguia, Eliana era baixinha e também magra, mas de seios fartos, que costumava valorizar nas roupas que usava. Tinham cabelos longos, se maquiavam. Fumavam escondido no quarto, para onde me chamavam durante as conversas de nossos pais, para meu deleite e alegria.

Usavam mini-saias bem curtinhas, que Helena costurava para elas com a calcinha igual, para o caso de cruzarem as pernas ou se abaixarem, tentando assim iludir os olhares mais afoitos.

A diferença de idade, a princípio, não trouxe muita proximidade entre nós. Um dia, quando eu era adolescente, Eliana me convidou para ir a um barzinho à noite. Minha mãe me deixou ir sob restritas recomendações. Eu nem acreditava que aquilo seria possível. Experimentei diversas roupas e penteados, me maquiei, fiquei numa alegria só, mas também retraída por não saber me comportar num ambiente daquele.

Já uma jovem adulta, fui acometida de uma crise de ciúme do relacionamento de minha mãe com Eliana. Às vezes Eliana ligava na hora do almoço e eu parava de comer, perdia a fome, ficava muito irritada. Qualquer comentário de minha mãe a respeito de sua ainda boneca me deixava furiosa. Mesmo quando meu avô contava histórias da “Pupi”, me tirava do sério. Nessa época, minha mãe teve que se afastar um pouco, não atendia aos telefonemas na minha frente.

Eu nutria um profundo amor por Helena, e ela também me amava. Foi minha madrinha de crisma. Adorava quando íamos visitá-la às tardes com minha mãe e ela nos oferecia sanduichinhos com seus famosos patês.

Eliana começou a trabalhar com 15 anos, quando entrou para o segundo grau. Seu pai achava desnecessário, mas ela queria contribuir para que sua casa tivesse um pouco mais de conforto e sua mãe pudesse trabalhar um pouco menos. Armandinho era muito trabalhador, mas nada ambicioso; se conformava com pouco.

Lili foi a primeira da família a fazer faculdade. Trabalhava o dia todo e à noite cursava psicologia, que pagava com seu esforço.

Trabalhou na Tyrol por 39 anos como gerente de R.H. Mesmo depois de aposentada, continuou na mesma empresa e função e só saiu de lá porque a empresa encerrou as atividades.

Quando nós já éramos adultas, houve uma aproximação diferente. Sentíamos carinho uma pela outra. Curtimos demais a fase em que começamos a nos ver e conversar. Cheguei a frequentar a casa da Lili logo depois que ela se casou, mas essa amizade que desabrochou gostosa também em pouco tempo murchou e nenhuma das duas entendeu porquê. Agora o ciúme já era coisa do passado e sentiam muita falta uma da outra.

*

Esse texto foi escrito a 4 mãos, por mim e Eliana.

- Irene, saia da janela!
- Só estou vendo o movimento, tomando um ar.
- Vá tomar ar no quintal. Já falei que não quero filha minha na janela.
- Está bem, mamãe.
- Ao invés de ir no quintal vá estudar.
- Eu já fiz todas as tarefas.
- Sem rasuras? Deixa eu ver. Que letra horrível!
- Mas mamãe, eu fiz com capricho. Não arranca as páginas, por favor.
- Vá fazer de novo.
- Então me dá as páginas para eu copiar.
- Que copiar que nada. Refaça! E depois direto para o piano praticar!

*

Irene não podia sair nem ter amigas. Só saía para ir à escola e à missa. Cursou até o colegial. Não lhe fora permitido sequer pensar em fazer faculdade.

Um dia, Irene já moça, caiu doente. Não acordava. Os médicos não conseguiam diagnosticar o mal. Lembro de ir com minha mãe visitá-la. Queriam que uma criança, um anjinho, rezasse por ela (logo eu que havia sido exorcizada na igreja, sem sucesso). E eu rezei. Rezei a seus pés. Nunca tinha visto uma pessoa moribunda antes.

Afortunadamente, Irene acordou. Começou a melhorar. Mas, algo terrível lhe acontecera: não conseguia mais andar.

Novamente, os médicos não souberam a razão. O fato é que Irene se tornou “paralítica”, como se dizia à época.

Por vários anos Irene ainda continuaria sob o jugo da mãe. No entanto, quando adulta, começou a enfrentá-la para ir à igreja e às aulas de pintura sozinha.

Um rapaz, também cadeirante, frequentava a mesma igreja. E aí o destino se encarregou do resto. Começaram a conversar e a trocar cartas que não iam pelo correio, mas eram levadas pela irmã do rapaz, que cuidava dele e sempre o acompanhava.

O resultado foi que Irene, um certo dia, não voltou para casa. Abandonou tudo e foi-se embora com o rapaz.

A mãe se revoltou e nunca a perdoou. Não admitia o fato da filha ter vida própria, muito menos que se casasse. Mas eles se casaram.

Lembro bem como ela era bonita. Minha mãe, eu, meu irmão e minha irmã a visitávamos com frequência e ela sempre abria um largo sorriso ao nos ver.

Ela e o marido, sempre muito simpáticos, tinham uma pequena fábrica de estatuetas de santos. Também imprimiam santinhos de papel. Achei fantástico que a bancada de trabalho era da altura em que podiam trabalhar, o que atendia também as necessidades e curiosidades das crianças.

A irmã do marido de Irene cuidara dos dois a vida toda. Sempre nos dava biscoitos e nos levava para ver a fábrica enquanto os adultos conversavam.

Irene e o marido viviam felizes. Ela encontrara o amor que nunca tivera. Livrou-se das garras da mãe; mas nunca voltou a andar. Ambos morreram por volta dos 50 anos, com pouca diferença de tempo.

Guardo comigo uma satisfação escondida: a de pensar que minha reza contribuiu para que Irene acordasse e fôsse feliz.

As duas fotos que encontrei de Irene me inspiraram para escrever esta narrativa. Ambas foram tiradas em estúdio. Têm a moldura branca picotada e papel texturizado. Aparentam terem sido bastante manuseadas, pois estão gastas, marcadas pela passagem do tempo.

A primeira foto, tirada em estúdio, mostra Irene ainda criança, com aproximadamente 10 anos, vestida de anjo. Ela tem cabelos e olhos escuros. Seu penteado é de cachos que vão até a altura dos ombros. Veste uma túnica branca comprida com aplicações de estrelas. Duas asas grandes e brancas saem por trás de suas costas e, presa à cabeça, uma armação de metal que sustenta três estrelinhas. Suas mãozinhas estão unidas no centro do peito, como se rezasse. É curioso o semblante da menina. Muito sério e melancólico. Lábios apertados e olhar tristonho. Não há cenário atrás ou a seu lado. O fundo é todo escuro, o que destaca ainda mais a sua figura clara no centro. A foto está revelada em papel texturizado e tem moldura branca lisa



A outra foto é de Irene já moça, retratada do busto para cima. Seus cabelos curtos estão penteados para trás das orelhas, deixando seu belo rosto em evidência. Veste uma blusa de crochê, colar de pérolas com 3 voltas e brincos pequenos. Seu semblante é o mesmo da foto quando criança, sério e melancólico. Atrás da foto há o texto escrito à mão: "Aos meus estimados padrinhos, uma recordação do meu aniversário". E a assinatura: Irene Arjana. Sua caligrafia é extremamente rebuscada, principalmente as iniciais de seu nome. É interessante notar (para não dizer triste) que, mesmo se tratando de uma lembrança de aniversário, sua expressão seja tão carregada. Essa não foi a Irene com quem convivi na minha infância e adolescência. Felizmente já exibia um bonito sorriso.



Meu pai: Você vai falar da Mara?

Eu: Pai, não dá para escrever sobre a família inteira. Eu só estou contando a história de quem morou no Belenzinho.

Meu pai: Mas eu acho que você deveria falar pelo menos dela.

Eu: Ok pai, vou pensar. (Mas não escrevi).

Eu havia resolvido não escrever sobre ela neste projeto, mas algo aconteceu: sonhei com Mara na noite passada, 42 anos após sua morte. Ela veio me visitar. Estava sorridente como sempre. Estava bem e queria que eu falasse sobre ela. Não costumo lembrar dos meus sonhos, mas este estava nítido assim que acordei. Conte para minha filha e minha irmã que disseram que agora eu devia incluí-la nas narrativas.

Bem, toda essa introdução é para falar de uma moça que muitas vezes riu na cara da morte; debochada, petulante, se recusava a ceder.

Vamos lá para sua história.

Carlos e Modesta (ele primo de minha mãe) tiveram 3 filhos: Sandra Regina, Sonia Mara e Francisco Carlos. Soninha, ou Mara, como eu costumava chamá-la, é a guerreira desta história.

Mara nasceu bem abaixo do peso considerado normal. Até os 3 meses, não evoluía e os médicos disseram que ela tinha osteopetrose, cujos sintomas típicos incluem crescimento ósseo deficiente, resultando em ossos espessos que quebram facilmente. Também disseram que ela tinha um problema de visão, que iria ficar cega e morrer logo.

Aos 6 meses os pais a levaram à Santa Casa, um dos hospitais públicos mais renomados de São Paulo. A menina começou a receber tratamento e com pouco mais de 1 ano conseguia se sentar e aos 2 conseguiu andar.

A partir dos 3 anos, Mara fazia ballet, ginástica e natação com bom desempenho. Teve, porém, a estatura afetada. Aos 8 anos chegou à sua estatura máxima. Sua bisavó Urbana dizia para ela: “Você é baixinha, mas não é metade, e ninguém é 2”. A família se mudou para Santo André, cidade da Grande São Paulo, e Mara continuava com suas atividades. Seus pais eram dedicados a ela, mas era Carlos quem tinha mais paciência. Eu achava lindo quando o via fazer penteados nas filhas. Era cuidadoso, não puxava demasiado os cabelos e os rabos-de-cavalo e as tranças saíam perfeitos.

Aos 13 anos Mara começou a queixar-se de dores nas pernas. Foi tratada com remédios que aliviaram as dores. Os médicos a liberaram para poder viajar. Porém, Mara começou a ter convulsões e na volta para casa teve de ser sedada.

Os médicos constataram que ela tinha insuficiência renal e por 9 anos frequentou o Hospital das Clínicas fazendo hemodiálise toda semana.

Modesta lhe doou um rim. Por seis meses o rim doado funcionou bem, mas depois seu corpo o rejeitou. Foi uma tristeza muito grande para toda a família.

Depois desse evento, Mara foi matéria do “Fantástico”, programa dominical da Rede Globo de Televisão. Ela falou sobre a importância da doação de órgãos e contou seu caso. Mais de 200 pessoas se comoveram com sua história e se candidataram a lhe doar um rim mesmo em vida. Infelizmente, nenhuma era compatível com ela.

Mara já estava na fila do transplante há um tempo quando surgiu uma oportunidade. Um menino de 12 anos morreria e a família concordara em doar seus órgãos. Mara recebeu, então, um de seus rins. Todos vibraram com ela; contudo, logo depois seu organismo também o rejeitou.

Era incrível o jeito que lidava com a doença. Era um sofrimento sem fim. O que a fazia agarrar-se tanto à vida? Uma esperança de cura? Olho para minha vida, a dos meus irmãos e primos e vejo a vida que ela não teve e pela qual tanto lutou. Ela se recusava a ceder. Um trecho da música, de Caetano Veloso, que ilustra como era ela:

A Luz de Tieta

Existe alguém em nós/ Em muitos dentre nós esse alguém/ Que brilha mais que um milhão de sóis/ E que a escuridão conhece também.

Ela era assim, vagava entre a luz e a escuridão.

Houve uma vez, próximo das festas de fim de ano, que Mara foi hospitalizada e desenganada pelos médicos. Minha mãe cogitou cancelar a festa de réveillon, na qual comemorava o aniversário de minha irmã e o meu. Tio Carlos disse que não, que ela não gostaria. Para surpresa de todos, Mara e família chegaram na festa. Ela toda arrumada, vestindo um terninho branco, maquiada e sorridente perguntava: “Pensaram que eu não vinha, é?”

Mara queria muito namorar. Isso nunca lhe foi possível. A magoava. Mas mesmo assim flertava abertamente com quem quisesse. Adorava piadas e trocadilhos capciosos.

Era muito vaidosa. Estava sempre muito bem arrumada, maquiada. A foto a seguir foi uma das mais bonitas que tiraram dela. Inclusive foi feito um quadro com essa foto, que está na casa do meu Tio Carlos, que se casou com Elenice após a morte precoce de Modesta.

Não há data na foto. Esta é vertical, colorida, mas as cores estão um pouco apagadas, tendendo para o roxo. Mara é retratada da coxa para cima. Parece ser uma menina de 12 anos, apesar de estar com 19. Ela olha para o lado e tem um sorriso maroto, como se mirasse alguém. Tem olhos e

cabelos castanhos. Seu rosto é redondo, tem olhos grandes, sobrancelhas grossas e boca larga. Usa um vestido listrado de azul-marinho e branco, sem mangas, com saia de pregas e alças do mesmo tecido, que saem da cintura e dão a volta pelos ombros. Usa relógio de acrílico transparente com mostrador roxo no punho esquerdo. Usa também um chapeuzinho jeans bordado, na frente, com três bandeiras. Está sentada em um banco de madeira, dentro de um jardim. Suas mãos não estão visíveis, devido ao corte da imagem, mas parece que a esquerda se apoia no banco. A direita se apoia em um toco de madeira que parece ser a lateral desse banco e fica próxima à sua cabeça. Três pulseiras prateadas adornam seu punho. Atrás dela há um arbusto de folhas verde-claro e uma casa com teto de sapê. Uma folha de coqueiro quase toca sua cabeça. Um fecho de luz corta a imagem na horizontal, perto da sua cintura, indicando entrada de luminosidade na câmera, o que muitas vezes ocorre em fotos amadoras.



Seus dentes eram muito escuros devido aos remédios que teve que tomar desde bebê. Foi difícil encontrar um dentista que fizesse próteses para ela, porque os dentes eram muito fracos. Finalmente encontraram um. Seus dentes tiveram que ser um pouco afinados para colocar as próteses. Até com isso ela brincava com a criançada. Tirava as próteses e fazia careta. Todos caíam na risada, principalmente ela.

Como perdeu vários anos de escola, fez o curso de Madureza. Ali teve amizades com pessoas mais velhas, com quem gostava de conversar.

Uma vez, devido ao seu problema nos ossos, teve que engessar as duas pernas. Mas nem isso fez com que perdesse o ânimo, pois seus colegas de curso a levavam no colo até a sala de aula. Também fez com que o pai encontrasse um jeito de a levar para passear. Carlos então removeu o banco do passageiro do Opala e fez uma cama para poder atender à filha.

No Carnaval, os pais a levaram a um clube e a colocaram em cima de uma mesa para que ela visse o baile e sambasse sentada.

Enquanto lia esta história para meu pai e minha irmã, eles recordaram (meu pai com lágrimas nos olhos) de duas viagens que fizemos juntos com a família de Carlos e Modesta, uma para a Gruta de Maquiné, em Minas Gerais, e outra para o Rio de Janeiro. Nas duas ocasiões, meu pai e Carlos andavam todo o percurso com Mara no colo, inclusive no Cristo Redentor.

A família de Carlos e Modesta sempre fez parte de nossas vidas. Todo sábado à noite ou domingo de manhã Tio Carlos (apesar de primos o chamávamos de tio) telefonava para combinar de irmos almoçar em algum lugar, de preferência em alguma cidade vizinha. Muitas vezes fazíamos a vontade de Mara, que só tinha a dieta liberada aos domingos, pois às segundas-feiras era dia de hemodiálise.

Um dos restaurantes de sua preferência era o Barrica, no qual as mesas ficavam dentro de barricas de madeira sem tampa, com bancos dos dois lados. A foto abaixo, na horizontal e em preto e branco, demonstra nossa alegria em estarmos naquele restaurante. Minha irmã, eu, Mara, meu irmão e Francisquinho somos enquadrados, nessa sequência, em um dos lados da mesa, espremidos para cabermos todos na foto. Todos estamos dando risada, exceto Mara, que esboça um leve sorriso e está exatamente no centro da imagem. Deve ter aproximadamente 19 anos, mas é bem menor que as crianças. Usa cabelo com franja, tem um olhar vago, diferentemente das crianças, que olham para frente. Seu rosto está bastante inchado, com bochechas bem pronunciadas, devido à insuficiência renal. Veste casaco escuro. Os dois meninos estão à esquerda de Mara, ao fundo. Francisquinho, de 15 anos, tem olhos escuros, cabelo também escuro, comprido até o ombro e óculos com lentes quadradas e grossas. Usa camiseta e jaqueta, igual ao meu irmão, de 12 anos, que faz uma careta, arregala os olhos e não

contém o riso. Tem olhos escuros e cabelos escuros e cheios até a altura das orelhas. Eu e minha irmã estamos do lado direito de Mara. Tenho 14 anos. Meus olhos escuros estão apertadinhos de tanto rir. Meus cabelos cacheados e também escuros caem pelos ombros e uso uma franjinha. Visto casaco claro com aplique escuro bordado com flores. Abraço minha irmã com o braço direito. Ela é a caçulinha da turma. É bem gordinha. Seu semblante é de pura inocência. Tem olhos grandes, escuros e expressivos. Tem cabelos lisos na altura dos ombros. Usa conjunto claro de calça e blusa. Com sua mãozinha fofa segura um saquinho que parece ser de sal. Sobre a mesa à nossa frente, os restos do que foi um almoço. Copo com bebida até a metade, com canudinho; cesto de pães, prato com pouca comida. A foto tem moldura branca lisa com dobraduras nos cantos.



Eu ia sempre no carro dos meus pais com meu irmão e meu primo, que chamávamos de Francisquinho. Minha irmã ia com Mara e com Sandra. Ela era a boneca de Sandra, pois tinham muita diferença de idade. Elas se adoravam. Aquela coisinha fofa ainda chupava o dedo e gostava de arrancar um fio de cabelo e enrolá-lo no indicador para fazer cosquinhas. Como ela já estava ficando com falha no cabelo, Sandra então arrancava alguns fios dos seus para dar à menina.

Porém, logo no caminho do restaurante, do parque, da viagem começavam as desavenças entre mim e Francisquinho. Meu irmão ia no meio, mas sempre acabávamos em briga feia. Se fizéssemos pique-nique num parque, ou ficávamos em casa depois do almoço, era uma série de empurrões, socos e pontapés. Isso porque não concordávamos em algum assunto, ou se ele “mexia” com meu irmão, que era da paz, então eu o defendia.

Às vezes tínhamos que parar no meio do caminho para trocarmos de carro. O porquê de eu ter sempre que ir no carro com os meninos eu não sei. Talvez fosse porque Mara era mais frágil e ia sempre com os pais.

Mara era 7 anos mais velha do que eu, mas não parecia. A diferença de idade nunca foi empecilho para nossa amizade. Queria sempre saber da minha vida, já que era privada da sua. Era também muito amiga de Magali e Eliana, quase da mesma idade que ela, filhas de Tia Helena e Tio Armandinho. Uma vez, quando estávamos na casa deles passando um dia, Mara teve a ideia de revirmos a sala e nos escondermos, para pensarem que tínhamos sido sequestradas. Tia Helena só nos achou porque Mara não conseguia conter o riso. Ria sem parar.

Várias vezes meu Tio Carlos ia me buscar em casa para dormir na casa deles, passar um final de semana ou dias nas férias. Íamos também ao Hospital das Clínicas quando ela estava internada. Uma das vezes só podíamos chegar até a porta do quarto, mas mesmo assim conseguimos nos falar. Minha presença lhe dava alento, ela se alegrava em me ver.

Meu pai e minha mãe chegaram a passar o dia de Natal com ela e seus pais no hospital. Mara era apaixonada por minha mãe e também gostava muito de meu pai e suas brincadeiras.

Quando eu estava para completar 16 anos, meu pai comprou e reformou nossa nova casa e construiu nela uma piscina. Mara estava ansiosa por nadar na piscina sem que ninguém reparasse nas suas cicatrizes e dificuldades. Infelizmente não chegou a usá-la.

Ela sempre me perguntava que, se eu fosse compatível, lhe doaria um dos meus rins. Eu sempre respondia que sim, mas ela não sobreviveu à minha maturidade para sabermos se eu falava a verdade.

Mara morreu aos 22 anos, quando entendeu que a guerra não ia acabar e que os ganhos depois de cada batalha já não superavam as perdas. Cansou. Seu corpo não aguentou mais tantos procedimentos sem melhoras.

Acredito que o sonho que tive com ela foi uma visita real que me inspirou a escrever esta narrativa. Gosto também de acreditar que nossa amizade foi importante para ela tanto em seus momentos de alegria quanto nos de maior fragilidade. Foi muito importante para mim também!

Minha mãe escreveu sobre essa mulher incrível que foi Francelina, por quem tinha grande amizade. Após o texto dela, contarei minhas memórias.

Logo de início nesta narrativa temos a foto em preto e branco de Francelina moça, de aproximadamente 20 anos, fotografada em plano médio, ou seja, da cintura para cima. Ela é magra, tem rosto redondo, olhos escuros. Tem cabelos escuros e fartos e cacheados, na altura dos ombros. Estão penteados para trás. Tem a boca bem marcada por batom. Veste paletó xadrez escuro sobre blusa clara de gola alta. Um lençinho também claro desponta do bolsinho alto do paletó. A foto é de estúdio. Francelina está de frente, mas seu olhar se foca no infinito, acima de onde estaria o fotógrafo. O papel da foto é texturizado e não apresenta bordas, mas dá sinais do tempo, como marcas de dobraduras e pequenos cortes nas extremidades. Atrás da foto, o papel está manchado e apresenta a seguinte dedicatória, escrita com esmero sobre linhas traçadas em vermelho no canto superior esquerdo: "Francelina Gonçalves Mochovio oferece a tia como prova de amizade".



Hoje vou contar a história da Francelina. Ela era prima da minha mãe, minha avó era irmã da mãe dela. Nascida em uma aldeia de Portugal foi criada pelo pai e uma madrasta que fazia jus ao nome pois a tratava muito mal, tanto o pai quanto a madrasta eram muito ignorantes e Francelina, assim como a minha avó, já nasceram tendo noção do que era educação. Até hoje não sei explicar como elas sabiam tantas coisas e nos ensinaram a nos comportarmos tanto em casa como no convívio com outras pessoas. Como o pai e a madrasta a tratavam muito mal, logo cedo Francelina resolveu sair de casa.

Por intermédio de pessoas conhecidas, conseguiu mudar-se para Santos onde foi morar em uma pensão familiar. Como já sabia a profissão de manicure, foi fácil conseguir várias freguesas de poder aquisitivo alto que preferiam que Francelina fosse em suas casas para lhes fazer manicure e pedicure.

Assim, ela fez amizade com muitas pessoas da alta sociedade de Santos. Não raramente era convidada para festas. Naquela época era muito comum frequentar clubes e, como ela era muito bem-educada e sabia vestir-se muito bem, as portas foram se abrindo para ela. Nesse tempo todo, surgiram vários pretendentes que desejavam namorá-la; mas, ela tornou-se seletiva e não queria ter uma vida de privações; estava à espera do príncipe encantado.

Sua vida foi difícil, pois a única parente que ela tinha era a minha avó, que ela visitava de vez em quando. Tanto minha avó quanto as minhas tias não concordavam com a vida que ela levava longe da família, só minha mãe a apoiava, pois ela não estava fazendo nada de errado, apenas vivendo do seu jeito.

A imagem de Francelina aventureira se reflete bem nas duas fotos a seguir. A primeira, uma fotomontagem tirada em estúdio, mostra Francelina dentro de um avião monomotor que sobrevoa uma cidade. Esses modelos, nos quais as pessoas colocam seus rostos em moldes com desenhos, são populares até hoje e fazem a graça da situação. Eu mesma já tirei foto colocando meu rosto em um molde de Maria Bonita. A foto foi revelada em papel texturizado, em sépia, ou seja, em um tom amarelo terroso. Parece ter sido bastante manuseada. Tem borda branca lisa. Na parte de trás, bem amarelada, lê-se a seguinte dedicatória: "Para minha estimada tia, uma lembrança dos meus dias felizes em Poços de Caldas. Abril de 1946. Francelina"





Na segunda, Francelina, de 20 e poucos anos, se equilibra em pé sobre um pequeno barco a remo que flutua no meio de um rio margeado por árvores altas. Ela veste saia branca e blusa escura e está com as mãos na cintura. As árvores fazem sombra sobre ela, produzindo um efeito de claro e escuro. A foto revelada em papel liso tem moldura branca serrilhada e apresenta problemas de foco e nitidez, pois sua figura está embaçada. No entanto, a foto está bem conservada. Na parte de trás há a seguinte dedicatória: "15 - 4 - 1948 Lago do Caruso, Serra Negra. De Francelina para Palmira"



Quando Francelina saiu de casa devia ter mais ou menos 18 anos. Estou falando dos anos 30, e até aos 35 anos ela não havia namorado ninguém. Levava uma vida muito cheia de festas e, como ganhava bem, começou a viajar; daí veio a sua maior instrução, pois ela teve pouco estudo. Naquela época poucas mulheres faziam faculdade, e tudo o que ela aprendia fazia questão de nos ensinar.

Quem mais aproveitou seus ensinamentos fomos eu e a minha tia Maria Helena. Nessa época, éramos mocinhas, isso já nos anos 50. Eu tinha 12 anos e a minha tia tinha 18 e Francelina nos dava aula de etiqueta muito sutilmente, comentando como se fazia em tal situação, sem nunca nos chamar a atenção no momento em que fazíamos algo errado.

Ela adorava tomar chá, era chique; e lá íamos nós fazendo-nos de chique (esse costume ela conservou até o fim da sua vida). Uma vez por mês, ela já com uns oitenta anos, fazia questão da minha companhia para tomarmos chá, agora já nos shoppings da vida. Eu ia buscá-la e depois levá-la em casa (um apartamento muito bonito no centro de São Paulo).

Mas voltando aos anos 50 e poucos, um dia Francelina estava na casa de uma de suas freguesas, que na época já era sua amiga, quando o irmão desta lhe pediu que lhe fizesse a mão. Francelina se recusou dizendo que ela nunca tinha feito mãos para homens; mas a senhora a qual ela estava atendendo a convenceu a fazer a mão do seu irmão, pois era uma pessoa muito respeitadora e ela acabou aceitando. A senhora a convidou para tomar um lanche com eles e, na hora da Francelina ir para sua casa, começou a chover. Então, o senhor Pimentel a levou em seu carro.

Durante o percurso, eles conversaram bastante e ele pediu para sair com ela no final de semana. Ela concordou e assim começou o seu primeiro romance, os dois se entenderam muito bem e, como ele morava em Fortaleza, eles se encontravam esporadicamente, até que o senhor Pimentel a pediu em casamento. Como ela aceitou, ele resolveu todos os seus negócios financeiros e mudou-se para São Paulo para fixar residência. Casaram-se na casa da irmã dele e Francelina fez questão da presença dos meus avós, pois ela nunca escondeu a sua origem humilde. Ela se casou vestida de noiva, mas como já tinha uma certa idade, o seu vestido não era longo. Ela era muito elegante sabendo sempre que traje deveria ser usado em cada ocasião.

Abaixo temos a foto de Francelina de noiva e do Sr. Pimentel, ela com 38 anos e ele com 50. Estão em um gramado em frente a uma porta de madeira branca. Devem estar na porta da casa onde foi realizado o casamento. Ela usa vestido branco com mangas até os cotovelos, saia rodada acima dos pés e sapatos brancos. Seu cabelo está preso atrás da cabeça, mas tem franja volumosa enrolada para cima. Segura um buquê de flores brancas. O Sr. Pimentel usa terno escuro com camisa e lenço de bolso claros. É calvo. Esboça um sorriso. Olha para frente. Francelina tem um olhar perdido, voltado para cima. A foto, em sépia, tem papel liso e moldura branca serrilhada



Agora, as minhas memórias:

A felicidade do casal, infelizmente, não durou muito. Após poucos anos de casados, o marido de Francelina veio a falecer. Apesar da separação de bens, ele deixara para Francelina, na então disputada Vila Buarque, um apartamento, um sítio e um apartamento em Santos, além de jóias e uma boa quantia em dinheiro. As cunhadas, que gostavam muito de Francelina, em nada se opuseram.

Nessa altura, Francelina havia conquistado seu próprio espaço na alta sociedade, que frequentava com seu jeito sofisticado.

Bem, a história de nossa heroína não está nem na metade.

Entre uma festa e outra, começou a atrair os olhares de um respeitável empresário, Seu Mavi, que convidava Francelina para acompanhá-lo em jantares e eventos de negócios.

O único problema (para a sociedade, não para eles) era que Seu Mavi era casado. Agora chegara a hora em que a sociedade poderia taxá-la de aproveitadora de vez. Mas isso não acontecera e nossa família convivia muito bem com Seu Mavi, "amigo" de Francelina.

Bem mais tarde, nos foi segredado que a mulher de Seu Mavi tinha um grave problema mental e quase não saía de casa.

Se isso é verdade ou não eu não sei, mas serviu para que a nossa família aceitasse o casal. Nossa grande família ia passar domingos no sítio dela ou ficar em seu apartamento em Santos. Mas a estadia nesse era só para minha avó, minha mãe, e os que levavam consigo, ou seja, meu avô, meu pai, meus irmãos e eu. Após a morte de minha avó, minha mãe continuou com amizade com Francelina.

Conversando com minha irmã, Adriana, sobre Francelina, enquanto nos deparávamos com um mar de fotografias antigas, lembramos que ela usava sempre uma touca de flores de plástico brancas para ir à praia e não molhar o cabelo, que estava sempre arrumado. Nós achávamos linda aquela touca.

Francelina sempre usava várias jóias, anéis grandes, de pedras, os quais fascinavam nossa caçulinha, que sempre pedia para experimentá-los. Um dia, Francelina levou um anel grande, de bijuteria, e deu a ela. Foi uma alegria! Logo depois, em uma missa, minha mãe olha para as mãozinhas gordinhas da minha irmã, então com 4 ou 5 anos, e vê que ela estava usando o anel. Minha mãe e minha avó tiveram que se esforçar para conter o riso.

Francelina e Seu Mavi viajaram o mundo juntos. Fizeram cruzeiros, pertenciam ao Rotary Club. Viveram um relacionamento muito feliz e ninguém os acusava de nada. Ele era rico e poderoso, mas também amável e muito educado.

Tudo em Francelina era chique e sofisticado: sua pele sempre bronzeada, sua maquiagem, seu perfume, suas roupas, seu modo de andar, de comer e de falar.

Não era de beleza fácil, mas sabia encantar. Eu me lembro dela sempre do mesmo jeito, de estatura mediana, magra e de cabelos tingidos de loiro. Até o final de sua vida, aos oitenta e poucos anos, nunca deixou aparecer um único fio de cabelo branco.

A foto a seguir, a cores, mostra Francelina em seus 60 e poucos anos. Ela está com cabelos curtos e loiros. Veste um conjunto de saia e blusa brancos, sapatos brancos e uma flor no cabelo também branca. Está entre duas mulheres loiras de cabelos compridos usando roupas iguais, blusa branca de mangas compridas embaixo de coletes vermelhos com bordados dourados, saia azul em degradê para o branco e sapatos pretos de salto baixo. Elas estão em um lugar com várias outras pessoas. Do lado inferior esquerdo da foto há a inscrição: M/V Júpiter, 1985. Na parte de trás, a dedicatória para minha mãe: "Para Walkiria. Cruzeiro das Ilhas Gregas. Eu e as cantoras do navio. 17 de outubro de 1985". A foto não tem molduras e está bem conservada



Quando ia à nossa casa, já não mais no Belenzinho, mas no Tatuapé, Francelina ia de metrô, pois morávamos perto da estação. Levava suas jóias dentro de um saquinho de plástico preso ao sutiã e, assim que chegava, tratava de por tudo o que tinha direito. Antes de sair, guardava tudo novamente. Tinha medo de ser assaltada.

Um dia, minha mãe serviu caqui de sobremesa em um almoço em que Francelina nos visitava. Todos pegamos os caquis e começamos a chupá-los, mordê-los, mas nossa convidada pediu uma faca e uma colherinha. Ficamos sem ação ao vê-la partir o caqui em dois e comer a polpa com a colherinha que havia pedido; mas já não podíamos mais voltar atrás. Porém, a partir desse dia, minha mãe só comia caqui e kiwi de colherinha.

Seu Mavi era um senhor de 50 anos, alto, calvo, esguio, muito elegante. Era assim quando o conheci na minha infância. Era de uma simpatia e polidez sem igual. Tratava as crianças com paciência, sempre gostando de nos ensinar algo novo. Admirava o fato de a família de Francelina aceitar o relacionamento dos dois.

Um dia, em idade avançada, caiu doente. Lembro de irmos visitá-lo no hospital. Ficou contente em nos ver, mas estava muito fraco para conversas. Apesar da esposa ainda estar viva, quem ficou com ele nesse final foi Francelina.

Os filhos não fizeram objeção que ela, sua parceira, seu amor de longa data, estivesse presente também nesse momento.

Pouco tempo depois, já também no final da vida, Francelina foi viver com uma prima, que cuidou dela. Ficou sozinha até não poder mais.

A imagem que em mim ficou é de uma mulher sofisticada, independente, que conquistou seu espaço e viveu feliz com tudo que a vida lhe ofereceu.

A Princesa

Essa sou eu. Minha mãe me nomeou “Soraya” como a princesa da Pérsia, de mesmo nome. Tem um significado muito bonito: “estrela da manhã”, mas não é por isso que tenho esse lindo nome.

Minha mãe, Walkiria, demorou 3 anos para engravidar de mim. Esse tempo, para ela que esperava vir grávida da lua de mel, foi sofrido.

A princesa Soraya também não conseguia engravidar, e por isso foi repudiada pelo Xá Reza Pahlevi. Ela era linda, sofisticada, e sofria do mesmo mal que minha mãe: a espera. Mas a de minha mãe rendeu frutos.

A foto abaixo, em preto e branco, mostra minha mãe grávida de mim. Deve estar de 7 ou 8 meses, pois a barriga já está bem pronunciada. Ela está encostada na parede de azulejos retangulares claros e escuros e sob uma janela com grades abauladas. Reconheço essa casa; era a dos meus avós. Ao lado encontra-se a fachada de um outra casa. Ela foi retratada de lado, mas vira a cabeça e seu rosto é mostrado de frente. Está sorridente, linda, com toda a alegria que aquela gravidez pôde lhe trazer. Seus cabelos escuros estão na altura das orelhas. Usa um vestido largo sem mangas, sobre uma blusa estampada de losangos de tons claros e escuros que fazem um jogo de formas geométricas com a parede. Usa também sapatos baixos escuros. A foto está bem composta e é bastante interessante, pois é mostrada em perspectiva, ou seja, um modo de representar a figura causando uma ilusão da dimensão. Assim, a parede em que Walkiria está encostada parece grande, comprida, enquanto que a da casas vizinha parece menor. A foto tem moldura branca serrilhada que está manchada e apresenta dobraduras.



Eu nasci em 21 de dezembro de 1964, no primeiro dia de verão, último de Sagitário, a fórceps, depois de muitas horas de trabalho de parto. Tinha o cordão umbilical enrolado no pescoço. Estava toda roxa, quase sem respirar. E sim, nove meses após o golpe de estado no Brasil. Uma alegria para a família em meio a tanta desgraça.

A foto abaixo, em preto e branco, é uma de minhas favoritas. Nela, minha mãe me segura no colo. Estamos em frente à porta de uma varanda. Devo ter 5 ou 6 meses. Minha cabecinha está encostada em seu rosto. Ela tem os cabelos escuros médios e uma faixa na cabeça para os prender atrás das orelhas. Seus olhos estão apertadinhos, provavelmente por causa do sol. Veste blusa escura e saia clara. Eu estou vestindo uma roupinha clara. A foto foi tirada em plano médio, ou seja, da cintura para cima. Está bem clara. Pode-se notar a nossa sombra na parede ao lado. O rosto de minha mãe também está metade na sombra. A foto tem moldura branca serrilhada e está manchada.



Em seguida temos a foto de minha mãe e meu pai sentados em um gramado e eu, com 4 meses, no colo dela. Há um arbusto grande atrás de nós. Meu pai, de 30 anos, tem cabelos escuros curtos e fartos, olhos pequenos e nariz grande. Esboça um sorriso. Veste camisa de mangas curtas em tom de cinza claro e calças e sapatos escuros. Apoia a mão esquerda no chão. Minha mãe, junto dele, tem 26 anos e cabelos escuros na altura das orelhas. Ao contrário do meu pai, nunca teve cabelos fartos e seu olhos, nariz e boca são pequenos. Está sorridente. Usa blusa em tom de cinza claro e sapatos pontiagudos escuros. O chale branco no qual estou enrolada cobre-lhe as pernas. Essa foto foi tirada por ocasião do meu batizado, em Aparecida do Norte. Há uma foto minha, nesse mesmo lugar, sozinha sobre o chale branco. A foto tem moldura branca larga e serrilhada com manchas amareladas.



Primeira filha, primeira neta, primeira sobrinha. Único bebê em meio a primos no mínimo 6 anos a mais do que eu. Apadrinhada pela minha avó Palmira e meu avô João. Mimada ao extremo.

Nessa outra foto, também do meu batizado, meus padrinhos, ou seja, minha avó Palmira e meu avô João, posam nos degraus da entrada da frente da Basílica de Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida do Norte, São Paulo. Estão sorridentes. Estou no colo de vó Palmira. Tenho bochechas gordinhas. Ela tem 48 anos, é magra. Tem cabelos escuros na altura das orelhas penteados para o lado. Usa um vestido de gola dupla bem perto do pescoço, em tom de cinza claro e sapatos baixos escuros. Me segura com o braço esquerdo e apoia meus pezinhos com a mão direita. Ao lado dela, meu vô João, de 51 anos, é encorpado e calvo. Veste terno em tom de cinza escuro, camisa clara, gravata listrada e sapatos escuros. Alguns fiéis entram e saem da igreja. A foto tem moldura branca serrilhada e parece ter sido bem manuseada, pois apresenta manchas, dobraduras e uma nervura no canto superior direito.



A foto a seguir, em preto e branco, me apresenta com 1 ano ao lado de meu carrinho. Estou na praia, em pé. Tenho as bochechas gordinhas e estou sorridente. Uso macacãozinho bufante em tom de cinza escuro e chapéu de palha com borda enfeitada. O curioso dessa foto é o carrinho, pois é estofado como um carro mesmo, tem enfeite que lembra uma maçaneta e pequenos parachoques. Tem também uma cobertura para a cabeça. No seu interior pode-se ver um cobertorzinho. A foto tem moldura branca larga e serrilhada.



Quem me chamava de princesa era meu tio Roberto, irmão de minha mãe. Ele trabalhava em sistema de turnos na Petrobrás e, fosse a hora que fosse sua saída, ele batia em nossa janela para me acordar. À época, morávamos na mesma travessa, a Artur Mota, em casas térreas, e a janela do nosso quarto dava para a rua. Aí ele me pegava no colo, fazia brincadeiras, gracinhas, me entregava à minha mãe e ia dormir. Ela ficava louca com ele – nem tanto, ela o adorava – porque eu custava a dormir. Tremia muito e fui levada ao médico. O diagnóstico: “Ela treme para não dormir.” Esse já era o presságio da minha hiperatividade.

A foto abaixo traz meu tio Roberto, no auge de sua juventude, aos 23 anos, me segurando no colo. Eu devia ter 4 ou 5 meses. Tenho as bochechas gordinhas e estou envolta em um chale branco. Estamos em frente à grade de ferro, rebuscada, de uma janela, provavelmente da casa onde morava com meus avós na Travessa Artur Mota. Ele é de estatura mediana. Minha mãe era mais alta do que ele. É magro, esbelto e, apesar da pouca idade, já apresenta entradas bem pronunciadas no cabelo claro. Assim como meu avô, era loiro de olhos azuis. Veste camisa clara de mangas longas e calças e sapatos escuros. Está sorridente e me segura bem apertada. A foto tem moldura branca larga serrilhada e está em boas condições.



O modo que minha mãe encontrou para me fazer dormir – e deixá-la dormir – foi me colocar em sua cama e me encostar em seu braço, que eu vim a chamar “baça”. Mas aí isso virou um costume e, onde quer que estivéssemos, ela tinha que levantar a manga e me deixar encostar para dormir.

A dificuldade em cair no sono me acompanha a vida toda. Sempre tive a sensação de que dormir é desperdício de tempo. Até adulta, enquanto morava com meus pais, minha mãe entrava em meu quarto de madrugada e lá estava eu, insone, pensando na formação do universo. Esse é um tema que me fascina.

Ela olhava para mim, desolada, e dizia: “Pensando no universo? Vai dormir, vai, que o universo não vai se acabar hoje”. A dificuldade em dormir acarreta na dificuldade em acordar. As aulas matutinas às 7h foram um tormento em minha vida. O que me consolava era descer e ver meu café e meu lanche já preparados pelo meu vô João. Isso até eu terminar a faculdade! Ele veio morar com a gente depois que minha avó morreu, quando eu tinha 10 anos. Sempre senti – e ainda sinto – ansiedade ao final da tarde. Tenho que estar fazendo algo nesse horário, trabalhando, caminhadas... Em muitos dias tenho que sair e só voltar quando escurece. A proximidade da noite, do horário convencional de descansar, me deixa aflita.

Essa característica também deve ser responsável pela minha não permanência nos lugares em que me estabeleço. Para mim, a vida parece sempre feita de improvisos e que estou fora do compasso natural. Não tenho casa própria, hoje não tenho carro, nem jóias, nem roupas caras, nem marido (oficiais 3 exs). Só algumas malas, das quais posso também prescindir a qualquer hora. Isso facilita a transição entre lugares. Já morei em São Paulo, Curitiba, Fortaleza, Brasília e tenho vivido seis meses em

Portugal (Lisboa e Faro) e 6 em São Paulo e Brasília novamente. Além das muitas viagens pelo mundo. A vida é dinâmica.

Há uns 4 anos, durante leitura de meu mapa astral (adoro leituras de horóscopo, tarô, aura...) o astrólogo me disse que eu já havia recomeçado minha vida muitas vezes, que isso era cíclico – mas não se referindo a outras vidas, a esta mesmo – e que ainda recomeçaria muitas vezes mais. Pelas minhas contas, só após a leitura já recomecei umas 4 vezes. Nunca sofri de nostalgia. Para mim, passado é passado. Vivo sempre olhando para o futuro. Talvez seja por isso que tive êxito em minha profissão de professora universitária na área de Comunicação e de Letras, Tradução inglês e audiovisual (incluindo recursos de acessibilidade como audiodescrição para pessoas com deficiência visual e legendas para ouvintes e surdos). Essa profissão faz você sempre pensar em pesquisas futuras, não se pode ficar 1 ano sequer sem desenvolver e orientar novas pesquisas. É maravilhoso trabalhar com jovens. Eles estão sempre demandando novos aprendizados.

Interessante, também, foi o que uma vidente de aura disse sobre uma característica marcante em minha vida. Segundo ela, a cor predominante de minha aura é a verde. Isso significa que atraio pessoas que se sentem confortadas por me contarem suas vidas, seus problemas. E realmente é isso que acontece desde que eu era pequena. Pessoas chegam perto de mim e do nada começam a falar. Pode ser numa fila, no salão de beleza, numa festa, num bar, no pronto-socorro tomando soro, enfim, em qualquer lugar. Eu não faço perguntas, não dou conselhos. Elas falam o que querem e eu as escuto.

Tenho o corpo marcado por essas escolhas, por essas vivências, algumas cicatrizes, algumas tatuagens.

Uma cisma que eu tinha em criança era que queria ser menino. Não gostava de ser menina. Não sei dizer muito bem porque. O fato é que toda noite, durante nossas preces – minha mãe fazia questão disso – eu suplicava para Deus me transformar em menino. Ao acordar, a primeira coisa que fazia era por a mão na minha xerequinha para ver se havia crescido um pintinho. Eu sabia a diferença entre meninos e meninas por causa do meu irmão. Esse desejo nunca foi atendido, e eu me acostumei a ser menina. Gosto de ser mulher.

Um ano e dez meses depois de mim chegou meu irmão, Rogerio. Fiquei doente de ciúmes. Mais dois anos e três meses e chegou minha irmã, Adriana. Já encarei o fato numa boa.

As duas fotos a seguir, ambas a cores, me mostram junto com meu irmão e minha irmã. Na primeira, eu e ele estamos sentadinhos no banco do Parque Ibirapuera. Nossos pés estão longe de conseguir alcançar o chão. Atrás de nós está o famoso lago de cisnes e patos e dois barcos a remo. À época ainda era possível andar lá de barco. Há várias folhas secas embaixo e ao redor do banco. Eu tinha 4 anos e ele 2. Essa foto traz, na aba branca serrilhada, a data da foto: agosto de 68. Estamos sorridentes, posando para a foto. Devia estar fazendo frio, pois estamos bem agasalhados. Eu tenho o cabelo fino na altura das orelhas e o rosto redondo. Olhos pequenos e escuros. Visto uma blusa de lã de mangas longas azul claro, saia rosa, meias-calças e sapatos brancos. Rogerio tem o cabelinho ralo, curto e claro. É bem magrinho. Usa camiseta branca e vermelha por baixo de um casaquinho de lã marrom, calças jeans e sapatinhos claros. Segura um pedaço de pão com as duas mãozinhas, talvez na intenção de jogar migalhas aos patos. A foto não tem boa definição. Está embaçada, como se a neblina nos envolvesse. Escolhi esse foto devido à luz que bate atrás de nós e nos ilumina. É uma linda recordação.



Nessa outra foto, minha irmã e eu estamos na praia, dentro do mar, no rasiño. Há vários outros banhistas nas partes mais fundas. Eu estou de joelhos e ela em pé. Assim ficamos da mesma altura. Eu devia ter 6 e ela 2 anos. Eu estou magrinha, de rabo de cavalo e uso maiô vermelho. Ela é gordinha, tem cabelinho ralo e curto e usa biquini rosa. Estamos compenetradas. Estou dando a ela um baldinho cheio de água. O colorido dessa foto é diferente da anterior, é em tons de roxo, comum nos filmes da época e faz com que as imagens não pareçam realistas. A foto tem moldura branca lisa, um pouco manchada.



Meu irmão sempre foi diferente de mim, da paz acima de tudo, e eu o defendia a socos e pontapés de quem mexesse com ele. Mas nós fazíamos várias brincadeiras juntos, como enterrar, com funeral e tudo, os passarinhos que caíam mortos em nosso quintal devido a um vidro quebravento no qual eles batiam, para depois desenterrá-los e examinar os esqueletos. Só não enterramos nosso canário, que meu avô comprou para nós e deu o nome de Bizizi, pois minha mãe e ele disseram que o passarinho tinha fugido.

Também ficamos no quarto, de castigo, várias vezes juntos – já que a casa só tinha um quarto – e nos enfiávamos debaixo da cama dos meus pais, repetindo os palavrões que conhecíamos: merda, bosta, cú. Também rezávamos para Deus nos matar e provocar remorso em nossa mãe. Esse pedido também não foi atendido - ainda bem!

Minha irmã, por ser mais nova, nos acompanhava em nossas experiências. Ela era um encanto - ainda é - sempre alegre e sorridente.

Quando nos mudamos de casa e tivemos um quarto só nosso (porque na casa da Artur Mota dormíamos os 5 em um quarto só), eu acordava todas as manhãs em um cantinho da minha cama, pois ela tinha medos e sempre ia dormir comigo. Eu não ligava. Sempre gostei de fazê-la feliz. Sempre amei meu irmão e minha irmã e sei que eles também me amam. O amor é algo que circula em nossa família sem obstáculos.

Não fui uma criança fofa. Era muito agitada. Espalhava os brinquedos, fazia muita bagunça, não parava quieta. Aos 4 anos, minha avó Palmira resolveu me levar na igreja para ser benzida pelo padre. Ele, porém, disse que o caso era de exorcismo e eu fui exorcisada ali mesmo! Por recomendação, meu travesseiro deveria ser queimado. Para desespero de minha mãe, meu travesseirinho custou a queimar. Claro que aquela parafernália toda não resultou em nada. Ninguém da família sabia o que era hiperatividade e eu levei umas boas palmadas de minha mãe na minha infância. Não a culpo. Ela me deu muito amor. Esse era o jeito que sabia educar.

A pretensa interferência divina entrou em ação em outros momentos e provocaram, em mim, pesadelos acordada. Minha mãe dizia que tínhamos um anjo da guarda que olhava por nós. Mas, esse mesmo anjo era responsável por nos castigar. Assim, ela colocava nas mãos divinas um pouco de nossa criação.

Quando éramos considerados mal-criados, ela dizia que o anjo estava vendo e depois iria nos castigar. Se caíssemos, tropeçássemos, era então um prato feito para o anjo e ela dizia: "Viu? É o anjo castigando". Isso era aterrador, mas um recurso que ela usava sem pestanejar. Já com os netos, o anjo da guarda só fazia as vezes de protetor. Entendi bem minha mãe quando minha filha, Sofia, e João Pedro, meu filho, eram adolescentes. Eu entreguei para Santa Joana D'Arc – minha santa de devoção – a proteção deles. Tem horas que uma mãe precisa de alguma interferência além de sua voz que nem sempre é ouvida.

Não dei uma educação religiosa para meus filhos. Na verdade, nem os batizei. Nunca me casei no religioso. Tenho minhas crenças e os eduquei para viverem na bondade. Acho que nisso fui bem sucedida.

Na minha infância e adolescência meu pai, José, não era muito presente. Dedicava-se ao trabalho, sem nem mesmo tirar férias. Mandava minha mãe, meu irmão, minha irmã e eu para temporadas em Santos ou Atibaia, num Hotel Fazenda, onde ele ia aos finais de semana, e depois, já bem melhores de vida, por todo o Brasil. Minha mãe era aventureira. Um dia, em Atibaia, resolveu alugar uma charrete para andarmos pelos arredores da cidade. E, é claro, eu, meu irmão e minha irmã com ela. Éramos pré-adolescentes, minha irmã ainda criança. Pois bem, passamos por uma estrada de terra, ela dirigindo a charrete e achando muito fácil. Só que de repente se viu subindo um morro, e ia cada vez mais alto, com um barranco ao lado.

Chegamos a um lugar sem passagem e a trilha era estreita. Ela tinha que fazer a volta. Todos nós muito assustados, porque a charrete já ia derrapando para o precipício. Quando ela conseguiu fazer a volta e estabilizar a charrete, não sei como, olhou pra nós e disse: "Ficaram com medo? Está tudo bem. Consegui fazer a volta. Mas vocês não contem isso pra ninguém!" Só hoje, uns 45 anos depois, estou revelando esse segredo.

Ela adorava viajar, conhecer novos lugares, costumes, comidas. Escolhia o lugar e lá íamos nós. Adorava ir para o Nordeste comer tapioca, andar de barco, de jangada, tomar sol, ficar perto do mar.

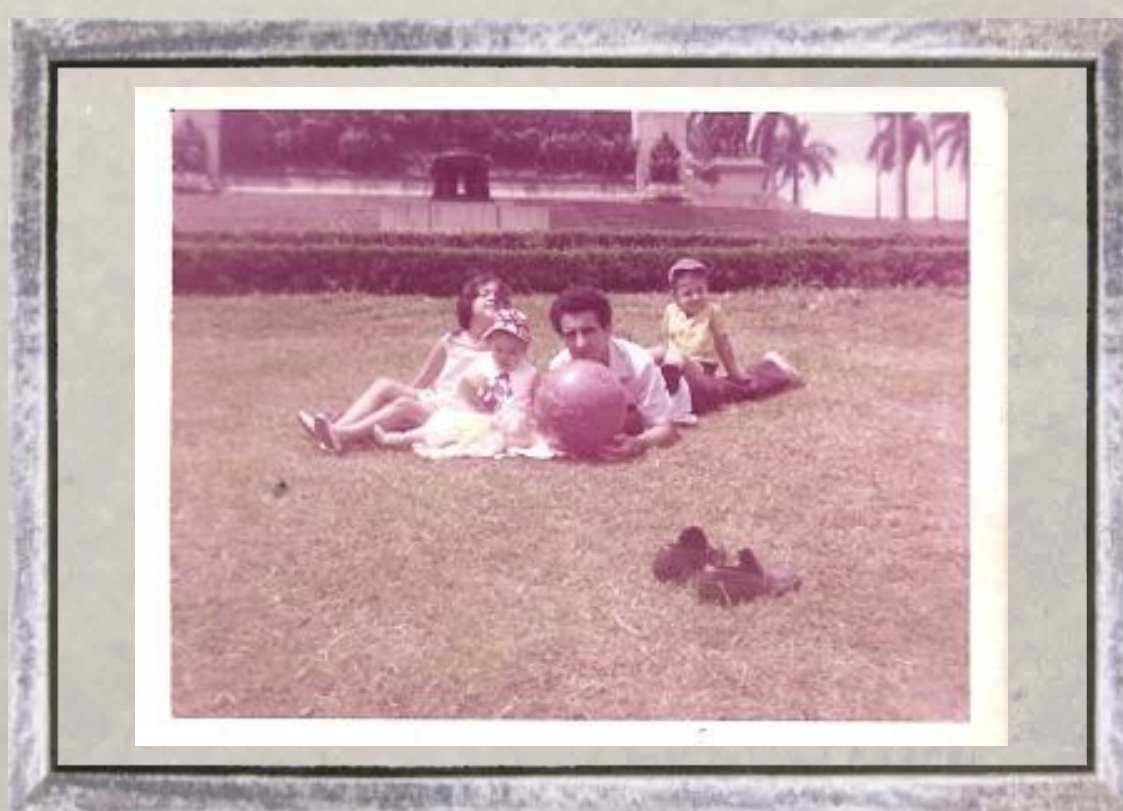
Meus pais chegaram a viajar juntos (mas não sós, sempre em companhia de um casal de primos da minha mãe, da mesma idade que eles – Carlos e Modesta) pela Europa, pelos Estados Unidos, pela Argentina. O engraçado é que, quando contavam suas aventuras, discordavam em quase tudo. Parecia que tinham viajado a lugares completamente diferentes. Ríamos muito com

eles. Depois, em segredo, me diziam que sua história era a verdadeira, que o outro não se lembrava bem o que havia acontecido.

Guardo na memória, porém, que quando éramos pequenos, meu pai inventou uma música e cantava sempre que se via sozinho tomando conta da “irmandade” e que se resumia a: “Fifi, Fofó, Fufu / chamavam os três gatinhos”. Penso que aquela função o aterrorizava mais que qualquer coisa.

Hoje meu pai e eu temos um bom relacionamento. Saímos, jogamos tranca, nos falamos sempre, e Fifi, Fofó, Fufu virou nome do grupo de Whatsapp que reúne minha irmã, meu irmão e eu.

A foto a seguir mostra meu pai, eu, meu irmão e minha irmã no gramado do Parque do Ipiranga. Atrás de nós podem ser reconhecidas algumas das esculturas e palmeiras do complexo, mas cortadas pelo ângulo em que a foto foi tirada. Meu pai, de 36 anos, está deitado de barriga para baixo e segura uma bola grande e vermelha embaixo do queixo. Seus cabelos são escuros e fartos. Meu irmão, de 4 anos, está sentado e apoiado nas pernas do meu pai. Olha para o lado. Veste blusa amarela e bonezinho. Minha irmã, de 2 anos, está sentada na frente de cabecinha baixa. Usa roupinha branca e chapeuzinho de bolinhas brancas e vermelhas. Eu, com 6 anos, estou sentada ao lado dela, mas com a cabeça por trás e acima da sua. Meus cabelos estão no meu rosto. Uso roupa branca. É curioso que, quem tirou a foto, provavelmente minha mãe, não deve ter atentado para o fato de que os sapatos do meu pai estavam à nossa frente. Naquela época era assim: foto tirada era foto revelada e guardada, pois a revelação era cara e não se desperdiçavam fotos. Assim, temos casos engraçados como esse. A foto tem coloração que pende para o roxo. Tem moldura branca lisa.



Eu cresci um tanto alheia ao cenário político do país. Minha família, como um todo, não compartilhava comigo suas ideias. Não que apoiassem a ditadura, mas também não se metiam em inclusões consideradas "rebeldes". Quando as manifestações pelas "Diretas já" tomou as ruas, eu estava entre os participantes.

O que minha mãe, minha avó, meu pai e meu avô compartilhavam comigo eram os programas de televisão, como os festivais, os programas de novelas, já que era insone e, pra não ter o trabalho todo para me fazer dormir, nem ter que entrar numa queda de braço comigo por não querer ir para a cama, eu era deixada na sala e, quando aparecia algo que era considerado impróprio para mim, minha mãe me mandava fechar os olhos.

Eu era fã da Wanderléa. Tive uma boneca igual a ela, de 1 metro de altura, que cantava trechos de suas músicas mais famosas quando se puxava uma cordinha nas suas costas. Lembro de alguns desses trechos: - "Por favor! Pare, agora! Senhor juiz". - "Encosta tua cabecinha no meu ombro e chora..." - "Quando/ você se separou/ de mim". Não sei se entendia muito bem o que queriam dizer, mas os repetia vezes e vezes sem parar. Tive algumas bonecas, mas o interesse nelas não durava muito. Ficaram guardadas, durante décadas, na casa de minha mãe. A filha de minha prima Eliana, Shantala, quando tinha uns 4 ou 5 anos, pedia para minha mãe mostrar as bonecas a ela: "Vamos ver as bonecas sem olhos?" Eu não me lembrava que tinha o hábito de enfiar os olhos delas para dentro!

Outro cantor de quem me lembro bem é o Wilson Simonal. Eu sabia cantar "Meu limão, meu limoeiro" direitinho. Quando Simonal era bem famoso, foi desprezado pelo mundo artístico e pelos fãs por um envolvimento canhestro com a polícia na época da ditadura. Nunca mais se reergueu. Há pouco tempo, assistindo um filme sobre ele junto com meu pai e tive a oportunidade de entender o que acontecera com meu ídolo.

A banda "Secos e Molhados" foi para mim a grande surpresa e revelação. Eu sabia - e sei ainda - as letras de todas as músicas de seu primeiro LP, de 73. O modo como se apresentavam em um programa de televisão - não me lembro qual - não sai de minha memória até hoje. Ney Matogrosso, com seu corpo esguio, maquiagem e pouca roupa, dançando remexendo os quadris ao ritmo das músicas, me arrebatou para um mundo que ainda era difuso para mim, o da homossexualidade. Não era só mais o fato de eu trocar uns beijinhos atrás da porta com uma amiguinha de mesma idade que vinha visitar a tia Dirce, nossa vizinha. Aquele ser andrógino era muito diferente do que eu já tinha visto.

"Sangue Latino" se tornou uma de minhas músicas preferidas! Recentemente foi tema de uma série brasileira da HBO, "Magnífica 70", sobre um agente da censura que vive uma vida dupla escrevendo roteiros e dirigindo filmes pornô. Subversão bem ao estilo da banda!

Um rapaz lindo que mereceu a minha paixão foi Guilherme Arantes e eu só pensava em "estar no escuro do meu quarto à meia-noite, à meia luz, pensando/ daria tudo por meu mundo e nada mais", chorando com o "Diário de Anne Frank" e "Os meninos da Rua Paulo".

Agora, uma história que me perseguiu a vida toda foi a da morte do ator Sergio Cardoso, em 72. Minha avó Palmira, mãe da minha mãe, era fã dele, principalmente no papel de Antônio Maria, na novela de mesmo nome, na TV Tupi. Bem, houve um boato que ganhou força de que o referido ator tinha sido enterrado vivo, que a família tinha mandado exumar o corpo e que o encontraram virado de bruços com as unhas gastas e a tampa do caixão toda arranhada.

Fico pensando como uma criança de 7 anos teve acesso a essa informação. Deve ter sido por ver minha avó chorando. Li depois, já adulta, que isso de fato não aconteceu. Mas, o medo de ser enterrada viva me persegue desde então em forma de pesadelos. Fiz meus filhos jurarem que serei cremada.

Estranho falar de minha avó, pois, na verdade, não me lembro dela. Minha mãe dizia que éramos muito próximas. Lembro que nos domingos nos quais íamos almoçar em sua casa, minha avó sempre fazia lasanha. Cozinhava assistindo ao Programa Silvio Santos em uma pequena TV preto e branco na cozinha. Eu já ficava com ela logo de manhã e “roubava” o presunto que iria em sua iguaria. Depois passava mal, vomitava. Até hoje tenho fixação por presunto e vez ou outra ainda passo mal. A última vez foi em Granada, onde devorei baguetes recheadas de jamón espanhol.

Quando minha avó morreu, dia 4 de dezembro de 74, eu estava para completar 10 anos dia 21. Devo ter sofrido um forte trauma. Minha mãe ficou desesperada. Acabei por perder quase todas as lembranças de vó Palmira. Essas que acabei de relatar, me vêm sem rosto.

Meu avô João era um amor. Muito paciente com os netos, netas e minha mãe. Mas só com a gente mesmo. Ele tinha adoração pela minha mãe. Ela era a mais linda, a mais inteligente, a que cozinhava melhor, enfim, era a melhor em tudo. Só tinha um único defeito: ter se casado com meu pai. Minha avó morreu muito cedo, aos 58 anos e ele foi morar conosco. Essa época coincidiu com a desapropriação para o Metrô e com nossa mudança para uma casa perto do Clube Corinthians Paulista. Meu pai sempre foi corintiano roxo, e meu avô era palmeirense; daí já começavam as desavenças básicas.

Nas nossas férias, porém, meu avô levava eu, meu irmão e minha irmã nas piscinas do clube, religiosamente todas as manhãs. Íamos com toda a disposição. Vô João ficava em pé apoiado na grade que separava as piscinas do passeio, fumando seu cigarrinho, até a hora da gente sair para o almoço. Ele nunca entrava. Na volta, já cansados e queimados de sol, íamos implicando uns com os outros, sob as ameaças de que no dia seguinte ele não nos levaria novamente. De qualquer modo, fazíamos uma parada obrigatória: na padaria para ele tomar um traguinho antes do almoço. Muitas vezes tomava Campari. Um dia, vendo aquela cor maravilhosa, i.

maginei uma groselha e pedi para experimentar. Dei logo um golão e aquilo me queimou por dentro. Decepção.

Meu avô e nós tínhamos um acordo: não contar pra minha mãe que a gente parava para ele beber e dar refrigerante pra gente antes do almoço. Isso posto, todos ficávamos felizes. Quando íamos passar dias em um Hotel Fazenda em Atibaia, ele fazia pipas junto com a gente e levávamos para empinar.

Nos dias de escola, era ele quem nos chamava. Minha mãe sempre gostou de dormir até um pouco mais tarde e meu pai nos levava. Eu adorava os sanduíches de pão de forma (sem casca) com maionese e salame e uma garrafinha com Nescau.

Minha irmã era muito apegada a ele. Não que eu e meu irmão não fôssemos, mas com ela a relação era diferente. Muito pequena, ela acordava cedinho pela manhã e ficava esperando ouvir o barulho do meu avô descendo as escadas do sobrado para preparar o café (ele dormia no quarto com meu irmão). Imediatamente ela se levantava e ia atrás dele. Ela só começou a ir na escola pela manhã quatro anos depois de mim e, durante esse tempo, passava as manhãs brincando e jogando com meu avô. Ela fazia ballet e dançava para ele mostrando os passos que aprendia.

Meu avô sempre se orgulhou de ter as mãos muito finas, pois era lapidador da Nadir Figueiredo. Ele nos levou algumas vezes para vê-lo trabalhando e mostrava a precisão necessária para lapidar cada uma das peças. Contava que trabalhou na lapidação das taças e copos da festa de casamento de um dos Matarazzo. Lapidava também vidros de perfume, com os famosos borrifadores vigvig. Ele gostava de nos presentear.

Na loja da fábrica havia um mostrador com inúmeros bibelôs em forma de frutas e animais. Lembro dele levar a mim e a minha irmã para escolhermos pingentes, pulseiras e anéis. Lembro também que em um dos meus aniversários me deu um relógio com a figura do Anjinho da Turma da Mônica. Eu o guardei até a idade adulta, quando já nem funcionava mais. Se perdeu com o tempo.

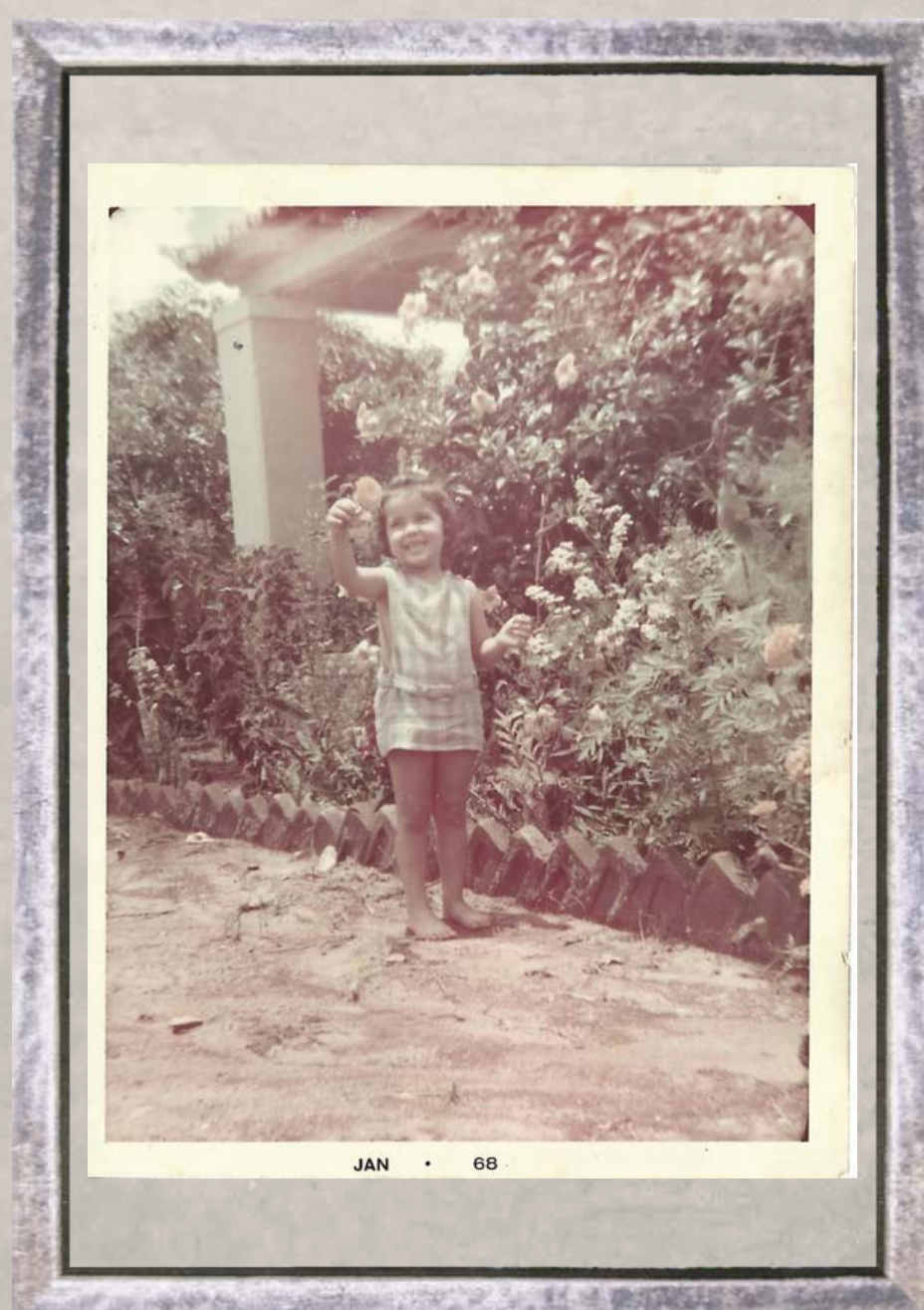
Assim como minha mãe e minha avó, vô João tinha o gosto pela leitura. Na indústria na qual elas trabalhavam tinham acesso à Biblioteca Circulante do SESI, que consistia em um carro carregado de livros que passava por diversos lugares, fábricas, oficinas, etc. Assim, eles sempre tinham algo novo para ler. Com o tempo, meu avô começou a se interessar por geografia e história, pois tinha acesso às coleções "Conhecer" e "Barsa", que meus pais compraram quando entrei para o ginásio. À época, eram fontes fidedignas para pesquisa. Ele sempre nos contava algo novo. Sabia as capitais de inúmeros países. Lia também a versão médica da Barsa e sabia sobre

tudo pelos livros. Morreu de AVC aos 72 anos, quando eu tinha 21.

Minha mãe morreu em 12 de setembro de 2015. Eu faria 51 anos em dezembro. Estava arrasada no dia do meu aniversário. Levantei, tomei café e voltei para cama. No sono que se seguiu, tive um sonho revelador. Nele, minha avó veio falar comigo. Estava acompanhada de meu avô, meu tio Roberto (que havia morrido há dez anos) e minha mãe. Entraram em meu quarto e minha avó, com seu habitual casaquinho de banlon nas costas, tomou a frente, me abraçou e disse: "Agora você se lembra de mim, não é? Não se preocupe que está tudo certo. Tudo vai ficar bem". Acordei de repente; porém, serena e sem o peso em meu peito. Continuo não me lembrando do que vivi com minha avó, mas já reconheço seu rosto.

Acredito que eles realmente me visitaram, pois a relação entre minha mãe e eu era mágica desde que estava em sua barriga. Ela me adorava e eu a ela. Eu era um grude mesmo. Abraçava-a pelas costas e ficava assim enquanto ela cozinhava – isso até adulta. Dei a ela todas as flores do mundo.

Na foto abaixo, eu, com 3 anos, estou oferecendo uma florzinha amarela para quem estava tirando essa foto, que muito provavelmente era minha mãe. A foto é a cores, mas já perdeu a definição. Está muito clara. Parece haver uma neblina envolvendo o lugar. Tenho os cabelos escuros na altura das orelhas, presos para trás. Estou vestindo um macacãozinho curto, xadrez de azul e branco. Estou descalça no chão de terra. Atrás de mim, a coluna da varanda de uma casa, que reconheço como sendo o sítio de Francelina. Quase cobrindo a coluna, plantas altas, com flores, de onde devo ter apanhado a florzinha que seguro. A foto tem moldura branca lisa com a data "janeiro de 68"



Nessa última foto estamos “eu, mamãe e Susi”. Coloquei nessa ordem porque havia uma propaganda da boneca que tinha esse slogan. Estamos no quintal de nossa casa na Travessa Artur Mota. O quintal era comprido, não muito grande. Tinha um canteirinho com algumas plantas e uma parreira, que cobria toda a área e era segura por vários fios que meu pai colocava de um lado a outro. E dava bastante uva! Bem, mas voltemos à foto! O piso do quintal é de cerâmica e ao final há uma lavanderia. Somente o tanque foi enquadrado. Minha mãe está em pé. É alta e esbelta, com cintura bem marcada em seu macacão sem mangas. Tem cabelos escuros até os ombros. Engraçado que está segurando uma bolsa. Devia estar saindo ou chegando. Eu estou em pé à sua frente. Devo ter 7 anos e ela 33. Meus cabelos escuros estão penteados para trás. Uso um conjunto de shorts e camiseta sem mangas. Seguro minha boneca Susi pelas pernas. Ela é loira, mas não se consegue ver suas roupas devido à má qualidade da foto que, além de estar arroxeadada, deixando quase iguais todas as cores, também está embaçada, sem definição. A foto tem moldura branca lisa. Eu a escolhi por representar, para mim, a forte ligação que tinha com minha mãe.

Aliás, só consigo manter o equilíbrio e a serenidade por acreditar que vou encontrar minha mãe, minha alma gêmea, em algum outro plano, em alguma outra vida.



*

Fernando também compartilhou suas memórias a meu respeito, o que dá uma graça à narrativa. Aí vão elas:

Você sabia que eu não gostava nem um pouco de você quando você era pequena?

Wal demorou um tempo relativamente grande para engravidar de Soraya. Foi um período longo de muitas lágrimas e uma grande expectativa, mas finalmente a grande notícia da gravidez. Foi uma felicidade geral para toda a família

quando a menina chegou. Tão aguardada, tão querida, perfeita, uma criança linda, sempre a mais bonita de todas as minhas primas.

Mas..., como acontece com a maioria dos primeiros filhos de um casal, e um casal que tinha uma expectativa tão grande de se tornarem pais, mimaram demais a menina nos seus primeiros anos de vida. Não só os pais, os avós, tias, tios e todos ao redor. Zé e Wal eram muito queridos por todos, e todos estavam muito felizes por sua filhinha, que era o centro das atenções.

Não consigo me lembrar do motivo, mas por alguma razão, durante algum tempo o Zé nos levava a todos para a escola em seu carro. Íamos de manhã cedo para a sua casa e esperávamos por ele no quintal. Nessa época, Toninho também ia com a gente no carro do Zé, mas não estudava conosco. Nessas manhãs, enquanto esperava por ele, muitas vezes pensava na “Princesa Soraya”. Como podia aquela coisinha pequenininha ser tão petulante, pretensiosa e arrogante? O que será que ela pensava? Que é uma princesa só porque é filha deles?

Mas depois de algum tempo chegou Rogerio e logo depois foi a vez da caçula Adriana chegar. Nome estranho. Nunca tinha ouvido falar em mulher com aquele nome. Conhecia alguns Adrianos, mas nenhuma Adriana. A chegada de Adriana mudou um pouco o comportamento de Soraya. Ela já não era tão “chata”. Não era uma questão de benzer ou queimar travesseiros para acalmar Soraya como pensavam Hilda e Palmira anteriormente, apenas o excesso de carinho, atenção e mimos que a família dispensa ao primeiro filho muito aguardado.

Infelizmente meu contato com a família de Zé e Wal já não era tão grande por essa época. Tenho algumas lembranças das festas de aniversário de final de ano das irmãs que eram sempre ótimas, e por essa época Soraya não era mais a prima “chata”. Estava se transformando devagarinho desde aquele tempo em uma mulher fantástica, que soube me trazer conforto, carinho, compreensão, atenção e as palavras que eu precisava ouvir no momento mais difícil da minha vida, mesmo que hoje eu não consiga me lembrar das palavras que ela soube me dizer naquele dia. Em algum lugar no meu coração elas estão gravadas para sempre.

A irmã branca da menina preta ou a irmã preta da menina branca

A irmã branca, Walkiria, e a irmã preta, Maria Faustina, cresceram no bairro do Belenzinho.

Dois nomes sofisticados para um bairro tão comum.

As duas fotos a seguir, de Walkiria e Maria Faustina aos 18 anos, estão em preto e branco. A primeira é de Walkiria. Ela tem pele branca, cabelos escuros enrolados na altura dos ombros. Olhos pequenos e sobrancelhas finas. Está sorridente. Olha para o lado direito. Usa camisa clara de gola pequena abotoada até o pescoço e colete escuro. Faustina tem a pele negra. Cabelos escuros presos atrás da cabeça. Tem olhos amendoados e sobrancelhas finas. Está sorridente. Olha para o lado esquerdo. Usa blusa listrada de claro e escuro. Ambas expressam a ingenuidade e a alegria fácil dos jovens. As fotos não têm molduras. Parecem terem sido recortadas.



As duas se conheciam desde sempre. Nos anos de 1940, moravam perto e as mães mantinham amizade. Compartilhavam as dificuldades da vida cotidiana, a simplicidade das preocupações e as alegrias do lazer controlado a moedas. Frequentaram a mesma escola e completaram, juntas, quatro anos primários.

Walkiria era neta de imigrantes portugueses, por parte de mãe, e italianos, por parte de pai. Seus pais, João e Palmira, trabalhavam duro para manter a família.

A mãe de Faustina chamava-se Dionizia e o pai, Brás. Este fora militar. Todos os seus filhos nasceram na cidade de São Paulo, exceto Faustina, que nasceu em Franca, pois na ocasião o pai prestava serviço naquela cidade.

Brás deixou a carreira militar para, juntamente com um amigo médico, abrir uma marcenaria e parte do tempo dava aulas de educação física e etiqueta para os ricos.

Faleceu quando Faustina contava com um ano de idade. Aos quatro anos, foi com a mãe, 3 irmãos e uma irmã para a cidade de São Paulo, especificamente no bairro do Belenzinho, ocasião em que conheceu a menina Walkiria, de mesma idade.

Walkiria e Faustina eram confidentes. Walkiria segredava suas paixões e Faustina ouvia deliciada. Frequentavam bailes, ficavam juntas à espera do convite dos rapazes para Walkiria. Faustina nunca dançava. Nem nos bailes de carnaval, que iam desde crianças levadas por Dona Amélia, também uma das muitas amigas da vizinhança.

Vestiam-se com esmero. Cursaram corte e costura. Walkiria se saiu bem. Moldava e costurava seus próprios vestidos. Faustina não tinha esse mesmo talento. Deise, sua irmã, e Dona Amélia, costuravam seus vestidos.

A foto em preto e branco, a seguir, mostra Faustina e Walkiria, de 16 anos, em pé. Faustina está do lado esquerdo e Walkiria do lado direito de um pinheiro de Natal artificial ao ar livre. A árvore tem galhos bem espaçados e há enfeites pendurados, bem como algo imitando neve. Atrás delas há um prédio baixo. A foto está muito clara, quase sem contrastes, o que impede a observação mais detalhada. Faustina é magra, tem os cabelos presos atrás da cabeça. Usa saia, camisa fechada até o pescoço e casaquinho de mangas longas claros. Um cinto marca sua cintura. Walkiria é magra, tem os cabelos cacheados curtos, na altura da nuca. Usa vestido claro sem mangas e cinto escuro. Ambas estão sorridentes. Faustina olha para frente e Walkiria olha para a amiga. A moldura da foto é branca serrilhada



Faustina teve sua idade aumentada em dois anos para poder trabalhar aos catorze; sendo o seu primeiro emprego a tecelagem Nicolau Yeah, que ficava em frente à sua casa e de onde comprava bons tecidos para a confecção de suas roupas. As calças compridas somente eram permitidas nos piqueniques e usavam as dos irmãos mesmo.

As alegres viagens de trem até Santos também faziam parte do final de semana das amigas. As famílias (e isso quer dizer pais, avós, tias, tios, sobrinhos...) levavam comidas, bebidas, e aproveitavam o dia na praia. Passeios em parques, cachoeiras, e festas nos quintais das famílias também faziam parte da vida das duas.

A foto abaixo, em preto e branco, mostra as amigas, ambas com idade na faixa dos 16 anos, na praia. Estão dentro do mar, na parte ainda rasa. São magras e usam maiô, Faustina estampado e Walkiria liso. Posam para a foto. Não estão sozinhas. O irmão de Walkiria, Roberto, tem 13 anos e está deitado na água à sua frente. Somente seu rosto está visível. Junto com ele, sentados, estão os tios Helena e Armandinho. Helena tem os cabelos na altura dos ombros e está sorridente. Armandinho tem cabelos curtos e está sério. Ao lado das amigas há uma moça que não reconheço. Ela tem a pele branca, é magra de cabelos curtos e usa maiô. Uma onda pequena parece ter atingido o grupo, pois há respingos de água que sobem à sua frente. A moldura da foto é branca serrilhada.



Íam com frequência ao cinema no Cine Universo, no centro de São Paulo, e durante a viagem de bonde lembravam os episódios anteriores dos filmes seriados. Às vezes calhava de uma das duas ter perdido um deles e a outra tratava das atualizações para acompanharem as histórias juntas. O Cine Universo era uma maravilha da arquitetura da época. Quando o tempo estava bom, abria o teto na entrada do público e fechava durante as projeções.

O *footing* era outra diversão das irmãs postiças, que davam voltas na praça da igreja de São José enquanto os rapazes, parados, as paqueravam.

Quem se divertia mais nesse momento era Faustina. Nunca teve vontade de namorar, nem casar, nem ter filhos. Era aí que o sonho das moças se divergia. Walkiria queria, sim, casar e ter filhos em quantidade. O sonho de Faustina era outro. Sua mãe achava que ela queria ser freira, porque frequentava atividades dominicais recreativas de um colégio religioso do bairro, onde fez muita amizade com freiras e demais participantes daquelas atividades. De qualquer modo, as Salesianas não aceitavam negras. Tudo na vida delas era compartilhado. Mas tinham suas peculiaridades.

Faustina queria estudar. Com muito esforço e sacrifício cursou o ginásio, o colegial e duas faculdades, administração e contabilidade. Lembro de ter ido com a minha mãe na formatura da segunda.

Tinha uma paixão: tocar piano. Após o horário de trabalho na tecelagem, passou a ter aulas com a professora Vera (também bailarina), moradora do mesmo bairro, pagando com parte do seu salário. Faustina participou de uma apresentação, tocando piano, em uma festa no SENAI, na Moóca, onde também fazia curso de aprendiz de secretariado. A conclusão do curso no SENAI proporcionou a Faustina melhor posto de trabalho na tecelagem.

Sempre ajudou a irmã, Deise (como gostava de ser chamada, já que não gostava de seu nome de batismo e por isso não vou revelá-lo aqui), casada com dois filhos, uma menina e um menino, que morava em Poá e trabalhava na capital. Com a morte da mãe, Faustina passou a viver com a irmã, e agora as crianças, Rosmary e Valdir, contavam com os cuidados da tia e da mãe. Duas vezes na semana Deise levava as crianças para casa, para verem o pai e passarem o final de semana. O marido tinha um problema de saúde, mas nunca me foi dito qual. Somente sei que ele era culto e incentivava os filhos a lerem e estudarem muito. As crianças estudaram inglês com bolsa de estudo na escola de idiomas em que Deise trabalhava como zeladora.

Deise era uma mulher incrível. Tinha postura de manequim, pois o pai a educou para tal, fazendo com que praticasse equilibrando um livro na cabeça enquanto andava. Brás, Dionizia e ela compartilhavam o amor pelos livros e desde muito pequena já discutia as leituras com eles. Deise e o marido eram chamados de Casal Príncipe, devido à sua beleza, altivez e erudição autodidata.

As irmãs viveriam assim por muitos anos. Superaram a morte do marido de Deise e tantas outras dificuldades, inclusive a de encontrarem lugar para alugar, pois as pessoas negras não eram bem vistas. Eram taxadas de arruaceiras.

A foto abaixo, em cores, mostra as irmãs Faustina e Deise, na faixa dos 40 anos, em pé. Atrás delas há uma cortina. Posam para a foto. Faustina, de

frente, tem os olhos fechados. Deise está de lado e vira a cabeça para frente. A foto está muito clara, quase sem contrastes. Elas se parecem muito. Ambas têm os cabelos curtos arrumados um pouco fofos. Usam vestidos de mangas curtas estampados de branco e marrom, colares de pérolas e sandálias de couro marrons de salto médio. Estão sorridentes. A foto não tem moldura



Ao longo dos anos os sobrinhos concluíram os estudos. Valdir se formou médico pediatra. Faustina ajudou a custear parte dos estudos da sobrinha, pois trabalhou em firmas grandes como Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo e Souza Cruz. Na fábrica de cigarros passou a ser Inspetora de qualidade, pois já cursava o ensino superior. Aconselhou a sobrinha a prestar o vestibular para Administração (na década de 70 era um curso em expansão) e alguns anos depois, também o cursaria, bem como o de contabilidade.

A foto a seguir, a cores, é um instantâneo, pois as pessoas não estão posando. Faustina e Walkiria estão no centro da foto. Ao lado delas há outras pessoas, como a irmã Deise e minha irmã, Adriana, ainda adolescente. A foto foi tirada em plano médio, ou seja, da cintura para cima. Faustina veste beca preta com babados brancos. Tem os cabelos presos atrás da cabeça, sobre a qual há vários confetes. Olha para um colar em suas mãos e sorri. Walkiria, de cabelos na altura dos ombros e vestido preto de mangas curtas, também olha para baixo, na direção do colar, presente que deu a Faustina por sua formatura.



Nessa outra foto, Faustina está novamente de beca, mas já na sua segunda formatura. Tem os cabelos curtos. Usa faixa azul na cintura e tem canudo de diploma na mão. Ela está entre Walkiria e José, todos de meia idade. José tem estatura mediana, cabelos grisalhos e veste calça marrom e camisa bege. Walkiria tem os cabelos pretos e curtos. Usa calça marrom e blusa branca. Todos estão sorridentes e posam para a foto.



Após o casamento de Valdir e da morte de Deise, Faustina e a sobrinha continuaram a viver juntas, já que essa também não quis casar e dedicou sua vida ao estudo e ao trabalho, além das inúmeras viagens e festas que desfruta com a tia. Após a aposentadoria, Faustina começou a vender salgados e doces por encomenda para ajudar nas parcelas do consórcio do apartamento delas.

Nas visitas à minha mãe, ou nas festas em nossa casa, Faustina sempre

levou os seus famosos biscoitinhos de goiabada, o beliscão. Brincava com nossos filhos como se fosse também a avó deles. Até de cavalinho ela os levava. Sempre foi muito alegre e otimista.

Minha mãe trabalhara desde os 12 anos no Lanifício Varam, emendando os fios que se quebravam nas máquinas de tear. Sua identidade, assim como aconteceu com a amiga, foi modificada para que pudesse exercer a função. O Varam foi comprado em meados dos anos 1960 e incluído no que viria a ser a Tecelagem Vicunha.

Quando Walkiria ficou noiva de José, seus pais a fizeram sair do emprego. Deveria se concentrar no enxoval. Palmira também trabalhava na tecelagem. João era lapidador. Roberto vendia bijuterias na feira. Mais velho, trabalharia em uma Refinaria que depois foi incorporada à Petrobrás.

Walkiria queria mesmo ser mãe. Sempre falou dessa vontade e como se sentia realizada com seus 3 filhos. Demorou 3 anos para engravidar, depois do casamento; o que lhe acarretou grande expectativa e ansiedade. Mas, finalmente chegamos eu, Soraya, meu irmão Rogerio e minha irmã Adriana, na sequência. Nossa vida era muito boa e feliz. Minha mãe administrava a casa com esmero e estava sempre atenta às nossas demandas.

Bem, mas no meio dessa história toda, Faustina e Walkiria perderam o contato. Reencontraram-se, depois de alguns anos, por acaso, num casamento. Daí não se largaram mais. Voltaram a trocar confidências, lembrar do passado. Não versavam sobre o futuro. A amizade presente lhes bastava.

Minha mãe me contou muitos dos eventos que agora registro aqui. Faustina fez questão de ler o texto para ver se os fatos estavam corretos e completar o que faltava. Agradeço o amor e a amizade que sempre teve por minha mãe e por nossa família.

Nessa última foto, em cores, as amigas Faustina e Walkiria, ambas na casa dos 60 anos, posam sentadas em duas poltronas de madeira iguais. Estão na casa de praia dos meus pais, na sala de estar. Atrás delas há uma estante de madeira com portas e copos aparentes e um abajur. Preso ao teto, há um ventilador. Walkiria veste calça cinza escuro e blusa verde sem mangas. Faustina veste calça e blusa brancos, de mangas curtas. Estão sorridentes. Fazem a mesma pose para a foto: pernas cruzadas, a mão esquerda apoiada no braço da poltrona de madeira e mão direita apoiada nas pernas. Têm uma expressão de contentamento e paz.



A Mãe

Essa é minha mãe, Walkiria.

A fotografia abaixo, em preto e branco, é um retrato de Walkiria aos 17 anos. Parece um pôster de artistas de cinema da época, nos anos de 1950. Minha mãe está lindíssima. Essa é a foto dela que acho a mais bonita, por isso a escolhi para estar logo no início desta narrativa. Walkiria é fotografada do busto para cima. Tem o rosto redondo, boca pequena, lábios carnudos, olhos castanhos pequenos, nariz também pequeno e sobrancelhas finas. Seu cabelo é escuro, curto e cheio. Veste uma blusa clara, de mangas curtas na altura dos ombros, e decote quadrado. Do decote sai um gola alta que se estende até a nuca, cobrindo a parte de trás do pescoço e deixando a frente livre. Ela está encostada em uma coluna com relevos e saliências. Esboça um leve sorriso. Olha para o lado. Tem o olhar perdido. A foto tem moldura branca serrilhada e apresenta dobraduras e nervuras. Deve ter sido muito manuseada, talvez porque muitos tenham querido vê-la e apreciar tanta beleza. Eu mesma não me canso de olhá-la.



A mãe que todo mundo gostaria de ter. O que ela queria da vida era ser mãe. E teve 3 filhos. Soraya, Rogerio e Adriana. Minha mãe criou a mim e a meus irmãos com muito afeto. Cuidava de nós com o prazer de uma mãe que realmente queria ter filhos.

Era cuidadosa e muito ciumenta. Conversando com minha irmã, lembramos que somente ela, a filha mais nova, pôde dormir na casa de amigos e parentes. Mas eu e meu irmão nunca! Também não gostava que a gente brincasse na rua. Ela participava de todas as brincadeiras que quiséssemos; porém, só dentro de casa. E aí eram brincadeiras com bola no quintal, foguinho, barra-manteiga, e jogos como Detetive, que ela adorava, War, pega-palito; cantar e dançar ao som de Antônio Marcos, Ronie Von, Roberto Carlos, enfim, uma série de atividades para passarmos o dia juntos alegremente.

Era muito atenta aos nossos deveres de casa. Nos ajudava a memorizar a tabuada e as datas dos acontecimentos históricos que iam cair na prova. Cobrava-nos o estudo que nunca pudera ter. Adorava livros. Lia compulsivamente. Sua autora preferida era Agatha Christie.

Outra coisa que lembramos foram as simpatias que ela fazia, principalmente a de cortar o medo, que consistia em corrermos dentro de casa, entrando por uma porta e saindo por outra, e ela, com um facão na mão, perguntava: "O que eu corto?" e nós respondíamos: "O medo", e então ela dizia: "O medo eu corto". Fazíamos isso 3 vezes seguidas. E acreditávamos que nos ajudava mesmo. Só ficou o medo do escuro, que até hoje não consegui curar.

Sempre acompanhei minha mãe às compras no bairro do Brás. Havia inúmeras lojas a percorrer para comprar roupas para a família. Depois das compras, ela me levava nas Lojas Americanas para tomar suco de laranja de máquina e comer misto-quente; às vezes uma banana split ou um doce na Bauduco. Quando meu irmão e minha irmã já eram maiores, íamos todos. Meu irmão detestava ter que ir junto. Não gostava de nada, e minha mãe tinha que acabar comprando o que ela mesma gostava. Quando já éramos jovens, ela perdeu um pouco a paciência de ir comprar roupas com a gente, e aí dava o dinheiro pra gente se virar.

Nós a adorávamos. Os pais de Walkiria também a adoravam. Aliás, toda a família, toda a gente. Era uma mulher linda e cativante.

Foi uma criança muito frágil. Muito pequena já sofria de anemia profunda. Os pais, Palmira e João, economizavam no necessário para gastarem com o supérfluo, como uma caixa de bombons de chocolate que, sem vontade, a menina dava apenas algumas lambidas, como contava meu avô.

As duas fotos, na sequência, mostram Palmira grávida de Walkiria. Palmira, de 21 anos, tem cabelos escuros presos atrás da cabeça. Tem o rosto magro, olhos pequenos e boca larga. Usa um vestido claro com mangas sino até os cotovelos e decote com laço do mesmo tecido. Está em um jardim. Na primeira foto, João, de 23 anos, seu marido, a ergue e a leva

no ombro direito. Ela está sorridente. João é magro e calvo. Tem olhos e boca pequenos. Também está sorridente. Veste calças e camisa claras. Na segunda foto, Palmira está atrás de uma planta alta, mas pode-se ver sua barriga pronunciada.



As duas fotos abaixo, em preto e branco, foram tiradas em estúdio. Na primeira, Walkiria, de 2 anos, está montada em um cavalinho malhado, de madeira. Ela segura as rédeas. Tem o rostinho redondo, olhos e boca pequenos, cabelinhos escuros e ralos, presos por um laço de fita claro e bem grande. Usa vestidinho claro de mangas longas, com detalhe de fita escura na barra e abaixo do decote. A golinha redonda é bordada de florzinhas. Usa também meias e sapatinhos fechados. A menina olha para frente e está séria. A foto apresenta dobraduras, principalmente na moldura branca serrilhada.

Na segunda foto, Walkiria, de 7 anos, está com seu irmão mais novo, Roberto, de 4 anos. Estão sentados em um banco em meio a vasos com flores claras. Walkiria, novamente, tem os cabelos, agora cheios e na altura das orelhas, presos por um grande laço de fita clara. Não houve grandes mudanças em seu rostinho, se comparado à foto anterior. Ela usa um vestido claro de mangas curtas com detalhe de fita escura que também enfeita a cintura e o decote. Usa meias e sapatos claros. Roberto tem o rosto redondo, olhos, boca e nariz pequenos. Tem os cabelos claros e curtos. Apesar de não ficar evidente na foto, seus olhos eram azuis. Ele usa calças curtas claras com suspensório e blusa escura com colarinho e mangas claras. Usa também meias e sapatos escuros. As crianças estão arrumadas em poses iguais, com as pernas cruzadas, uma das mãos sobre o joelho e a outra apoiada na lateral do banco. Estão sérias e olham para o lado. A moldura da foto é branca e serrilhada e apresenta dobraduras.



A próxima foto, em preto e branco, é também de Walkiria e Roberto, com 8 e 5 anos de idade. A foto é amadora, tem a moldura branca serrilhada e um fecho de luz no canto superior esquerdo. Eles estão rindo. Parecem estar se divertindo muito. São fotografados do peito para cima e em primeiro plano. Walkiria abraça o irmão por trás e fica com o rosto grudado no do menino. Ele veste camisa clara com suspensório. Ela usa blusa clara com babados, um laço de fita na parte de trás da cabeça e pulseira.



As três fotos em preto e branco, a seguir, mostram Walkiria em diferentes idades: aos 10, aos 12 e aos 16 anos. Ela está mais magra e seu rosto um pouco alongado. Na primeira, ela está sentada em um jardim, usa vestido claro e sombrinha também clara e posa sorridente para a foto. Na segunda, está lendo uma revista deitada de bruços. Apoia-se nos braços, para segurar a revista e cruza os pés erguendo as pernas. Está em um degrau próximo ao batente de uma porta fechada. Usa vestido claro sem mangas sobre blusa escura, meias-calças e sapatos também escuros. Em ambas as fotos seu cabelo é longo. Na terceira foto, está sentada em um gramado, próximo a

uma árvore. Seus cabelos estão na altura das orelhas. Usa vestido rodado claro, que cobre-lhe as pernas, e chapéu, também claro, de abas largas. As fotos têm moldura branca serrilhada e apresentam marcas de dobraduras.



Walkiria era alta. Cresceu muito rápido, o que acarretou um problema nos rins, que não acompanharam o crescimento. Durante alguns anos teve que usar um colete para colocar os rins “no lugar”. Era esbelta e tinha a pele muito branca, olhos castanhos expressivos. Cabelos também castanhos na altura dos ombros, boca pequena. De tão magra, e com a cintura marcada, ouvia dos rapazes na rua: “Vai quebrar!”. Onde trabalhava, inclusive, havia uma colega que dizia que ela usava espartilho, que a cintura tão fina não era “normal”. Um dia Walkiria chamou a colega no banheiro, levantou a blusa e perguntou: “Está vendo algum espartilho?”, deixando a outra de queixo caído.

Abaixo há uma sequência de 6 fotos de Walkiria moça, de 17 ou 18 anos. Na primeira foto ela está de cabelos curtos, veste calças compridas e blusa de mangas longas e gola alta. Posa sentada em uma bicicleta. Esboça um sorriso. Na segunda foto ela também está de cabelos curtos e veste roupa de soldado, com calças compridas largas, jaqueta de mangas compridas abotoada até o pescoço e quepe de lado na cabeça. Posa fazendo continência e com riso largo. Na terceira foto ela está em frente à sua casa. Posa segurando, com uma das mãos, a grade da janela e leva a outra para trás de si. Olha para o lado e esboça um sorriso. Usa cabelos de tamanho médio e cheios, um pouco encaracolados. Seu vestido, em tom escuro, tem a saia rodada e corpete ajustado, definindo bem sua cintura fina. Na quarta foto ela está em frente à porta de entrada. Com uma das mãos segura a grade da pequena janela de segurança e leva a outra para trás de si. Tem os cabelos um pouco mais compridos, na altura dos ombros. Usa um vestido claro de saia rodada e corpete ajustado. Olha para frente e sorri. Na quinta foto ela está de maiô escuro e seca os cabelos compridos com uma toalha. Atrás dela há uma parede com uma torneira, provavelmente uma bica pública para banhistas quando saem da praia. Na sexta foto ela posa com uma capa de chuva clara e uma sombrinha aberta apoiada no ombro. Tem os cabelos compridos. Olha para o lado e sorri. Todas as fotos têm moldura branca serrilhada e apresentam dobraduras e manchas.

Sua mãe não se cansava de fotografá-la!



Faustina, sua melhor amiga na vida, contou que na juventude, quando saíam juntas, Walkiria nunca levava casaco para não desarrumar seu visual tão bem planejado. Voltava para casa sempre tremendo de frio.

Sua beleza a destacava das pessoas comuns; e se manteve assim por toda a sua vida. Muitas vezes foi tachada de antipática e fez poucas amizades. Mas era sua altivez, e a certeza de espalhar a beleza por onde passava, que a faziam parecer assim.

Outras duas grandes amigas foram Hilda e Helena, suas tias 10 e 6 anos mais velhas, respectivamente. Como foram temporonas dos meus bisavós (Urbana teve a caçula Helena com 47 anos), suas idades eram muito próximas. Eram confidentes. Sabiam tudo (ou quase tudo) da vida umas das outras. Hilda ficara viúva muito jovem, aos 27 anos, com dois meninos, um de 1 ano e outro de 2 meses. Walkiria ajudou a tomar conta das crianças, principalmente do mais velho. Helena enviuvou já com os filhos adultos, com netos. Mas minha mãe também ajudou a tomar conta de sua filha mais velha, pois Helena tivera gêmeos logo depois. Elas sempre se visitavam. Passamos inúmeras tardes na casa ora de uma, ora de outra. Também se telefonavam, combinavam passeios para os finais de semana, comidas para as festas e pique-niques com a família.

A mãe e o pai do meu avô João vieram da Itália e se estabeleceram na cidade de Pedreira, em São Paulo. Ela era do norte, de Verona, e ele do sul, da Calábria. Não me lembro de minha bisavó Josephina, mas meu irmão, quando queria me chatear, me chamava de “Nona Pina”.

As famílias dos irmãos de minha avó Palmira moravam muito próximas umas das outras. Alguns, em momentos diversos, moraram nos pequenos apartamentos de dois quartos, sala e cozinha, no quintal da casa dos meus bisavós. Meus avós moraram lá por vários anos. O único banheiro era coletivo e ficava no meio do quintal. No inverno era difícil levantar da cama à noite para usá-lo. Roberto, irmão de Walkiria, a chamava para ficar de guarda contra os monstros que pudessem aparecer. Ela fazia de tudo para ele. Sempre foram muito próximos. Roberto era ativo e debochado. Walkiria era contida.

A foto abaixo, em preto e branco, mostra Walkiria e Roberto em pose inusitada. Estão na praia. Ele devia ter 7 anos e ela 10. Walkiria, bem magrinha, leva o irmão nos ombros. Ela está sorridente, ele sério. Ele veste calção de banho e ela um conjunto de saia e bustiê estampado. Ele está bronzeado, mas pode-se ver a marca branca deixada em seu peito por uma camiseta regata. A foto tem moldura branca serrilhada e várias manchas claras. A figura dos dois está bem centralizada e o fundo mostra o encontro da faixa de areia com o mar



A próxima foto já traz os irmãos em pose inversa. Roberto, de 13 anos, segura Walkiria no colo. A moça é bem mais alta do que ele, mas Roberto a segura e seu rosto é quase totalmente encoberto pela irmã. Ele veste calças e jaqueta escuras. Walkiria veste calças escuras e blusa clara. Ri muito. Segura em um dos braços do irmão para se equilibrar. É interessante ver que Roberto, na verdade, a segura com um braço só. Já era bem forte! A imagem está um pouco desfocada, parece que a foto foi tirada com as figuras ainda em movimento. A moldura é branca serrilhada e apresenta dobraduras



A foto abaixo mostra Roberto com 16 anos e Walkiria com 19. Eles estão sentados na areia da praia. Ele usa calção claro e ela maiô escuro com detalhe claro no decote. Estão na mesma posição, apoiados nos braços, com as pernas um pouco encolhidas e viradas para a direita. Seus pés estão sujos com a areia lamacenta da beira do mar, que é marcada por riscos de ondas deixadas pela maré cheia. Entreolham-se e parecem conversar. Roberto tem porte atlético. Walkiria é magra, mas tem as pernas torneadas. A moldura da foto é branca serrilhada. A imagem está muito clara no centro, deixando as

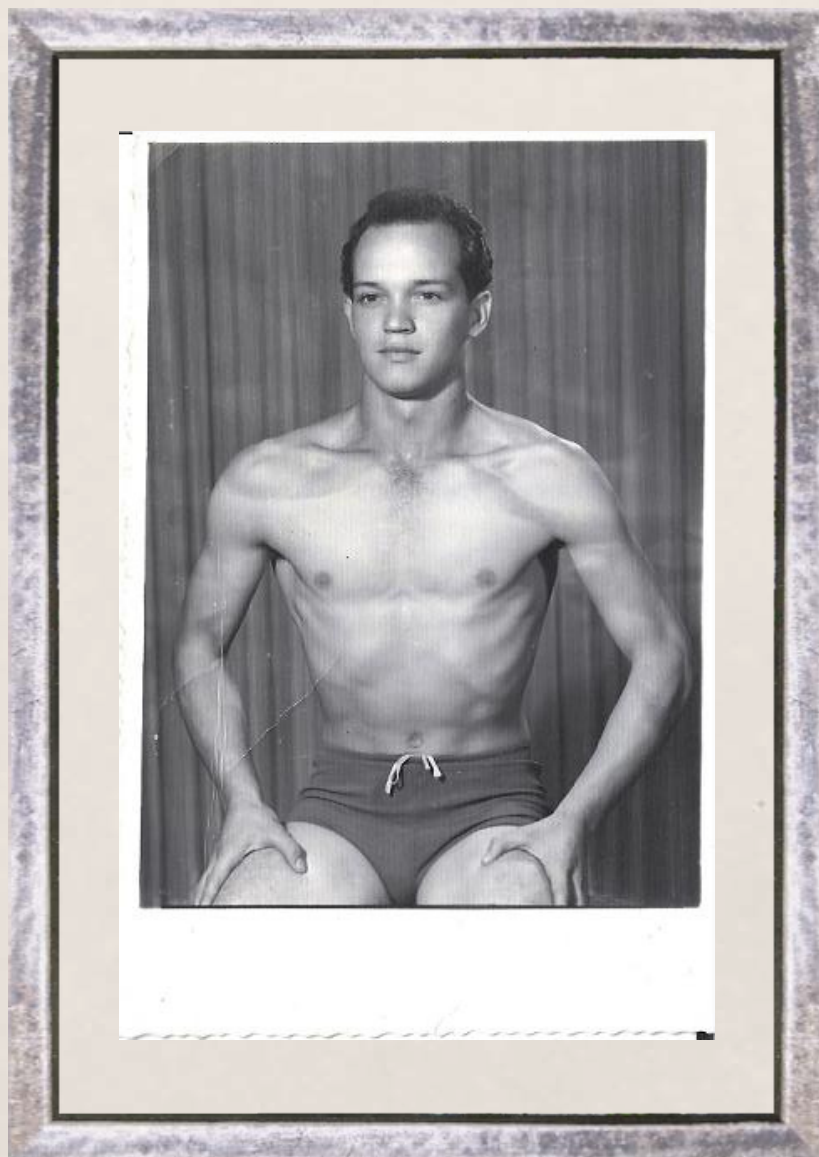
figuras esbranquiçadas e o fundo mais escuro.



A última foto dessa sequência dedicada aos irmãos, traz Walkiria, de 19 anos e Roberto de 16, sentados nos dois degraus próximos ao batente da porta da entrada de sua casa na Travessa Artur Mota. Dos dois lados pode-se ver o detalhe da parede de ladrilhos. Walkiria tem os cabelos médios ondulados. Usa vestido claro, que lhe cobre os pés. Roberto, apesar da pouca idade, já tem entradas bem marcadas nos cabelos. Usa calças e sapatos escuros e camisa clara. Walkiria olha para o irmão com amor e admiração. Roberto olha para frente. Os dois esboçam um sorriso. O mais bonito dessa foto é que os irmãos estão com as mãos entrelaçadas. Para mim, essa foto demonstra o quanto se amavam, o que pude apreciar durante toda a convivência com eles.



Nessa outra foto, Roberto está em toda sua plenitude física. Está sentado. Usa somente um calção de banho. É fotografado da coxa para cima. Apoia as mãos nas coxas e mostra seu torso com músculos definidos. Devia ter 17 anos. Olha para frente, sério. Sua figura é linda e cativante



Os pais de minha avó Palmira vieram de Portugal para o Brasil, ambos da região de Castelo Rodrigo. Minha avó vendia verduras nas ruas e meu avô era soldado, quando se conheceram.

As duas fotos abaixo trazem o casal em situações esportivas. Na primeira, ainda jovens, estão sentados na beira do mar, no rasiño. João está magro, apesar de eu só me lembrar dele gordo. É quase calvo. Usa um traje de banho escuro, que parece um maiô que vai até o meio das coxas. Uma de suas alças está caída, o que dá a impressão de descontração. Está encostado em Palmira. Ela é magra e usa maiô escuro e uma touca também escura. Estão sorridentes. Atrás deles há banhistas e o mar que se encontra com o céu no infinito. A moldura é branca serrilhada. A foto apresenta muitas marcas de dobraduras e manchas escuras.



Na próxima foto, o casal já devia estar na casa dos 40 anos. João ainda magro, mas calvo, está sentado em um gramado e Palmira está sentada em seu pescoço. Ela sempre magra. Tem os cabelos escuros na altura das orelhas. Ambos usam calças escuras e camisas claras. Riem muito. Atrás

deles, a paisagem é de um vale e o céu com nuvens. É difícil precisar onde termina a faixa de terra e começa o céu. A moldura da foto é branca serrilhada e está um pouco suja



João era lapidador. Trabalhava na Nadir Figueiredo, indústria que produzia vidros para perfume e jogos de copos de cristal. Orgulhava-se das mãos “finíssimas” e do traço preciso.

Por alguns anos, Palmira trabalhou como empregada em casas de família. Aprendeu muito de etiqueta, arrumação da louça, o serviço da comida, traquejos de gente mais abastada. Quando Walkiria era pequena, a mãe levou-a junto em uma dessas casas e ela viu uma boneca no quarto da filha da patroa. Sem posses, Palmira explicou para a menina que não seria possível ela ganhar uma igual. Era uma boneca grande, de porcelana. Palmira era muito querida pela patroa e esta, próximo ao Natal, mandou levar uma boneca igual à da filha para minha mãe. A menina ficou tão surpresa que adoeceu, teve febre, de tanto contentamento.

Minha mãe contava que meu avô saía mais cedo do trabalho do que minha avó. Assim, chegava em casa e queria ver Walkiria e Roberto prontos para tomar banho e jantar. Ele cuidava das crianças e ía buscar minha avó. Meu tio Roberto era muito levado e, algumas vezes, não obedecia o horário de estar em casa. Aí meu avô saía atrás dele e era surra na certa. Muitas vezes minha mãe o procurava quando ía chegando o horário do pai entrar em casa.

João era caseiro e Palmira adorava sair, passear. Se ele dava o contra, ela só avisava: “Se você quer ficar, pode ficar, mas eu vou”. E lá ia ele atrás dela. Palmira era muito disposta. No sábado à noite, depois de mais um dia de trabalho, fazia os comes para levarem em um pique-nique em algum

parque. Hilda e Helena, irmãs de Palmira, chamavam meu avô carinhosamente de “Johnny”.

As duas fotos em preto e branco, a seguir, mostram outros momentos da família na praia. Devem ser do mesmo dia da foto de Walkiria levando Roberto nos ombros, pois sua idade e roupa de banho são iguais à outra. Na primeira foto, estão Palmira, com trinta e pouco anos, Walkiria, com 10 e Jandira, irmã do meu avô, na casa dos 40 anos. Palmira é magra e tem os cabelos escuros na altura dos ombros. Usa maiô escuro que cobre até o início das coxas. Está abraçada com minha mãe, também bem magrinha, que usa uma saia e um bustiê claros. A menina está abraçada com Jandira, que é mais alta que as duas e também mais rechonchuda. Seus cabelos, na foto, parecem escuros, mas na verdade eram loiros. Usa maiô como o da cunhada. Todas estão sorridentes. Atrás delas, o mar e alguns edifícios. Já na segunda foto, a família posa fazendo uma acrobacia. João, também na casa dos 40 anos, magro, trajando calção de banho, se curva para frente. Walkiria se equilibra de joelhos nas costas do pai, e Jandira segura o braço da menina para apoiá-la. Todos estão sorridentes. Atrás deles, uma longa faixa de areia, o mar e o céu. A moldura das fotos é branca serrilhada e parecem bem manuseadas, pois apresentam dobraduras e estão um pouco sujas



Na próxima foto estão Walkiria, de 15 anos, Roberto, de 12 e Helena, de 21, posando em cima de suas bicicletas na beira da praia. Atrás deles há banhistas, o mar e um morro. As duas moças são magras e têm os cabelos iguais, escuros, na altura das orelhas, ondulados e desarrumados pelo vento. Walkiria usa um conjunto claro de shorts e blusa sem mangas. Roberto, que está entre as duas, usa calção de banho. Helena veste conjunto de shorts claro e blusa escura. Todos estão sorridentes. São fotografados de lado e

viram-se para olharem para frente. A moldura da foto é branca serrilhada e apresenta manchas e dobraduras. A imagem está muito clara e desfocada, apesar de a foto estar bem composta, com as figuras centralizadas



Depois de alguns anos morando no quintal dos avós, Walkiria, a mãe, o pai e o irmão mudaram-se para uma casa só deles, a poucos minutos de onde viviam antes. A casa tinha um quarto, sala, cozinha e banheiro. Walkiria dormia na sala, e o irmão num pequeno quarto de costura no fundo. Agora já não tinha medo do escuro.

Atrás de sua casa havia um fábrica com uma chaminé de tijolos muito alta. Um dia, uma tragédia veio a acontecer: dois homens que limpavam a chaminé, pai e filho, caíram do alto e levaram consigo parte dela. Os tijolos caíram sobre o quarto em que Roberto dormia. Walkiria, ao ver o quarto destruído, caiu desmaiada antes de saber que Roberto não estava lá quando do desabamento. Ao acordar, já sentia o abraço do irmão a lhe envolver.

Walkiria, após ser cortejada por vários rapazes, começou a namorar José. Conheceram-se na vila onde moravam. Quando o pai de José morreu, esse andava cabisbaixo, triste, e foi aí que os vizinhos aproveitaram a situação para apresentá-lo a Walkiria. Ele tinha vinte e três anos. Ela, 19.

Casaram-se três anos depois, sem muita convicção, após impossibilidades amorosas. Ambos relatariam a mim que as coisas foram tomando rumo e quando perceberam já estavam casados. Não sei ao certo o que esperavam da vida em comum. Devem ter sido influenciados pelos inúmeros filmes de amor aos quais assistiam toda semana. De qualquer modo, o rapaz trabalhador conquistara os pais da noiva.

O casamento foi um evento muito esperado. Todos queriam ver Walkiria de noiva e ela não decepcionou ninguém. Estava belíssima em seu vestido todo branco. Usava um corpete de renda bordado com madrepérolas e uma saia princesa de tule trançado em matelassê. O véu caía-lhe da cabeça como uma cascata, preso pela grinalda de flores no topo da cabeça. O buquê

também era de flores brancas com folhagens. A sequência de 3 fotos abaixo, tiradas do álbum de casamento de meus pais, mostra Walkiria em diferentes momentos da festa. Na primeira, ela é fotografada em plano médio, ou seja, acima da cintura e de baixo para cima, o que engrandece sua figura. Ela tem os cabelos escuros, curtos e cacheados. Apresenta um largo sorriso. Olha para o lado. A foto tem moldura branca lisa. A segunda foto é de Walkiria e José com o padrinho Roberto e a madrinha Hilda. Os homens usam terno escuro com camisa, gravata e lençinho no bolso do peletó brancos. Hilda usa um vestido escuro com bolsa em tom de cinza e colar de pérolas com voltas adornando o decote. Seus cabelos curtos e escuros estão penteados ao estilo da época, cheios no topo da cabeça. Walkiria está entre José e Roberto. Posa com seu vestido bem armado, que toma a maior parte da figura, tapando os pés de seu noivo e dos padrinhos. Todos estão sérios e olham para frente, uma pose comum de fotos de casamento. A terceira foto traz Walkiria sozinha, de corpo inteiro, posando em uma sala à parte do salão de festas, em frente a um espelho alto. Com a mão direita toca a moldura do espelho e se vira levemente de lado para olhar para frente. Com a mão esquerda segura o buquê. Sua figura se reflete no espelho, o que dá duplicidade à imagem. Ela está sorridente. Talvez pensando no futuro que a espera.





Durante muito tempo sua foto de noiva, em tamanho real, enfeitou a entrada do estúdio do fotógrafo do casamento. Quem a tinha visto, lembrava-a magnífica. Quem não, admirava a sublime figura.

A lua-de-mel foi em Santos, em um apartamento cedido por um amigo da família. Pode parecer estranho, mas meus avós foram visitá-los! E ainda levaram Eliana, a menina de quem minha mãe tanto gostava. Uma vez perguntei o que meus pais acharam disso e responderam que era costume.

As fotos abaixo, em preto e branco, formam a sequência da lua-de mel. Na primeira, Walkiria está de maiô escuro, deitada na vasta faixa de areia na praia. Ao fundo e longe da moça, alguns banhistas e o mar. Ela dobra uma das pernas e vira o rosto levemente para o lado e olha para frente, sorridente. Sua silhueta elegante, suas pernas bem torneadas e seu corpo curvilíneo embelezam o local. Na segunda foto, José leva Walkiria sentada em seus ombros. Ela segura na cabeça dele para se equilibrar. As ondas do mar batem na altura dos joelhos do marido. Atrás, o mar se encontra com o céu. Walkiria está com o mesmo maiô e José com uma calção escuro. A foto está desfocada, mas percebe-se que ambos estão sorridentes. Walkiria está com os cabelos curtos molhados e uma das alças do maiô desce até o meio de seu braço direito. A foto tem moldura branca serrilhada. A terceira foto dessa sequência mostra Walkiria fotografa por trás. Ela caminha em direção à praia. Está com o maiô escuro, um chapeuzinho, sandálias de dedo e leva na mão uma toalha de banho. O maiô é decotado nas costas até a linha da cintura. Sua cintura fina e o corpo curvilíneo estão bem marcados. Ela parece

caminhar lentamente sobre o passeio de pedras brancas e pretas imitando ondas. Peço licença a Tom Jobin e Vinícios de Moraes ao citar um trecho da música Garota de Ipanema, pois descreve bem a figura de Walkiria: “Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça, é ela menina que vem e que passa, num doce balanço a caminho do mar”. A foto tem moldura branca serrilhada.



José e Walkiria foram viver na casa que era dele e da família. Ele havia comprado a parte dos irmãos e por isso morava na frente em um quarto (onde mais tarde dormiríamos o casal, eu, meu irmão e minha irmã), sala, cozinha e banheiro. A mãe morava nos fundos. Walkiria não gostou muito de ter que morar com a sogra, mas adorou o fato de morar perto dos pais.

José dava duro no trabalho, consertando os carros da empresa Vigor. Ia almoçar em casa todos os dias às 11:00h. Walkiria tinha que ter tudo na mesa para ele poder rapidamente comer e voltar ao trabalho, sempre a pé. Após a Vigor, tornou-se sócio do irmão em uma empresa, a Hidráulica Ferreira, que resultou em um próspero negócio. O almoço em casa foi seu costume a vida toda. Ninguém comia antes de ele chegar. Era uma regra imposta pela minha mãe. E tudo deveria estar na temperatura certa quando ele se sentava à mesa. Meu pai sempre detestou comida fria.

Roberto se casou com Miriam, também moradora do bairro. Ela era uma moça bonita e andava sempre maquiada. Era muito vaidosa, como a cunhada. As duas se davam muito bem. O casal teve uma única filha, Fabiula. Antes de ela nascer, o nome cogitado era Débora. Quando a menina nasceu eu tinha 3 anos e, ao me dizerem que a neném se chamava Fabiula, eu comecei a chorar perguntando o que tinham feito com a Débora, que eu queria a Débora. Foi um custo para me convencerem que só tinham escolhido outro nome.

A foto abaixo, em preto e branco, traz Roberto e Miriam posando em um jardim próximo à praia, em Santos. Atrás deles há um edifício em construção. Roberto, de 21 anos, tem o porte atlético. Tem entradas marcantes nos cabelos claros. Usa calção de banho em tom de cinza. Olha para o lado. Com o braço direito abraça Miriam, de 19 anos, pelos ombros. Ela segura o rapaz pela cintura com a mão esquerda e com a direita segura a mão dele em seu ombro. Ela é magra e baixa, mas tem o corpo bem torneado, com a cintura fina. Tem cabelos escuros curtos, olhos e boca pequenos. Usa maiô escuro. Olha para frente. Ambos esboçam um sorriso. A foto está bem composta e as figuras centralizadas, permitindo a vista da paisagem atrás delas. A moldura é branca serrilhada e apresenta manchas e dobraduras.



Roberto gostava muito de pescar. Ele, a mulher e a filha saíam sempre para pescarias no final de semana. Também caçavam rãs. Pesquei poucas vezes com ele, e sempre foi uma festa. Pescávamos quando íamos passar final de semana em casa de praia de algum amigo do meu pai ou, já mais tarde, na casa dos meus pais na praia de Toque-toque Pequeno.

Nós, tia Miriam e Fabiula, passamos algumas vezes férias juntos em Santos. Aliás, Santos era um lugar que já era visitado por minha família a gerações. Uma vez as cunhadas, sentindo-se muito arrojadas, estream um maiô duas peças. Decidiram que íam se bronzear para esperar os maridos quando fossem nos visitar no final de semana. À época, ninguém usava protetor solar. Usava bronzeador, óleo mesmo. As crianças não usavam nada, mas depois ficavam queimadas, sem poder encostar em canto nenhum, com a pele saindo. E tocava queimar por cima. Bem, o esforço das duas para se bronzearem acabou acarretando em queimaduras bem feias. E aí, no final de semana, os maridos não puderam chegar nem perto.

A seguir, a foto colorida, mas em tom arroxeadado, mostra as duas sereias tomando sol em um dia de céu azul, em Santos. Elas posam sentadas em uma esteira, na areia, com as mãos no chão e uma das pernas dobradas. Walkiria usa um maiô verde e Miriam um duas peças lilás. Ela olha para frente e minha mãe olha para o horizonte. Atrás delas estamos meu irmão e eu, outros banhistas e o mar e o céu azul sem nuvens ao fundo. A moldura é branca lisa, mas a imagem é arredondada nos cantos. A foto apresenta manchas e dobraduras.



Fabiola era muito amiga de minha irmã. Sempre que estavam juntas não queriam saber de mais ninguém. Minha mãe até tinha que deixar minha irmã dormir na casa dela. Teve que ceder. Meus tios eram muito carinhosos com a gente. Sempre os visitávamos e eles a nós, e aí faziam pizzas caseiras, salgadinhos e churrascos de T-Bone. Estávamos sempre felizes juntos. A foto

abaixo é do batizado de Adriana.

A foto a cores, em tom arroxeadado, foi tirada na porta da igreja São José do Belém. Na fileira de trás estão Luzinda, Hilda, Marlene e Palmira. Não é possível ver seus trajés. Na fileira da frente estão Roberto, de 27 anos, já calvo. Veste terno azul-marinho sem gravata. Ao lado deles está Miriam, de 25 anos, cabelos chanel bem arrumados. Usa vestido vermelho sem mangas sobre camisa branca. Ao lado dela está minha mãe, de 30 anos. Também tem o cabelo chanel arrumado. Usa um vestido marrom com detalhe em bege na barra e na gola. Segura minha irmã, de 4 meses. O bebê usa uma roupinha toda branca. Ao lado delas está Isabel, com um conjunto de saia e blusa marrons com uma flor branca do lado esquerdo. Por fim, na frente de todos, estamos eu e minha prima Fabíula. Ela tem um aninho. Tem o cabelinho loiro e curto. Usa vestidinho azul-marinho com meias e sapatos brancos. Chupa chupeta. Eu, com 4 anos, estou de maria-chiquinhas. Uso um vestidinho de cintura baixa, com a parte de cima branca e a de baixo cinza. Meias e sapatos brancos. Uso também uma bolsinha a tira-colo branca. Todos olham para frente, com exceção de Miriam, que olha para o lado e coloca a mão direita em meu ombro, minha mãe e Isabel, que olham para Adriana. A foto tem moldura branca lisa e parece bem manuseada, pois tem os cantos dobrados e algumas manchas.



Vivíamos todos bem em nossas vidas normais até a morte de minha avó Palmira. A filha a encontrara morta enroscada na cortina pega-moscas da cozinha. Perto, uma cadeira caída. Palmira há muito se tratava “dos nervos”, como se dizia à época, e o cenário indicava suicídio, mas essa hipótese nunca foi confirmada nem cogitada pela família.

Seu psiquiatra pedira autópsia; mas, um médico da família fez o assunto morrer ali mesmo. Deu o laudo de enfarto fulminante para evitar mais desgostos.

Eu estava para completar dez anos quando isso ocorreu.

Nada nos fora explicado. Só sei que tínhamos que nos mudar porque o metrô estava desapropriando a área para a passagem dos trilhos. Guardar segredos sempre foi o esporte preferido dos meus pais. Eu tenho tanto horror a isso que procuro lidar com minha filha e meu filho de modo bem diferente. Tudo às claras.

O que se passou com Walkiria foi que se desestabilizou e a depressão tomou conta de sua existência. Adorava a mãe. Era o seu pilar de sustentação.

Durante muitos anos a acompanhei em numerosos cultos de diferentes religiões. A resposta que procurava nunca veio.

Só quarenta anos depois tive a coragem de conversar com minha mãe sobre o ocorrido, perguntar a ela diretamente se minha avó havia se suicidado ou não. Ela disse que não tinha certeza, que preferia pensar que não. Eu disse a ela que, infelizmente, a única memória que tenho de minha avó é dela morta na cozinha. Minha mãe me assegurou que não presenciei a cena e que não conseguia explicar como essa imagem tinha chegado até mim. Talvez eu a tenha ouvido contar para outras pessoas.

Naquele ano, final de 1974, só tenho lembrança da tristeza. Meu aniversário seria dali a alguns dias. Não teve festa. Só um bolo com a cara da Mônica que levei na escola. Bem diferente das festas que meus pais davam em nossos aniversários. Minha mãe, meu pai e meu irmão comemoravam juntos, pois são todos de outubro. Minha mãe 21 e pai e filho no mesmo dia, 16. O meu aniversário e da minha irmã também eram comemorados juntos. Eu sou de 21 de dezembro e ela 18 de janeiro.

De qualquer modo, Walkiria se tornara o centro de uma numerosa família. Seu riso fácil e carisma contagiavam a todos. Todas as festas eram na casa onde estivesse morando. Ela e meu pai também recebiam os parentes no domingo para os tradicionais jogos de buraco e café, além dos churrascos à beira da piscina.

Nunca declarou, de viva voz, que sofria de depressão. Às vezes dizia que se sentia mal e ia buscar conforto na física e na metafísica, mas penso que nunca o encontrara. Teve câncer 4 vezes. O primeiro quando estava grávida da minha irmã. O último a levou aos 76 anos, menos de 2 meses depois de diagnosticado. Extremamente agressivo.

Minha mãe morreu num sábado. Aproximadamente às 11:00h, nos poucos minutos em que interrompi minha vigília, talvez na tentativa de me poupar da tristeza de vê-la partindo. Coisa de mãe. Nos dois últimos meses antes de sua morte, em que eu, minha irmã e meu irmão nos dedicamos ao seu cuidado, nos aproximamos, beijamos, abraçamos mais intensamente do que nos últimos anos.

Claro que seu último ato não poderia destoar de toda a sua trajetória. Reuniu em torno de si seus filhos amados e nos embalou com seu amor, unindo- nos para podermos ter forças de encarar sua partida. Coisa de mãe.

Na última foto dessa narrativa, minha mãe está em Bariloche, na Argentina, em meio a um passeio na neve. Atrás dela há vários pinheiros bem branquinhos, cobertos de neve. Ela tinha 50 anos à época. Usa calças, casaco e botas pretos e uma blusa estampada em tons de marrom. Ergue os braços e olha para o alto com um riso largo, numa pose de alegria contagiante. Ela era assim. Amava a vida!

